

Como Perdemos nossos  
Ideais?

Leonardo Zoccaratto  
Ferreira

*Sobre como a crueza do mundo sempre trata de  
esfarelar nossos mais intensos sonhos...*

## Sumário

<b>1. Abrem-se as cortinas.....</b>	<b>6</b>
<b>2. O ideal grego.....</b>	<b>12</b>
2.1 <i>O cosmos e o papel do Homem.....</i>	<i>14</i>
2.2 <i>Édipo Rei: A tragédia daquele que não pode desobedecer o cosmos.....</i>	<i>21</i>
2.3 <i>A Eudaimonia.....</i>	<i>27</i>
2.4 <i>A vida com algum significado: o caso grego.....</i>	<i>32</i>
<b>3. Ideal cristão. ....</b>	<b>37</b>
3.1 <i>Deus e o papel do Homem. ....</i>	<i>41</i>
3.2 <i>Como conhecer Deus? .....</i>	<i>48</i>
3.3 <i>O revolucionário Jesus Cristo.....</i>	<i>54</i>
3.4 <i>O choque de realidade: A crise do grande Pai e da inteligência do universo.....</i>	<i>65</i>
<b>4. O ideal moderno. ....</b>	<b>72</b>
4.1 <i>A fé na razão. ....</i>	<i>76</i>
4.2 <i>Vontade x desejos: Não somos caranguejos!.....</i>	<i>81</i>
4.3 <i>A ação desinteressada de Kant.....</i>	<i>86</i>
4.4 <i>O prelúdio do fracasso.....</i>	<i>93</i>
<b>5. Filosofia do martelo. ....</b>	<b>101</b>
5.1 <i>A queda dos ídolos.....</i>	<i>108</i>
5.2 <i>Quem manda é o corpo.....</i>	<i>117</i>
5.3 <i>O Homem interesseiro.....</i>	<i>127</i>
5.4 <i>O Homem de Agostinho era um infeliz? .....</i>	<i>149</i>
<b>6. Construindo um caminho. ....</b>	<b>159</b>
6.1 <i>Há liberdade? .....</i>	<i>166</i>

6.2 <i>Um ideal a se buscar</i> .....	180
6.3 <i>Devaneios sobre a convivência a partir do Homem interesseiro</i> .....	196
<i>I - A luta pelo conceito de bom e mal</i> .....	198
<i>II - Odiosa Democracia</i> .....	206
<i>III - O medo</i> .....	213
<i>IV – Meritocracia</i> .....	217
<i>V – Política</i> .....	219
<i>VI - O outro como instrumento</i> .....	223
<b>7. Fecham-se as cortinas</b> .....	<b>228</b>
<b>8. Bibliografia</b> .....	<b>231</b>



## ***1. Abrem-se as cortinas.***

...e assim que Zeus e seu exército tomou conta do espaço surgido entre Gaia e Urano, assim que ele o dividiu e organizou, depois da ressaca pela bebedeira que se deu após a festa da vitória, os deuses entediados poderiam fazer qualquer coisa para se divertir. O que melhor para entreter do que criar seres mortais, tolos, finitos, passíveis sempre de manipulação, de ser feito de fantoche?

Os deuses deram aos irmãos Prometeu e Epimeteu um saco cheio de atributos para distribuir entre as criaturas mortais. Epimeteu era responsável pelos animais e a Prometeu tinha sobrado uma criatura bastante estranha, bípede, um pouco curvada, popularmente conhecida como Homem. Aquele primeiro pegou o saco e foi tirando os atributos e os foi sorteando: a onça ficará com... a velocidade; o leão é o rei da floresta; o elefante é pesado; a tartaruga tem um casco fortíssimo; e o coelho, bom, o coelho procria rapidamente. Todas as criaturas ganharam uma característica que a permitia sobreviver e que, de certa forma, equilibrava o cosmos de uma tal forma a compor um todo perfeito, harmônico e organizado. Pois é, todas menos uma: o Homem. Epimeteu não sabia, mas

tinha cometido o erro mais desastroso da história, porque quando Prometeu pegou o saco de atributos dados pelos deuses e enfiou a mão para tirar um para o Homem encontrou o nada, nenhum atributo tinha restado, ali estava uma criatura sem razão de existir.

Prometeu só tinha uma opção: invadiu à surdina o palácio dos deuses e roubou a astúcia e o fogo de Zeus, dando-lhes para o Homem. Como você pode imaginar, Zeus não é o tipo do cara que gosta de ser sacaneado, restando-lhe condenar Prometeu a um castigo eterno, ser comido por uma águia nada amistosa. Mas o estrago já estava feito. O Homem não tinha a velocidade da onça ou a força do Leão, porém podia criar, através da Inteligência, instrumentos ou ferramentas que simulassem estas qualidades. Ao mesmo tempo que não era nada, tinha a capacidade de ser tudo...

Tal história baseada na Teogonia de Hesíodo era a maneira como a mitologia grega explicava o ser humano. Criado por alguma razão, ele é o único que não sabe muito bem o que está fazendo neste mundo. Precisa encontrar esta resposta enquanto os animais já têm todos os protocolos de viver naturalmente. Para isto ele cria ideais... nossa, como cria ideais. Cria todo o tipo de abstrações, terrenas ou não terrenas,

transcendentes ou imanentes, divinas ou profanas, faz verdadeiras acrobacias, conscientes ou não, para tentar responder a pergunta que vale muito mais do que 1 milhão de reais, o que é viver?

Este livro tenta beliscar o calcanhar desta pergunta. Tenta visualizar aqueles que já chegaram às canelas. Faz uma viagem por pensamentos estranhos, mas nem tanto assim. Ideais de mundo que tentaram explicar o Homem, seu grau de liberdade, sua natureza, e, particularmente, como deve viver? A palavra “ideal” carrega consigo uma força intuitiva que quase se explica.

Sairemos por este deserto, apenas areia ao nosso lado, mas saiba que por detrás do fluxo e das dunas que mudam sempre de lugar, desejo, e é só o que posso fazer, chegar a uma opinião sincera, em acordo com meu ser, e minimamente explicada através desta jornada. Desejo acima de tudo que possamos achar um oásis e descobrir que ele não era uma miragem. Quero, inclusive, ter a oportunidade de colocar minhas mãos nas águas que dele brotam e, mesmo que ela apenas sirva, como temo que seja, para me deixar com ainda mais sede, acho ser isto melhor do que nunca ter experimentado as sensações que podemos conquistar.



Quais são minhas pretensões? Enormes! Gostaria de descobrir a verdade e ficar com todas as glórias possíveis. Mas creio que as coisas não funcionam assim. Quem sou eu senão um alguém perante a potência da vida. Pretendo oferecer uma resposta, uma alternativa. Corro o risco, por conta de Epimeteu, de falhar absurdamente, de falar 100% de bobagens, mas ainda assim vou fazê-lo, usarei minha astúcia e me esforçarei para dar uma passada pelo pensamento grego construído em torno da ideia de cosmos, pelo Deus transcendental dos cristãos e pela luz divina da razão moderna. Todos ideais... todas fórmulas de vida boa... até trombarem com uma marreta, o martelo de Rocken.

Nietzsche nunca me pareceu tão forte fisicamente, mas como batia forte aquele sujeito. Os destroços deixados pela filosofia do martelo estão por todos os lados. Os tiranos já tremem as pernas. Mas enquanto os últimos edifícios caíam, aqueles mais resistentes, algo sobrepujou a avalanche. A assepsia foi feita, mas a ferida ainda está aberta. Devemos fechá-la? Que tal fechá-la? Haveria algum Homem sobre a terra que suportaria as dores que sua exposição causariam? Quem ousa suportar a verdade? Que tal a verdade? Há verdade?

Nunca tal tema me agrediu tanto. Estou visivelmente perturbado. Tudo parece estéril. Como perdemos nossos ideais? Ah... isto é o mais fácil. O difícil vem depois. Depois que Nietzsche acendeu o pavio e mandou tudo para os ares, o que fazer? Os gregos tinham um objetivo de vida. Cultivavam algo que acreditavam. E os cristãos? Ah... quantos não morreram em nome do Deus que sentiam? Era a sua referência? Lógico que sim! Depois vieram as técnicas maravilhosas da idade moderna. A ambição dos homens continua a mesma: felicidade... individual, mas agora sob a luz da razão, o novo culto, religião moderna, acreditar no Homem Kantiano é ato de fé.

E nada disso bastou, nada restou perante os materialistas. O martelo destruiu nosso passado, destruiu nosso futuro, fomos condenados ao presente, ao mundo da técnica, aos meios pelos meios, à tragédia da pós-modernidade. Quem eu sou? Qual é a minha natureza? Sou bom? Sou ruim? Sou nada? Posso ser nada? Preciso saber se sou ser ou nada? Será que resta algo em cada um de nós onde possamos construir uma nova idéia de sociedade, baseada exclusivamente em nossa natureza medíocre? Como disse, espero achar água no deserto, mesmo que me sirva apenas para aumentar minha sede.



## ***2. O ideal grego.***

O pensamento grego fascina muita gente. De certa forma, se fomos levados a desacreditar dos seus fundamentos mais básicos ainda podemos colher ensinamentos preciosos a partir desta construção de mundo. Se o caminho para os ideais daqueles homens já desmoronou, se desfez nas lentes de Galileu e outros, seu objetivo ainda permanece com controvérsias e reclamações: a felicidade.

O grego deslumbra a chance de ser feliz. A busca pela felicidade pode, afinal, algum dia terminar para estes homens. É um fim, um ideal, uma vida a ser perseguida, e nada vale a pena quando não se procura isto. Ela é a justiça, a bondade e a beleza. E você que não é grego, mas correu atrás desta resposta a vida inteira perguntará: E qual a chave da felicidade? Longa busca.

Só posso em princípio afirmar que não ofereço aqui uma cartilha de como ser feliz. Quem sou eu, mero mortal, para dizer a cada um dos senhores como devem proceder para atingir este intento. Não há manuais, fórmulas ou qualquer lei geral que permita a felicidade, visto que a frase mais sábia dado pelo mais sábio grego já alerta: “Conhece-te a ti mesmo”, dirá Sócrates. Sim, conheça teu lugar natural, teu espaço particular, tua função

e porque foi criado e quem sabe terá uma chance. Não espere de ninguém esta resposta, porque por mais generoso que seja esta pessoa você é o único capaz de se examinar, de saber o que te apetece, o que te alegra.

Espero ser competente para estar a altura destes homens e expor com o mínimo de credibilidade esta forma de pensar. Desçam a âncora homens! Estacionamos nas cidades gregas, e agora dialogamos com os filósofos estóicos. Depois entramos em Atenas, assistimos uma aula de Aristóteles, batemos um papo com ele que nos revelou grandes coisas.

## 2.1 *O cosmos e o papel do Homem.*

Se eu perguntasse para um grego o que ele entende pela palavra universo, talvez não tivesse nada a dizer, talvez não soubesse do que eu estou falando. Mas se usássemos a palavra *cosmos* ai entenderia. Para nós cosmos e universo tem sentidos semelhantes, denotam o todo, tudo que nós conhecemos, com suas galáxias, suas bilhões de estrelas, etc.

O que significa cosmos para o grego? Cosmos é o universo, mas com algumas particularidades. O universo para o grego é *harmônico, organizado e inteligente*. Imagine uma imensa máquina. A máquina é o cosmos, mas ela é formada por partes, parafusos, porcas, botões, molas, etc, sem as quais seria impossível funcionar perfeitamente. Todas estas partes compõem a máquina e colaboram cumprindo o papel para o qual elas foram criadas. Nenhuma peça está lá à toa. Todas tem uma função em relação ao todo e, se alguma estraga, desequilibra o funcionamento das outras e do próprio todo. Poderíamos pensar também no nosso corpo, cujas partes se equilibram e se harmonizam para nos manter vivos.

Este é o cosmos. Um todo finito composto de partes que se relacionam, se determinam, se complementam e mantêm um

equilíbrio, uma harmonia e uma organização. O cosmos é inteligente e divino, porque somente uma inteligência suprema, um Deus, poderia manter um sistema tão perfeito, tão lógico como este. E onde está o Deus? No próprio cosmos, ou melhor, Deus é o cosmos, não há Deus fora do cosmos. E os outros deuses? Também compõem este todo que, em si, é divino, dada a sua complexidade, dada a forma perfeita como tudo age.

Perceba, você pode estar achando tudo isto uma loucura, até certo ponto não consegue disfarçar sua decepção, mas tenha paciência e procure se por no lugar daqueles homens. Eu perguntei a um deles, enquanto saía do Liceu Aristotélico: “o que é o universo?” E ele me respondeu: “é o cosmos.” Eu retruquei: “Então o que é o cosmos?” E ele me respondeu: “é o todo”. Mas que todo é este? O nosso grego não tem telescópios... Não consegue ver o que está além dos seus olhos. Tem como referência do todo a natureza na terra. E como é a natureza? Bom, aquela velha brincadeira, o cachorro come o gato, o gato come o rato, o rato come insetos, estes se alimentam de outros animais, e isto a que hoje chamamos de ecossistema é a harmonia natural presente nas coisas. Todos os animais, plantas ou fenômenos da natureza têm uma finalidade a cumprir. Tudo se harmoniza, tudo se complementa. Se o gato

desaparecer, acabou a harmonia, todos morrem ou se reequilibram. Pois bem, esta cadeia de utilidades maravilhosamente organizada só pode ser divina. Note que aqui não estamos falando do Deus cristão que criou tudo, embora esta idéia de inteligência e ordem do universo vá ser aproveitada mais tarde.

Tudo no cosmos acontece por alguma razão, pois tudo está conectado. Tudo é como só poderia ser, a natureza é imutável, a perfeição desta harmonia é o parâmetro do justo, do belo, do certo e do errado, do verdadeiro e do falso. As respostas se encontram na natureza, porque ela é o símbolo, a parte observável do cosmos, a organização que cabe ao Homem contemplar. Vejam, contemplar! Observar, meditar sobre ela, mas não alterá-la, porque ela é como é. Se algo ruim acontece, se você se aborrece com isto, se te entristece alguma catástrofe natural, trate de observar mais, trate de buscar enxergar o todo, porque se você conseguir, após muito esforço, por alguns segundos que seja, ter uma noção do todo cósmico, e não apenas de uma de suas partes, perceberá que o que aconteceu não foi ruim, apenas você não consegue ter a dimensão total do cosmos e, como vê e age como parte, acha que a natureza é má... patético engano.



Se um vulcão entra em erupção e mata milhares de pessoas da cidade ao lado, você deve se perguntar: o que é um vulcão? É uma saída para a lava, uma válvula de escape para as forças furiosas do interior da terra que, pressionando a superfície para fora, sem este “alívio da natureza”, provocariam uma explosão global, destruindo o cosmos. Reparou? Ou morrem milhares com o vulcão ou todos. Mas isto nunca aconteceria, porque a natureza tem a inteligência para fazer o que tem que ser feito e manter o cosmos funcionando. As partes estão a revelia do todo e, acima de suas vontades, devem nunca perder de vista que compõem uma totalidade. E se você acha que esse todo é ruim o seu entendimento está errado, porque só demonstra a sua incapacidade de observar amplamente o que acontece ao teu redor.

E você deve estar se perguntando se há um elo perdido nisto tudo. Sim, a um animal em particular que nasceu, digamos, com defeito da fábrica, um tal de Homem. O Homem é o tonto do cosmos, o destinado a ficar sendo feito de bobo pelos deuses, porque ele não sabe qual é seu papel no universo. Mas também ele tem seu papel, todos nós temos uma finalidade em relação ao todo. Tal como o cachorro late, o gato mia ou o leão é o rei da floresta, o Homem tem um fim, tem algo especial, tem algo para

si, tem um objetivo a cumprir, tem que, obrigado ou não, exercer a atividade que lhe permitirá estar no seu lugar natural.

O lugar natural é a chave para entender o papel do Homem. Qual é meu papel no cosmos? Ocupar o meu lugar natural, lugar só meu e de mais ninguém, lugar que, quando ocupado, colaborará para a harmonia do todo, ou seja, cabe a mim, para ser feliz, ser porca, ser parafuso, ser mola, ou o que quer que seja, desta máquina cósmica, que precisa de mim, que não funcionará de forma perfeita e organizada sem eu, e que me deu virtudes! Sim! virtudes!

Um coração virtuoso é aquele que cumpre o seu papel no todo, isto é, bater, bombear sangue. E o ser humano? Eu sou um coração, um cachorro ou uma abelha? Não, infelizmente, porque você não sabe qual é seu lugar natural, está condenado a servir de joguete dos deuses, enquanto o caranguejo sempre saberá o que fazer e como viver. Você será virtuoso quanto melhor cumprir seu papel natural de Homem, isto é, pensar, raciocinar. Para além do papel ocupado por cada um, está a natureza geral do Homem, entregar-se ao intelecto. Ora, como há corações que batem melhor do que outros, há seres humanos que pensam melhor do que outros, isto porque naturalmente são superiores. Só resta a estes, os mais aptos intelectualmente, governar a

sociedade, enquanto os outros obedecerão: está legitimada a escravidão.

Tal é a adequação fantástica entre o cosmos e o Homem: O cosmos é um todo harmônico e organizado, inteligente em si. Ele funciona porque suas partes funcionam e se complementam, se ligam. Porém no meio desta perfeição surge o Homem, defeituoso, doente, imperfeito, fraco. Qual é seu papel? Se adequar a o que o cosmos quer dele. O Homem bom é aquele que melhor ocupa seu lugar natural. O ideal do Homem é a natureza, seu objetivo? Achar seu espaço natural. Seu prêmio? A eudaimonia, a felicidade, conceito que abordarei mais a frente.

De certa forma a mentalidade grega se apresenta, pelo menos a mim, dilacerada entre a liberdade e o destino. Poderíamos nos perguntar, afinal este é um dos temas do livro caso não tenha me feito compreender, fato que quase sempre acontece: seria o grego livre para cumprir com a finalidade que lhe foi confiada ou seria ele um mero fantoche nas mãos da inteligência cósmica que o governa? O grego tem a liberdade de escapar ao seu destino? Há destino? Prosseguirei a escrita pensando primeiro na idéia de destino apresentada na tragédia

de Édipo e depois falando do conceito de eudaimonia em Aristóteles.

## 2.2 *Édipo Rei: A tragédia daquele que não pode desobedecer o cosmos.*

O rei da cidade de Tebas, Laios, resolve visitar o famoso oráculo de Delfos, conhecido por suas previsões certeiras e misteriosas, para descobrir o que a sorte lhe guardava. Lá ele recebe a previsão que o assombraria para o resto de sua vida: *O seu destino é ser morto por seu filho, que casará com sua mulher, a rainha Jocasta.*

Perturbado ele volta pra Tebas e, no meio do caminho, tem uma idéia mágica. Ora, se ele ainda não tinha nenhum filho, como poderia ser morto por alguém que não existe? Bastava não procriar que não correria o risco de ser morto! Como são trouxas os Homens... sempre se julgam suficientes para enganar os Deuses... Laios voltou confiante na sua liberdade para Tebas e, quando chegou, foi direto ao castelo contar a previsão que recebera à rainha.

- “Tenho uma novidade!” Exclamou ele. – “E eu também!” Retrucou ela. Jocasta contou que estava grávida, estava esperando seu retorno para contar, estava ansiosa para saber como o Rei reagiria à notícia. Este, ainda não convencido da sua insignificância, decidiu – mas será que decidiu mesmo? – matar a criança após o nascimento, afinal de contas, o futuro

estava em suas mãos e nada lhe impediria de fazê-lo provando que os profetas de Delfos estavam errados.

A tarefa ficou nas mãos de um soldado. Assim que a criança nasceu já lhe foi dada nas mãos deste Homem com a ordem explícita de executá-la e assim seria feito, se o soldado, talvez por pena, talvez por outros motivos, não hesitasse e preferisse abandoná-la em uma floresta e deixar a natureza fazer o resto. E como a natureza, assim como o coração dos Homens, esta na mão dos deuses, do nada surgiu um senhor que estava onde só poderia estar, no lugar certo para perceber o recém nascido abandonado ao relento. Aquele Homem entregou a criança aos reis de Corinto que a criam sem nunca contar sobre sua adoção.

Édipo, como foi chamado, cresceu sem nunca desconfiar do que aconteceu. Vivendo como filhos daquelas pessoas, nunca poderia imaginar que seu futuro já estava todo traçado. Certo dia, já adulto, ele resolve, por qualquer razão, - Já sacaram que há muitas “coincidências” nesta história, não é? – visitar o mesmo oráculo de Delfos e recebe a mesma previsão que seu Pai verdadeiro ouviu. *Voce matará seu pai e casará com sua mãe.* Não sei se vocês já receberam uma previsão destas, mas não precisam para perceber que ela caiu como uma bomba à

Édipo, porque o tal do oráculo de Delfos tinha uma excelente fama, não errava uma. Isto no mínimo deve ter acabado com o humor dele, pois vejamos sua situação? Filho de reis, deveria estar esperando visões como vitórias imponentes sobre inimigos poderosos, etc... mas nunca que iria matar seu pai e casar com sua mãe.

Édipo voltava para Corinto arrasado. Como posso ser vítima de um tempo que não esta nas minhas mãos? Como sou um mero joguete de algo que não controlo? Ele se questionou até chegar a uma encruzilhada. Direita ou esquerda, para onde seguir? Poderia pegar o caminho de volta a Corinto, mas logo se lembrou dos seus pais, ou daqueles que achava que eram seus pais. Ele não poderia voltar para lá. Como poderia correr o risco de voltar a Corinto, de repente as previsões estavam certas e mataria seu pai em um acidente, ou qualquer coisa assim. Não podendo se render a seu destino, fez o que só poderia fazer, o que o oráculo já tinha previsto que faria, mudou de direção e, quando pensou que estava decidindo a vida, quando colocou seu primeiro pé na trilha “escolhida”, se encaminhava para a sua tragédia, pois aquele caminho o levava a única cidade que poderia levar, seu lugar natural, Tebas. Ele nasceu para ocupar o trono desta cidade. Estava decidido que mataria seu pai e casaria

com sua mãe enquanto fazia isto. O cruel da história é a ilusão que ele é posto a todo o momento. Em certa medida é ela, é a ânsia por controlar a vida, que dirige o protagonista ao destino... Mas a história não terminou.

Em Tebas uma praga atingia a cidade, comandada pela Esfinge. O rei Laios deixa a cidade para buscar ajuda. Em sua carruagem ele segue na mesma direção que Édipo, mas em sentido oposto. A rua estreita não cabia um Homem e uma carruagem no mesmo espaço, Édipo e Laios se avistam, sem desconfiarem dos seus paradeiros. Alguém teria que dar o braço a torcer, sair do caminho, mas o orgulho dos dois é tanto por enganar os deuses que eles não desviaram. Laios passa rapidamente por seu filho, que consegue escapar do golpe e, tomado pela ira, desferi um ataque em um dos tripulantes. Poderia ser qualquer um, mas não na mitologia grega... Édipo atinge justamente Laios, seu pai, aquele a quem tinha sido destinado a matar. Sua falta de consciência, sua insignificância perante aquilo que lhe acontece, sua mediocridade em relação ao todo que lhe dirige nos afligiria, nos deixaria desesperados, cidadãos do século XXI, se não tivéssemos, como estas pessoas, tão convencidos de nossa liberdade, tão cegos perante o mundo que nos cerca.



Édipo continua seu caminho a Tebas sem ter a noção de que metade da profecia já tinha acontecido. Chegando à cidade ficou sabendo que a rainha Jocasta fazia um desafio a todos os espíritos fortes que se julgam capazes de derrotar a esfinge e devolver a tranqüilidade a cidade. Ela se casaria com aquele que demonstrasse a coragem de encarar o monstro de frente e quem, me diga se for capaz, quem você acha que se apresentou para a luta? Evidente! Édipo sobe ao monte, acerta a charada, derrota a esfinge e se casa com a rainha! Perfeito, o perfeito boneco tinha cumprido o destino que tanto lutava para escapar. Matou seu pai e casou com a mãe.

E a história terminara aí? É claro que não! Você acha que os deuses perderiam a oportunidade de revelar a verdade e ver o mortal e finito humano se desesperar? Não se esqueça que fomos criados para divertir os deuses e, pensando seriamente, até que fazemos isto muito bem, com boa criatividade.

Após algum tempo a cidade de Tebas é atingida por uma nova chaga. Desta vez o rei Édipo convoca um adivinho, o sábio Tiresias, para responder sobre as causas deste novo problema. E a resposta não poderia ser mais magnífica: A cidade ficará assim até que o assassino do antigo rei Laios seja punido. Édipo reúne seus melhores homens, comanda e ordena investigações, e cada

pista que descobre vai revelando que talvez o assassino lhe fosse alguém bem conhecido. Na verdade as pistas apontam para o próprio rei que se surpreende. Em um dado momento a verdade é revelada, e Tirésias, cego que enxerga mais longe do que Édipo o condena ao peso sufocante da verdade, que lhe recai tão intensamente que este fura seus olhos, incapazes de ver durante todos estes anos.

Poderíamos acrescentar vários outros detalhes ao mito, a história em si é muito boa, empolgante, mas o que nos interessa é perceber como a idéia de destino presente no pensamento grego esta fortemente embasada naquele pensamento cosmológico. Ora, o Cosmos tem uma ordem, uma lógica natural. Todos têm uma função, uma finalidade, um papel natural a ocupar. Invariavelmente o Homem é um refém deste todo, esta amarrado ao futuro, nunca correrá dele o bastante para escapar às suas garras. Os oráculos entendiam isto, Tirésias também. Mas Édipo não era capaz de sair da sua condição de parte e por mais que enxergasse não veria a verdade. Nós já somos determinados antes de nascermos, compomos uma cadeia de acontecimento tão harmônica e complementar quanto a natureza, desrespeitá-la, para Édipo, sempre foi impossível.

### 2.3 *A Eudaimonia.*

Aristóteles foi um dos maiores filósofos que a humanidade já conheceu. O pai da ciência estudou com Platão, discípulo de Sócrates, mas foi muito além das idéias de seus mestres. No conjunto de assuntos que ele aborda vamos encontrar uma das pérolas da cultura grega legada a nós e através da qual é possível perceber claramente a associação com o pensamento cosmológico. Eu te garanto que se você, leitor incansável, se detiver aos próximos parágrafos perceberá que estes homens antigos têm muito a nos ensinar através do conceito de *Eudaimonia*.

Me permito voltar para melhor explicar a algo que é importante deixar explícito. O universo para o grego não é caótico, aleatório ou incompreensível. Acho que aqui você já entendeu que aqueles homens olhavam para a natureza e viam que ela é a amostra perfeita do funcionamento do cosmos. Tudo se liga com tudo, tudo tem haver com tudo, tudo se relaciona a tudo, tudo se complementa, as partes que formam o cosmos compõem um todo harmônico, inteligente e organizado, e, insisto, o cachorro caça o gato porque este é seu papel, o gato caça o rato porque é o seu papel, o rato caça insetos porque este

é seu papel, e tudo no cosmos tem uma função, um sentido, se completa, como uma grande máquina que só funciona perfeitamente se todos os seus componentes estiverem cumprindo sua finalidade.

Você se lembra da história do começo do livro, sobre Prometeu e Epimeteu? Epimeteu fez os animais, determinou sua natureza e seu papel no todo, distribuiu as funções, fez um trabalho tão bom que nenhum deles tem dúvida do seu papel natural no cosmos, razão pela qual você nunca vai ver seu cachorro se questionando sobre se deve latir ou miar. Imagine que interessante seria chegar em casa e ver no sofá seu gato angustiado, passando por uma crise existencial. Você nunca verá isto, porque os animais já sabem claramente qual é sua finalidade de vida e cumprem com ela rigorosamente, sem nunca duvidar sobre sua natureza.

Mas e o Homem? Ah... o Homem é uma tragédia! O Homem não ganhou nenhum atributo de Epimeteu, ficou com a astúcia de Prometeu, foi condenado à incerteza e a dúvida. O Homem é uma imperfeição na natureza, algo que arriscaria até o equilíbrio do cosmos, se não fosse tão divertido para os deuses. O Homem tem um lugar natural, tem uma finalidade, tem uma função específica, cada um de nós é especial ao universo,

porque ocupa um lugar dele, mas nós não sabemos como viver. A pisada na bola de Epimeteu nos obriga a aprender a viver, a achar na vida aquele lugar que é o nosso. Como fazemos isto? Usando a astúcia, a razão, o intelecto, para encontrar, já que não nascemos prontos, o lugar a que pertencemos e que devemos ocupar.

O ser humano é como uma flor: Nós todos, no fundo, somos um esforço para conquistar nossa felicidade. Passamos a vida correndo atrás daqueles momentos que fazem todo o resto valer a pena. De certa forma, temos a sensação de que podemos conseguí-la sempre nos mesmos lugares. Um emprego que me agrada, uma amigo que me alegra, um amante que me apetece. Assim parece que estamos sempre procurando por algo que está por aí, em algum lugar do mundo. Pois nós acertamos, porque há, para cada um de nós, um lugar neste cosmos. Se buscamos a felicidade, no fundo procuramos aquele que é o nosso lugar, o espaço que nos fará feliz. A existência é um constante desabrochar, entender quem nós somos e qual é o nosso papel, nosso objetivo.

Infelizmente algumas pessoas passam a vida inteira vivendo ruim, porque distantes do seu lugar natural. Elas se entregam, desistem de fazer esta busca, e não desabrocham

nunca. O que é a Eudaimonia? É o desabrochar. É o estado de felicidade que cada ser humano pode atingir quando encontra o seu lugar no universo cósmico. A felicidade é um prêmio para aqueles que cumprem sua parte no todo.

Se você vive mal, convive com a tristeza a ponto de aceitá-la, o que Aristóteles está te dizendo com esta reflexão? Os filósofos conversam conosco olhando nos olhos. Talvez você deva perceber que esta distante do seu lugar natural, da sua finalidade, que não há vida que valha a pena se não for dedicada a este desabrochar da nossa natureza, o descobrimento do nosso sentido de vida. Seu cachorro e seu gato dormem tranquilos, eles já nasceram desabrochados, já sabem o que fazer, sua natureza já lhes fornece todas as chaves da vida. Porém você, humano, que se julga formidável, que olha para seu animal de estimação com certo desdém, tem que lutar para se encaixar, para se adequar, para descobrir o que faz aqui.

O pensamento grego é formidável: o que você é, humano? Um ser que não sabe se deve latir, miar ou rugir, mas que é astuto e, portanto, capaz de descobrir o que o cosmos quer de você. Mas esta viagem não é um mar de rosas, é cheia de espinhos, de mancadas, de trombadas, de ajustamentos forçados, de dúvidas e inseguranças e as oportunidades para desistir são

inúmeras, incontáveis. A tentação de se entregar a uma vida triste, sem sentido, sem valor nela mesma, é imensa. Mas se você continuar pelo caminho tortuoso, se você se permitir contemplar a maravilhosa ordem cósmica, usar sua razão para achar as respostas na natureza, conseguirá alcançar aquele que é o anseio de muitos, pois poucos conseguem, descobrirá seu papel no todo, seu objetivo de vida, se encaixará no seu lugar natural e, finalmente, desabrochará, descobrirá quem realmente é e terá como prêmio o que só pode acontecer àquele que descobre qual é a sua finalidade: a felicidade, a Eudaimonia.

Este é o pensamento grego, serve de alerta para nós, já que nossa era se marca pela infelicidade globalizada, pelas constantes importações de tristezas que fazemos. Nos serve de indício a perceber que sempre haverá um espaço para cada um de nós, um lugar onde possamos nos esconder, um lugar onde seremos nós mesmos. Mas isto não cai do céu, é fruto de uma longa busca e de um grande desejo por ajustamento, por encaixamento, que será sempre pessoal.

#### *2.4 A vida com algum significado: o caso grego.*

A sabedoria é aquela que servirá de bote quando o barco afundar. Quando as pessoas olharem para os lados e não verem solução procurarão um salva vidas, alguma esperança, algo que lhes traga sentido, e o que encontrarão? No caso grego parece obvio, a resposta que darão os sábios é que há um universo harmônico, nós fazemos parte dele e, por isto, temos com ele uma responsabilidade. Assim temos uma função tal como os outros animais da natureza, tal como o vento, as árvores, etc.

Os homens não nasceram sabendo, precisam procurar o seu lugar natural e, graças a Prometeu não somos tolos completos, temos a chance, embora poucos aproveitem, de contemplar a natureza que nos cerca a luz da razão, podendo assim viver uma vida de busca pelo nosso desabrochar, ponto máximo do ser humano, que é quando ele se ajusta perfeitamente ao cosmos e torna sua vida eudaimônica.

Percebam que quando as pessoas observarem esta maneira de pensar acharão nela um ideal absolutamente aconchegante, pois nos permite acreditar que nossa vida tem um sentido, uma direção, um caminho, temos uma razão de ser, fazemos parte de algo, somos importantes, somos alguém,



somos especiais, sem nós o cosmos não funcionária... nossa como somos importantes!

Uma reflexão acalentadora é esta, já que todas aquelas angústias só tem significado para aqueles que ainda não acharam e não acreditam na probabilidade da eudaimonia, tudo o que deve se preocupar é achar seu lugar, pois é certo que ele existe, felizardo! O Homem grego provavelmente era mais feliz do que nós.

Puxa, e se você vive mal, se você não sabe da onde vem este sentimento vazio dentro de ti, aquela sensação que há algo entalado na garganta, você tosse, mas não consegue cuspir a dúvida que te atormenta, saiba que só há uma razão para isto, você não está fazendo o que o cosmos quer de você, não esta indo na direção certa, está fugindo do seu espaço na natureza, vive uma vida que não é a tua, é a de outro, não está sendo você pois desde o primeiro dia de sua existência resolveu apostar em uma máscara a viver a vida que lhe pertence, a ocupar o lugar que é o teu, a ter a profissão que é a tua, a ter os amigos e amantes que são os teus... você se afastou tanto disto.

Notem como a resposta grega às dúvidas existenciais é confortável. “Conhece-te a ti mesmo”. A frase de Sócrates que a primeira vista parece não dizer nada, diz muito e poderia ser dita

assim: Conhece-te para conhecer teu papel no cosmos. Percebeu? É duplamente relaxante, porque não só há um objetivo de vida, há um caminho a percorrer, a um significado na existência, como também ele é só seu, é particular a ti, porque o papel que você cumpre não pode ser feito por mais ninguém. É como um grande quebra-cabeça cósmico, cada parte diferente da outra, cada parte importante enquanto componente de algo maior.

E então, aquela dúvida angustiante que os gregos poderiam sentir e que por um minuto poderia incomodar vai embora diante desta garantia de salvação, mas não só isto. O cosmos é mesmo uma referência à ética, beleza e ao conhecimento. Todos os gabaritos possíveis estão lá, um grande livro de auto-ajuda, um grande circo de verdades e o Homem, bom, mesmo que tenha que passar uma vida correndo atrás do próprio rabo, pelo menos ele sabe que tem um rabo. Melhor isto do que perceber que não tem, não é nada.

Assim, certos ou errados, justos ou injustos, belos ou feios, os gregos iam tocando a vida baseada na possibilidade da eudaimonia, da felicidade. Isto é muito importante, porque se você fosse um cara competente naturalmente, que pensasse bem, que soubesse usar o presente de Prometeu com excelência, o que

aconteceria? Você desabrocharia, acharia seu papel no cosmos, seria feliz. O fim, o objetivo era a felicidade, era para isto, era em função disto que deveria viver, da alegria por cumprir com a sua finalidade existencial.

Há a possibilidade de caminhar por uma trajetória e no final achar, como na outra ponta de um barbante, a eudaimonia, a conquista da felicidade, a vida boa de ser vivida é real. Existe para o grego um ideal que serve como pilar daquela sociedade, como organizador das relações, que serve de referência, que surge como a sabedoria a ser agarrada em momentos de bruma, de neblina, de cegueira. Naquelas horas de grande escuridão, quando precisamos de uma lamparina para nos mostrar um caminho, podemos acendê-la, se formos gregos, sabendo que encontraremos uma trilha aos nossos pés. Nunca nos perderemos enquanto o cosmos continuar ordenado, harmônico, inteligente e organizado, pois esta é a nossa referência, o ideal que nos serve de parâmetro, mostrando onde estamos e para onde queremos ir.

Creio que neste ponto já está sendo desenhado o ponto de partida deste livro, mas ainda não está claro aonde quero chegar ou, mesmo para mim, até aonde conseguirei chegar, onde fica meu teto. Há na vida dos gregos um ideal que indica o

começo, o meio e o fim para uma vida boa. Por mais vendados que Epimeteu nos deixou, é possível alcançar um estágio onde tudo vale por si, onde é possível se alegrar com o que se é, onde faço o que faço e ajo como ajo porque em algum momento alcançarei um fim, um momento que a vida é feliz em si mesma. Pois este ideal é o que dá sentido a vida das pessoas, é o que as deixa confortáveis, é o que lhes dá uma referência a seguir. Seria possível não ser assim? pergunta difícil que pretendo abordar mais a frente.

Agora nos resta lembrar que a história antiga termina com a queda de Roma. Um professor meu brincava na faculdade que os romanos eram cópias mal acabadas dos gregos, o que não deixa de ter uma ponta de razão, exageros e piadas a parte. A cidade Italiana foi a grande continuadora da cultura grega, cultivando aquela filosofia até o aparecimento de um sujeito que traria consigo um ideal inovador e surpreendente, embora mantivesse muito da cultura da Grécia, um tal, um pouco desconhecido é verdade, de Jesus Cristo. Com ele uma construção de mundo nova irá se operar e ocupar a cabeça dos homens, o cristianismo.

### ***3. Ideal cristão.***

O cristianismo crescerá nas entranhas do pensamento romano e grego, provocando a sua derrocada. A invasão bárbara foi apenas o último golpe nesta civilização, substituída pelo pensamento de Jesus Cristo e da Bíblia. E, embora as raízes gregas tenham sobrevivido, até certa medida se incorporado ao que se segue, o que haverá será uma grande mudança no modo de pensar, pois assistiremos o derramar de três idéias estranhas aos povos antigos, a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Vemos, sim, traços aristotélicos, estóicos, platônicos, na doutrina cristã. O universo continuará cósmico, o lugar das idéias perfeitas agora é a cidade de Deus. Mas há algo de estranho... Há algo mais, a uma pitada de pimenta extra neste molho... Bem, um Deus transcendente! O olho muda de foco, desvia sua atenção para algo além do cosmos.

As formas mudam, são mudanças radicais, mas a essência continua a mesma. O ideal cristão cumpre o mesmo objetivo que o grego, dar paz de espírito para a alma humana, livrai-nos das angústias, da incomoda sensação de estarmos jogados, voando, flutuando. A liberdade sempre foi uma ameaça muito mais que uma solução e a sensação de termos que decidir

a vida parece desafio intransponível. A ânsia pelo controle, pelas fórmulas, pelos absolutos, enfim, pelas verdades, é, talvez, uma máscara que nunca poderemos tirar, um cilindro de oxigênio natural, por assim dizer.

O Homem cristão, tal como o grego, tal como qualquer outro, começa e termina nele mesmo. Sua busca deve terminar no mesmo ponto: a felicidade. Mas o meio pelo qual chegará a esta resposta será diferente e é isto que devemos examinar. E principalmente, este meio inclui alguns dos mais belos aprendizados que a humanidade poderia conquistar.

O grande ponto de ruptura deste período será a idéia de Deus que ele vai cultivar. E com ela, seja você um crente ou não, quantas conquistas para a humanidade! Como negligenciar a influência esmagadora e benéfica que o cristianismo vai propiciar aos habitantes do século XXI? Poderíamos questionar todos os equívocos cometidos pela igreja, sem dúvida teríamos lenha a queimar. Poderíamos nos perguntar da onde vem a fé e dar as respostas mais honestas, para os dois lados, de sua procedência. Eu certamente procurarei questionar ao máximo, apresentar criticar, procurar o Deus em todos os cantos, julgar a mim mesmo porque sinto a necessidade de ser eterno, de buscar um paraíso, com não sei quantas virgens, com meus familiares

ou qualquer coisa que me tenha sido prometida, mas é inegável a força do ideal cristão na construção da sociedade moderna e contemporânea. Além de discutir se o Deus, e tudo que vem no seu molho existe ou não, nós precisamos reconhecer que os gregos e romanos eram maravilhosos, mas eles não conseguiram dar o salto que o cristianismo deu, a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

E falo isto como parte do esforço, do qual apenas me faço reconhecer como uma unha, de demonstrar que a idade média não era em seu todo trevas. Poderíamos agir como se tivéssemos pulado dos antigos aos modernos e nada tivesse acontecido em mil anos. Seria isto legítimo? Poderíamos dividir o mundo numa dualidade asfixiante típica dos períodos de luz e períodos de escuridão, como se pudéssemos condenar uma era e deixar de reconhecer que nada sai do nada? Ou talvez possamos enxergar o período medieval como coisa dos homens, natural e simples, analisável com a mesma lupa que usamos para ver os antigos?

Entro neste assunto para quebrar alguma radicalidade de que para ser ateu é preciso odiar o ideal cristão ou para defendê-lo é preciso ser crente. Pois para mim o debate sobre a existência de Deus se torna muito mais especulativo, e não por

isto menos válido, quando nos pomos diante das obras e idéias que os homens que criam abraçaram, sejam elas verdadeiras ou não, e o que elas significaram para a humanidade. Ficamos, na ausência de Deus, envoltos em uma bruma de significados muito interessante que só podemos levar como aprendizado: a tentativa mais feroz do Homem de lutar contra sua natureza.



### *3.1 Deus e o papel do Homem.*

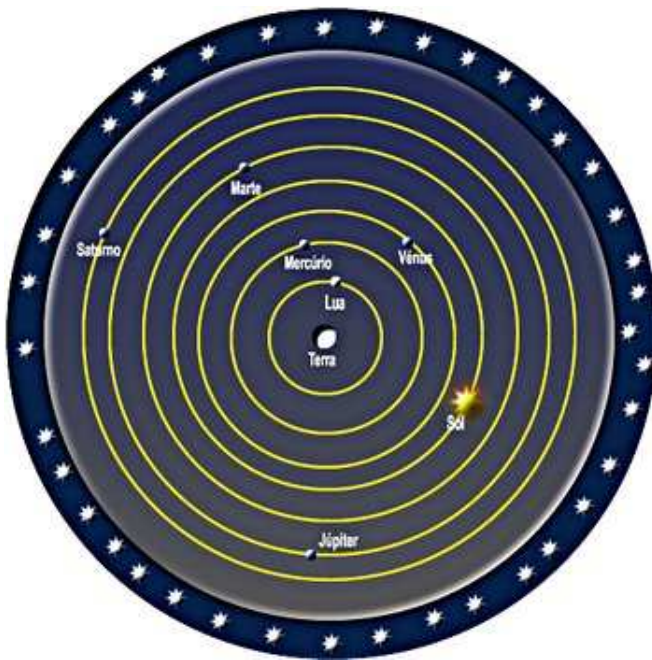
Já encostamos Aristóteles na parede – veja que ousadia - e lhe perguntamos o que é o tal do cosmos e qual o papel do Homem neste todo. Como resposta fomos encaminhados ao conceito de Eudaimonia já comentado. Quando entramos no cristianismo a referência mudará de lugar, porque agora além do cosmos ser harmônico, organizado e inteligente, ele foi criado por alguém, um Deus transcendente ao próprio cosmos, o primeiro motor do mundo, a causa de todas as causas, a referência para a perfeição, a beleza, a bondade, o ser que a tudo sabe, a tudo pode e em tudo está presente em todos os lugares.

Não sei se me entendeu. Antes havia um único ente, por assim dizer: o cosmos. Os deuses ou faziam parte deste, ou eram ele próprio. No caso da mitologia por exemplo, Zeus organizou a zona toda transformando-a em algo harmônico. Cosmos e Deuses se confundiam. Para os estóicos o cosmo é divino, é o Deus, Deus é imanente ao universo. Ora você não consegue perceber quão belo e complexa é a harmonia do universo? Mas um motivo para perceber que o Homem nada tem haver com isto. Qual a grande novidade do pensamento cristão? Deus não

está no universo, Deus não é o universo, ele é um ser independente do universo que é uma criação sua. Agora temos dois seres: o cosmos inteligente e Deus, seu criador e seu organizador.

E é claro que você poderá dizer, se Deus é onipresente ele está em todas as partes do universo e eu concordarei, acrescentando que o inverso não é verdadeiro, porque o universo não está em todo o Deus. Ele é um ser maior, infinito, perfeito, inclusive quando comparado a sua criação.

Um bom exemplo desta visão de universo aparece na Divina Comédia, de Dante Alighieri, o “presente de Deus aos mortais”. A concepção é basicamente aristotélica. A terra é o centro do universo e em torno dela 8 esferas transparentes concêntricas servem de apoio para seus astros, como mostra a imagem:



Percebam que estes círculos amarelos não são o que hoje considerariamos as orbitas dos planetas, mas são esferas, espécies de redomas de vidro que se fecham uma sobre a outra. Havia um brinquedo russo chamado matrioshka que consiste em bonecos de diferentes tamanhos, ocios e com uma abertura no meio. A graça era colocá-los um dentro dos outros, do maior ao menor, de modo que todos eles viravam uma espécie de cosmos infantil em miniatura. O universo aristotélico é muito parecido,

existe a terra que está no centro dentro da primeira esfera lunar, que por sua vez está dentro da esfera de mercúrio, e daí por diante, ate chegarmos na ultima esfera, a das estrelas. Você, astuto leitor perguntaria a Aristóteles, “o que há fora desta última esfera?” “Nada”, ele responderia, imagino. Vemos ai um universo finito e complementar, o cosmos.

Quando pegamos a *Divina Comédia* compreendemos a diferença entre a visão grega e a visão cristã do todo. A terra é o centro do universo e ela esta dentro das outras esferas, incluindo a última, a das estrelas. Mas se Aristóteles parou por ai, Dante continuou a viagem: E fora da última estrela o que existe? Deus! Sim, sabe aquelas luzes que todos nós vemos no céu a noite e que não são nem os planetas e nem a lua? Acontece que a última esfera tem alguns furos que permitem a luz de Deus passar pelo céu de estrelas e chegar a nós.



O universo é finito, é organizado, é harmônico, é inteligente, enfim, é cósmico, mas o grande erro dos gregos foi achar que ele terminava por aí. Para além dele há aquele que é sua razão de ser, seu motor, sua causa, aquele sem causa, o increiado. Para além das estrelas está a cidade de Deus, a utopia de Sócrates, o lugar da eternidade e da unidade. Alias diante da infinidade o cosmos passaria a ser mesmo um mero detalhe, se não fosse por um fato. Somos criaturas privilegiadas por Deus.

Então agora o cosmos tem um criador que é infinito, mas não é só isto. Além de criar tudo Ele nos organizou de tal forma

a já ter desenhado nossa historia antes de nascermos, um plano de vida que se inseri no plano superior, uma arquitetura do cosmos do qual você faz parte. A sua vida tem um caminho que está relacionado ao caminho do mundo, caminho este que só um determinou e sabe. Ele inclui tragédias, catástrofes, momentos bons e ruins, todos necessários para que cheguemos um dia a voltar da onde viemos, Deus.

Você é especial não mais porque tem um lugar no cosmos para você, mas porque o Deus transcendental te deu uma missão e te deu talentos para cumpri-la. Agir bem não é mais agir em perfeição com o cosmos mas fazer bom uso dos seus talentos, enquanto pecar é usar seus talentos para outros propósitos que não sejam aqueles originais. Por exemplo, este rapaz que aqui vos escreve, vamos imaginar – vamos fingir que é verdade – que vocês o considerem um bom escritor. Dado este talento, eu serei virtuoso não pelo simples ato de usá-lo, como dirão os gregos, mas quando faço bom uso dele, quando não o uso para enganar as pessoas, etc.

Esta é outra novidade em relação a alguma parte do pensamento antigo, porque agora, mesmo que Deus onipotente me construa um caminho, me de uma missão, tenha um plano

para mim, um plano cósmico e me dê talentos, ele fez algo ainda mais fantástico: nos deu o livre-arbítrio.

Deus não quer que os homens o sigam cegamente a vida inteira e, como grande pai, espera que sua melhor criação seja independente, busque seu caminho e perceba conscientemente que o melhor trajeto é ao lado Dele. E ele faz isto mesmo tendo ciência da possibilidade de tropeços no meio da estrada, de tombos que por ventura até apaguem a memória do Homem, mas sabendo haverá que um dia todos voltarão da onde vieram.

Pois agora percebam o alinhamento necessário entre o Deus cristão e o Homem. Novamente o Homem, tal como na antiguidade, não está pisando em ovos, perdido. Há uma missão para ele, talentos, um plano divino, algum lugar para ele se escorar e respirar quando estiver cansado. E o que mais? Como será a sua relação com Deus? O que eu posso esperar quando minha caminhada tiver terminado?

### 3.2 *Como conhecer Deus?*

De fato as grandes diferenças entre a referência grega, o cosmos, e o Deus cristão não param no ponto analisado. Haverão algumas outras coisas que não tocaremos aqui, mas uma que não poderá passar é a ligação entre o Homem e esta referência.

Quando pensamos na lógica grega já muito explorada anteriormente, podemos perceber a sua ligação com o conceito de contemplação e de *logos*, já que eles são as chaves para os homens descobrirem o seu papel no cosmos. Como sei, se sou um grego, o que o cosmos quer de mim? Contemplando-o, vendo-o funcionar, admirando-o, observando-o, porque é tudo o que posso fazer. O cosmos é o que é, é bom, justo e belo nele mesmo, e cabe a você imitá-lo. Mas como posso imitá-lo sem saber como ele é? Está é a grande tarefa da ciência grega, ver como as coisas são, dado que são naturalmente ordenadas e harmônicas. Não cabe ao Homem interferir neste processo, apenas ver como as coisas funcionam. E isto significa ser capaz de perceber a inteligência, o *logos*, a razão por trás de tudo o que acontece, porque como tudo faz parte de um todo



conectado, tudo o que ocorre tem uma razão de ser e uma justificativa perante o resto.

Esta ao alcance do Homem a compreensão de como o cosmos funciona, de qual a sua lógica. Nós temos todas as ferramentas que precisamos para alcançar a eudaimonia, a felicidade, porque dependemos apenas da observação para conseguir isto. E a contemplação aqui deve ser entendida como a tentativa de descobrir qual é o papel do que contemplo em relação ao resto. Em outras palavras, se eu for capaz de perceber a lógica cósmica, assim serei de entender porque as coisas acontecem, qual a ordem natural do mundo.

Pois bem, tendo em mente que este pensamento grego é absorvido, como só poderia ser, pela reflexão cristã, qual a novidade? Poderíamos continuar a contemplar o cosmos e encontrar as respostas nele? Não, porque agora a razão de ser do mundo não está mais nele, posto que o modo como ele funciona é apenas o reflexo de um plano maior, o plano de Deus. Poderíamos contemplar a vida inteira a natureza e não seríamos capaz de ver Deus nela, sendo ela apenas um espelho da sua criação. Há uma distância entre o conhecimento da natureza e o conhecimento do Deus que há criou; enquanto aquela é acessada pela contemplação de sua inteligência natural, Deus, que lhe

escapa, é inacessível pela simples observação, é preciso uma outra ferramenta que efetue esta ligação: a *fé*, a convicção naquilo que não se vê.

Na idade média a observação tem um limite natural, ela nos impossibilita de enxergar o que há por trás do que vemos, o que há além do cosmos, Deus. Podemos ver o universo organizado e inteligente, mas não o que o criou, o que o ordena, a inteligência por trás de suas causas, o que lhe movimenta e lhe dá vida. Este existe, mas dada a fragilidade da capacidade humana de compreendê-lo somente pelos sentidos, precisamos da fé. Fé é a confiança. A confiança em um Deus transcendente com todas as características cristãs, a confiança em um plano cósmico, a confiança em minha missão, a confiança em meus talentos, etc.

Todas as provas ou tentativas, para ateus ou cristãos, de demonstrar a existência de Deus devem ser encaradas como evidências, como o trabalho de um detetive que corre atrás de pistas sem nunca ver efetivamente o assassino cometendo o crime, como pegadas na areia de uma praia quando não vemos mais quem as formou, enfim, como tentativas de nos aproximarmos o máximo possível do que o entendimento humano é capaz de alcançar sobre a compreensão de Deus,

sendo em qualquer circunstância a fé necessária, pois caso contrário a comprovação definitiva de Deus significaria a destruição da necessidade da confiança, a destruição de um dos alicerces mais básicos do cristianismo, e creio que nenhum daqueles que tentaram prová-lo pretendiam isto.

Existe uma forma de saber qual a missão que Deus tem para mim, qual é o papel que ele me deu neste plano? Sim, mas me parece que já percebemos que Ele não aparecerá na nossa frente do nada e entregará o seu cartão, para depois nos chamar para tomar um café e convidar-nos a aceitar a missão, com contrato assinado e reconhecido em cartório. Ele nos deu uma ferramenta excelente para checarmos se o que estamos fazendo está de acordo com a nossa missão ou não: nossas sensações! Visto que somos livres e finitos, podemos nos perder, nos afastar do propósito que ele tem para nós, mas nossas alegrias e tristezas nos traduzem quão longe estamos do caminho desenhado por Ele. Como naquela brincadeira onde vendamos nossos olhos e nos deixamos orientar pelos gritos das pessoas, “está quente!” “está frio!”, vamos percebendo através do comando que recebemos o quão perto estamos do que Ele projetou a nós; assim funcionam nossas sensações.

Vocês devem perceber que algumas coisas que fazemos nos deixam tristes e outras felizes. Para mim, por exemplo, escrever me deixa feliz e satisfeito. Este é um sinal de que talvez eu esteja próximo da missão que me foi dada. Por outro lado, se estou triste com alguma coisa, só posso concluir que me distanciei do propósito que Deus tem para mim. Não é o máximo? E perceba que para que tudo isto funcione eu preciso ter fé, sim, confiar que esses sinais são divinos.

Pois bem, se a alegria para os gregos era uma conseqüência da ocupação do seu espaço natural no cosmos, para o cristão ela é a conseqüência de estar fazendo o que Deus quer de você. O prêmio por você estar cumprindo com o plano de Deus, por você ter associado-se livremente a Ele é a felicidade, a isto que se chama comunhão com Deus, transformar Deus e Homem em um só.

Como conhecer Deus? O Deus dos estóicos por exemplo não requer nenhuma fé, está bem diante de nós, Deus e natureza se confundem, é passível de ser deslumbrado, contemplado. O Homem deve se colocar disposto a tentar compreender, uma vida inteira de observação, o todo cósmico para entender o que ele está fazendo aqui. O Deus cristão, por sua vez, transcende a este cosmos, vai além da natureza, e, portanto, requer uma

ferramenta adequada para responder esta necessidade, a confiança no que não é visível, mas esperado, a fé. O Homem, no entanto, não está perdido neste jogo. Ele deve estar atento aos sinais para usá-los como faróis luminosos, a luz divina que ilumina a razão.

### *3.3 O revolucionário Jesus Cristo.*

Jesus Cristo foi um dos filósofos mais importantes da história da humanidade. O cabedal de idéias benéficas a uma sociedade que ele cultivou nos serve como um verdadeiro guia em meio a crise moral que poderíamos estar passando. Nesta afirmação não levo em consideração qualquer aspecto metafísico ou teológico que ela possa ter, pois me preocupo ou, melhor, admiro sim a repercussão que sua filosofia de vida tem de positivo nas sociedades que se seguirão a ele, do ponto de vista da convivência humana, mesmo.

Não deixo transparecer nenhuma outra especulação, pois faço um esforço tremendo para tornar estas palavras as mais claras possíveis: Quero considerar a figura de Jesus Cristo associada ao ideal por ele espalhado com um olhar histórico e nada mais, sem pensar que se trata do filho de Deus ou qualquer coisa neste sentido. Deixo isto ser analisado por aqueles que devem ter nesta matéria muito mais conhecimento que o meu, pois para mim o grande problema ao partir desta premissa é analisar sua ideologia e a idade média sob a aura da perfeição, da bondade e da beleza, características do Deus cristão. Se começarmos assim certamente chegaremos a conclusão de que

ela é de fato a idade das trevas. Porém, o que proponho é olharmos para ela como outra construção qualquer dos homens, passível de imperfeição, ou melhor, do que simplesmente o Homem é.

Se tivermos como ótica de comparação a construção histórica e o ambiente no qual o cristianismo floresceu, e não a idéia de Deus, perceberemos quantas novas, surpreendentes e interessantes reflexões nos oferece este acontecimento. Notável perceber a capacidade deste ideal de enxergar e constituir algo novo em meio a uma cultura tão diversa que oferecia respostas quase opostas, a greco-romana. Estas idéias cristãs nada mais são do que o que depois se tornará o lema da revolução francesa, ironicamente anti-clerical: Liberdade, igualdade e fraternidade, que se desdobra no amor ao próximo.

Qual a relação entre os antigos gregos e a liberdade? Já falamos um pouco sobre isto. Se pensarmos em Aristóteles por exemplo, veremos a idéia de cosmos e o papel do ser humano neste todo. Existe uma vida possível de ser feliz, tal seja aquela onde eu cumpra minha função cósmica. Porém se formos analisar outro traço desta mentalidade, perceberemos a força irresistível aos antigos do destino, força comandante da vida dos homens. De fato a adoração pelos oráculos e videntes era quase

tão grande quanto o medo por eles estarem certos. Já falamos, por exemplo, de Édipo e do seu trágico fim, quando ele, após acreditar-se livre, percebeu que era uma marionete nas mãos das profecias anunciadas. Poderemos sempre nos perguntar o que teria acontecido se ele não tivesse ido procurar Delfos, mas não passaríamos de meros seres em busca de algum divertimento intelectual, pois de fato não foi isto que aconteceu, tudo aconteceu como teria que acontecer.

Não é só o destino em si que os homens antigos deveriam temer, mas também as forças divinas. O interessante e divertido é que dada a existência de vários deuses, deuses para as cidades, para as forças da natureza, deuses que protegiam as famílias, etc, a chance de você ter mais deuses inimigos do que amigos era enorme. O prudente Homem antigo venera os deuses da sua cidade, da sua família, da sua classe, enfim, mas devia temer todos os outros como seus inimigos em potencial. E os seus deuses? Aliados em potencial. Em potencial porque os deuses antigos estão sempre prontos para mudarem de lado, virarem a casaca ou traírem seus protegidos quando são seduzidos por outros povos. Nas guerras antigas, por exemplo, uma das principais tarefas é convencer os deuses do exército inimigo a passarem para o seu lado. Os deuses antigos não são



dignos de confiança e preferem os homens presos e temerosos do que livres e respeitosos. A convicção da mitologia grega, por exemplo, é clara: fomos criados para servir de distração aos deuses que estavam entediados demais para suportar a organização perfeita e enfadonha do cosmos. Verdadeiros animais de estimação enjaulados e sempre prontos para servir às diversões divinas, é isto o que somos para as divindades gregas e romanas. Daí todos os oráculos, todas as tragédias e o povo assistindo para conferir quando o protagonista descobrirá que foi usado o tempo todo.

Pois bem, eis que surge um ideal que contrasta fortemente com esta lógica. Os homens ganham em liberdade, ganham um respiro, não estão mais nas mãos de deuses que podem traí-los. O Deus cristão é aquele que afirma o livre-arbítrio do ser humano. Veja, podemos levar este ponto para vários lados, mas observe comigo. Na Grécia o Homem era o resultado de um defeito de fábrica, de uma pisada na bola de um deus de segunda linha chamado Epimeteu. Somos um problema, uma doença, nossa consciência é resultado da nossa imperfeição por não sabermos, ao contrário dos animais, qual o nosso papel natural no cosmos. Agora nossa consciência é símbolo da nossa liberdade em relação a Deus e este é um ponto relevante,

liberdade em relação a Deus! Pela primeira vez temos um Deus superior a qualquer coisa existente que afirma não querer escravos, e sim seres livres e conscientes.

E você poderia argumentar: mas eu não acredito em Deus. Pouco importa! Não pense no Deus em si, mas compreenda a força que esta idéia carrega consigo, a liberdade do Homem em relação ao sobrenatural. Veja que avanço formidável esta filosofia carrega em si, liberdade, como uma rosa preparando seu desabrochar! Seja Deus verdadeiro ou não, o espírito daqueles homens agora estava se deixando contaminar por uma sabedoria que servirá mais adiante como a chave para as sociedades que se levantarão.

E quanto à igualdade? Poderíamos voltar aos gregos para perceber que neste campo a mudança é genial. Voltemos novamente – como se não bastasse, não é? – a idéia de cosmos. Cada um tem um papel natural. Genericamente o papel do ser humano é pensar, contemplar, justamente porque é assim que ele percebe a sua posição individual no cosmos. Obviamente, e se pararmos para refletir é isto mesmo, alguns pensar melhor do que outros. Seja pelo que hoje atribuímos mais a uma escolaridade ou uma formação intelectual, os gregos viam isto como o reflexo de um talento natural. Se ele pensa melhor do

que outros ele tem um talento natural, cósmico, para atuar e viver, e nada mais natural, para ser redundante, que ele mande moral e politicamente, naqueles que não pensam tão bem quanto ele, porque o seu pensar é um indicativo que ele cumpre melhor seu papel de Homem, ou seja, é um Homem melhor do que os outros. Quem pensa melhor é um Homem melhor e deve mandar na sociedade. Quem pensa pior é um Homem pior e deve obedecer na sociedade. Assim os gregos vão justificar entre outras coisas a escravidão. Percebam que há, naturalmente, seres humanos melhores que outros, há uma hierarquia natural que cria uma forte distância social entre estes agentes. Os homens antigos são, por definição, desiguais por natureza.

E então quando estávamos já convencidos surge um pensamento que nos diz: Somos todos filhos de Deus, mas não qualquer Deus. Do Deus cristão, único, onipotente, onisciente, onipresente, criador de tudo, inclusive do ser humano, que nos fez a sua imagem e semelhança, sem distinção naturais. Agora, propriamente, não importa se eu sou melhor do que você e sim que sou filho do mesmo Deus e, portanto devo ser respeitado na mesma medida. A palavra ser humano agora se justifica, pois agora, embora haja uma clara distinção natural entre os animais e o Homem, estes, entre si, são iguais. Eu mesmo ofereceria

uma contra argumentação que surgiu na minha cabeça: mas os homens da idade média não eram iguais, havia aquela história de que alguns nasciam para trabalhar, alguns para rezar, alguns para ser nobres, aquela coisa simplista que aprendemos na escola, e eu diria, tudo bem! Porque, de novo, isto não tem grande importância, já que agora temos como possibilidade real a igualdade, mesmo que de imediato os homens medievais não a tenham aplicado imediatamente.

Convenhamos que já é um avanço grandioso considerar todos iguais, a legitimar a desigualdade como obviedade da natureza. E se os homens são diferentes mesmo, pois bem, isto não justifica não dar a todos a capacidade de usufruir dos mesmos direitos, eu disse, direitos. Isto, depois de Cristo, se torna plausível, aceitável, mas não é algo que se opera na hora. Demorará mesmo muito tempo para entendermos o poder destas palavras, talvez nunca entendamos. O que é preciso ressaltar é que toda a tentativa de tentar universalizar *as possibilidades existências* de pessoas diferentes em uma sociedade, inclusive a revolução francesa, tem como uma das principais raízes a idéia de igualdade entre os homens cultivada pelo cristianismo. E isto independente de Deus existir ou não, porque de fato isto é o que

menos importa diante do impacto social que esta crença provoca.

Ainda nos falta analisar a terceira parte do ideal cristão, a fraternidade baseada no amor ao próximo. E, para isto, só podemos continuar comparando com a idéia de mundo grega e romana para nos mantermos no terreno dos homens, para não cairmos no erro de ver na história medieval o espectro do Deus perfeito, porque não tenho a mínima intenção de provar ou não Deus, mas apenas de explicitar o ideal cultivado pelos cristãos a fim de mais a frente poder explicitar com mais tranquilidade o que venho dizer com mais ênfase.

Qual era a noção de outro da mentalidade grega? De modo geral o outro era aquele que eu deveria me preocupar ou, na melhor das hipóteses, desconsiderar. Há, por exemplo, enorme desconfiança do estrangeiro nas cidades gregas e romanas. Ele não tem direitos, não tem respeito dos outros, tem um status social baixíssimo. Aristóteles não pode assumir a academia de Platão por não ser cidadão de Atenas. As punições e crimes frequentemente tem penas diferentes para cidadãos e estrangeiros. Até mesmo o escravo era mais considerado porque fazia parte da cidade, e o que isto significava? Cultuar os mesmos Deuses. A cidade grega e romana é acima de tudo uma

organização religiosa altamente separatista. Cada cidade tinham seus deuses e por isto o estrangeiro era alvo de desconfiança. Notável resquício das crenças primitivas destes povos, o culto dos mortos e o fogo sagrado. Mesmo dentro da cidade os cidadãos se comportam como sacerdotes da sua própria família, defensores do próprio lar. Não há um sentimento de comunhão, a cidade é um espaço fragmentado em mini grupos sociais, as famílias. A própria democracia é uma consequência natural da organização destes grupos através dos seus representantes, os pais. O que a primeira vista poderia transmitir a idéia de igualdade nos engana. Não somos iguais porque nós mesmos dentro de nossas cúrias e famílias, as micro sociedades dentro da cidade, temos nossos deuses particulares e diferentes entre si, e se temos também um deus em comum, isto não nos torna irmãos. Tal a natureza da cidade antiga.

Pois bem, o que acontece no cristianismo? A fraternidade. Ela não se baseia na idéia de eu ser protegido por um Deus, mas de eu ser filho dele. Em outras palavras, somos todos filhos de Deus, o único que existe, e portanto isto nos torna irmãos: pois irmãos devem se respeitar e se amar. Eu gostaria de transmitir toda a energia que esta reflexão provoca, pois pense o seguinte. O grego olha para o lado. O que vê? O

outro. E quem é ele? É aquele que tem um diferente Deus que o meu. Como devo me portar? Não devo considerá-lo a ele, mas apenas àqueles que fazem parte da minha família. A família era construída não pelos laços de sangue, mas pela ligação religiosa. O que o cristianismo faz? Pega estes homens que se olhavam com desconfiança e afirma: Agora vocês são filhos de Deus, agora vocês fazem parte da mesma família, pois todos vieram do mesmo Homem, o criador, o único. Agora só lhes restam se amar.

Ainda, para além do meu próprio umbigo, minha felicidade agora depende do próximo, daquele que é meu irmão, daquele que é criatura como eu, igual a mim, livre como eu, passível de preocupação como eu. O cristianismo postula uma verdadeira comunhão entre os homens. Preocupe-se mais com o outro do que com você mesmo porque ele fará o mesmo por você, sua alegria não tem outra causa senão a alegria do próximo, que fórmula incrível de vida, ideal fantástico! Não é outro o sentido do amor ao próximo: aquele onde eu abro mão do que me satisfaz em nome do outro. “Utopia!” Gritaria alguém. E de longe eu devolveria: “Sim, com certeza!” Mas repare que se tirarmos a parte metafísica, por assim dizer, o fato de Deus transcendental existir, nos criar, etc... e ficarmos com o

amor ao próximo, puro e simples, como construção humana, como valor mesmo, ficaríamos com uma bela realidade em nossas mãos não é? Seria isto possível de acontecer? Deixo a pergunta, pelo menos por hora, suspensa, esperando que você compreenda a mudança da concepção de fraternidade dos gregos aos cristãos.

Podemos agir como carrascos prontos a condenar um tempo histórico a partir da nossa visão ou da perspectiva de um reino de Deus na terra. Com certeza se pensarmos desta maneira a Idade Média é um prato cheio, mas não menos cheio que a antiguidade, a história pré-escrita, ou qualquer tempo, em qualquer lugar, que pretendamos analisar. Pois acima de tudo somos o que somos, homens. Portanto espero que eu tenha estado a altura de demonstrar que a idéia cristã de mundo, com todos os erros que poderíamos encontrar, cultivou uma plantação fértil que, definitivamente, cresceu no coração dos homens. Liberdade, Fraternidade, Igualdade... e os desejos... os desejos...



### *3.4 O choque de realidade: A crise do grande Pai e da inteligência do universo.*

Você pode imaginar como toda esta história de Deus, missão, talentos e plano divino confortou o coração dos homens. De fato ainda hoje está crença persiste tentando abafar o som que vem de dentro: o oco do Homem. O cristianismo apresenta o ideal para a felicidade baseado no conhecimento de Deus. A vida boa agora não consiste em corresponder ao seu lugar natural no cosmos, e sim cumprir a missão divina que foi legada a ti. O prêmio seria a eternidade em um paraíso com o máximo de felicidade que nenhum Homem jamais experimentou. Como os gregos, aqueles cristãos tem um ideal para perseguir, um motivo para viver. Deus lhes dá os instrumentos necessários para navegar com tranquilidade neste oceano revolto chamado consciência. Ouso dizer que provavelmente eles eram muito mais felizes que nós, tal é a constatação de que quanto mais se sabe, menos se sabe e mais se angustia. A cidade de Deus fica bem nos nossos corações.

Mas como a história não respeita a estabilidade emocional dos homens, três figuras iriam abalar os pilares do mundo cristão e, com eles, derrubar tudo o que tinha restado do cosmos grego: Copérnico, Galileu e Newton. É claro para mim

que estes homens apenas simbolizam, dada a relevância do seu trabalho, um crescimento técnico que se dava desde o final da Idade Média. Também me parece que eles nunca tiveram como objetivo propriamente destruir o cristianismo ou qualquer coisa assim, pois buscavam apenas satisfazer suas necessidades de conhecimento objetivas. Pensamentos a parte, o fato é que a partir de suas observações a humanidade não poderia olhar para o alto da mesma maneira. Não havia volta. Uma vez de conhecimento público, aquelas idéias não poderiam seguir ignoradas para preservar a relação amistosa do Homem com Deus. Não é engraçado como as vezes a história parece simplesmente escapar de nossas mãos?

Nenhuma palavra que eu escrevesse aqui seria suficiente para descrever o choque existencial que deve ter havido em meados do século XV e XVI para os homens que tinham como ideal uma ordenação cósmica e um Deus transcendental. A distância que divide a história dos homens é a do olho de Galileu no seu telescópio. Duas das principais premissas começam a ruir com as pesquisas daqueles e de outros grandes homens do período que apontavam para um universo caótico e para o sol, e não a terra, como centro do universo. Quando as pessoas perceberam que o universo não era harmônico como

acreditavam os gregos e herdaram os cristãos, quando o conceito de cosmos caiu, quando o nosso planeta já não estava mais no centro do mundo, estes dois golpes vão desnortear a humanidade, deixá-los sem rumo, como aquele boxeador que depois de dois diretos cambaleia na arena sem noção de onde está o chão. Sim, era disso que se tratava. Onde está o nosso chão? Perdemos o nosso fundamento. É preciso reorganizar o conhecimento humano, a ética, o modo de viver, mas como? Deixe explicitar o problema.

Eis um Homem medieval. Ele pode ter diversas dúvidas, mas não sobre duas coisas. A primeira, aprendeu dos gregos: o cosmos é inteligente. O que nos leva a segunda: para ser inteligente é preciso ter sido feito por uma inteligência organizadora, Deus. Esta é, como retrato da época, uma das provas da existência de Deus de Tomas de Aquino na sua Suma Teológica, inclusive. Estas crenças, estes atos de fé, servem-lhe de base para a vida. O que ele entende por justo, por belo e por verdadeiro descansa, repousa, sob estas premissas. E de repente o que era um céu límpido escurece.

O cosmos era uma construção fantástica. Exigia uma inteligência das coisas do mundo revelada pela sua finalidade. Exigia uma conexão entre as partes. O universo harmônico

torna-se, a cada descoberta, mais difícil de ser defendido. Sob as lentes de Galileu observamos as estrelas e vemos que o universo era maior do que se pensava, talvez até infinito. Percebemos que não há supostas esferas concêntricas entre os planetas como postulava Aristóteles. Perceberíamos depois, com Kepler, que as órbitas também não eram círculos perfeitos. Newton descreveu a gravidade como uma força natural que atrai corpos, não tendo ela nenhuma pretensão de harmonia. Os planetas não se comportavam por uma suposta inteligência universal, mas pela força da gravidade, que hora podia colaborar, mas a maioria das vezes deixa o universo extremamente caótico. O mundo não parecia aquele todo ordenado. Não tinha ordem nenhuma, nada que pudesse justificar uma inteligência.

Por outro lado uma das maiores crenças da história caíram com os primeiros ensaios o sistema Heliocêntrico postulado por Copérnico. A terra não estava mais no centro do universo, não era mais o ponto fixo sobre o qual tudo se movimentava, mas passa a posição de coadjuvante girando, como os outros planetas, em torno do sol. E com o passar dos avanços astronômicos a terra vai sendo cada vez mais condenada ao ostracismo, a mediocridade e a irrelevância cósmica. Hoje sabemos que somos um planeta pequeno, em um sistema

pequeno, em uma galáxia sem importância e em um grupo local de galáxias de pouca grandeza, se comparado aos outros que existem. Quanta empáfia nos imaginarmos tão importantes diante da grandeza do universo, em?

Lembremos daquele medieval. Deus existe e criou um todo inteligente. Qual história ele vai contar para seu filho, quando este lhe perguntar como é o cosmos? Ou pior, qual história ele vai contar para si mesmo, para tentar se convencer de que é alguma coisa diante de tantas evidências? Mas e Deus? Também saiu mal. Sem a harmonia cósmica, sem a suposta inteligência, como Tomas de Aquino poderia provar sua existência? Como a Divina comédia faria sentido se nada mais estivesse conectado? O vácuo do universo é um problema para quem quer acreditar no cosmos. O sol no centro do sistema solar também foi um golpe para o grande pai. Observações que contrariam a bíblia se tornam embaraçosas e Galileu é coagido pela Igreja. Não só ele. Se a bíblia estava errada quando a algumas questões, porque não as outras?

Aquele cosmo em que eu me baseava, aquele Deus que parecia tão imponente, agora davam sinais de fraqueza, se esfarelavam diante dos nossos olhos. Imagine o transtorno que foi o Homem se ver sem teto, sem chão. Sem alguém para lhe

proteger e lhe dar uma vida, para dar significado a sua existência. Não havia plano de Deus, não havia encaixe cósmico. Até mesmo as descobertas na anatomia, mais para o século XVII, vão complicando as coisas. “Onde está a alma?” Perguntariam os céticos.

Porem os homens ainda não estavam preparados para tais descobertas. Assim lhe contam a verdade, mas eles relutam a acreditar. Os homens tentaram de tudo para reviver o grande pai, e ainda tentam. O desespero tomou conta do que hoje classificamos por idade moderna. Os primeiros filósofos deste período todos se esforçaram para mostrar Deus, como um Pai a quem não estamos preparados para nos desgarrar. Sair de baixo de suas asas não era tarefa pouca, afinal de contas foram pelo menos 1000 anos sob sua tutela.

Os primeiros homens modernos são pessoas atormentadas. Não conseguem dormir com o nó na garganta de ver o pilar de seus ideais ruir pelas suas próprias descobertas. Animados com cada nova observação mataram o cosmos e colocaram o Deus no paredão. Como carregar o peso de uma existência sem estes ideais e tudo que eles traziam? Era preciso confiar em algo que não fosse nem o cosmos nem Deus cristão. Este não sairá da pauta de imediato, pois isto seria exigir uma

capacidade além da imanência dos homens, mas não pode mais ser o centro do nosso modo de vida. Precisamos de outro ideal, de outro meio para buscar a felicidade. E quando todos se encontravam embriagados demais para assentar novas bases, um deles enxergou de longe uma luz no fim do túnel...

#### ***4. O ideal moderno.***

Após a queda do cosmos e o enfraquecimento do grande Pai, nós, Humanos, não mais poderíamos usá-los como fundamento social. Poderíamos ter uma crença pessoal, poderíamos até basear nossas vidas sobre estas estacas, mas a sociedade não mais se guiaria por elas. De fato o Homem tinha percebido, mesmo que por muito tempo ainda buscaria se desmentir, que não poderia contar com estas idéias para apoiá-lo. O que mantinha Deus na filosofia era mais um medo de realizar uma ruptura tão grande, uma falta de ousadia para se separar do grande pai que a 1000 anos cuidava da humanidade, do que propriamente o fato dele ser fundamental para as teorias modernas. Deus se afasta do centro das grandes filosofias na mesma medida que a terra deixa de estar no centro do universo: cada vez mais escondido.

Não poderia ter sido diferente. Há impossibilidade de ignorar as descobertas de Copérnico, Newton, Galileu e outros provocou uma grande crise de identidade, os caminhos que pareciam tão claros para a felicidade escureceram, estávamos jogados em meio ao caos, sem rumo, navegando. O Homem estaria perdido se não descobrisse algo novo em que acreditar,



uma nova fé, um novo ideal, um novo modo de viver e ser feliz. Como viver, quais serão nossos fundamentos se não podemos mais acreditar que temos um lugar no cosmos ou que este Deus tem uma missão para nós? A resposta estava mais próxima do que poderia parecer: O Homem!

Procuramos por tanto tempo fundamentos fora de nós e todos falharam. Que tal acreditarmos que somos capazes de firmar nossos fundamentos, de construir nosso ideal, de planejar uma sociedade baseada não em uma energia cósmica ou um plano divino, pois somente na força dos homens, na capacidade que temos de ser diferentes dos animais, nesta característica única que temos e que nos diferencia do resto da fauna e da flora, a Razão. O Homem é um animal racional! Estamos salvos!

O Homem que abre as portas para esta conclusão não é outro senão Descartes. Como o Homem antigo se definia? Como parte do cosmos. Como o Homem medieval se definia? Como filho de Deus. E agora, Descartes? O Homem moderno se define como ser pensante, como ser capaz de raciocinar, característica que lhe é própria, *cogito ergo Sum*. Eu sou porque penso e através disto tenho a liberdade perante a natureza para

transcendê-la e construir uma sociedade ignorando ou lutando contra meus instintos mais ferozes.

A felicidade que na Grécia era o sinônimo de ocupar o lugar natural no cosmos, que na Idade Média era o retrato de cumprir a missão de Deus em vistas do seu plano divino, agora, baseado na possibilidade de ser livre através da nossa racionalidade, é a conquista da feroz natureza externa e da natureza interna, nossos desejos e instintos. Partindo da premissa que o Homem é racional, ou seja, é capaz de transcender aos instintos naturais, fundasse o novo projeto de civilização, o novo ideal, o novo norte, a nova bússola para orientar os marinheiros das consciências e tirá-los da angústia existencial que lhes afligiu nesta transição.

A razão grega, o *logos*, que antes estava no universo, pois este era ordenado, a razão de sermos que estava no Deus cristão, agora esta no Homem. Não é o universo que é racional, mas o Homem, dada sua incrível capacidade pensante, que é capaz de racionalizá-lo, organizar o caos. A virada antropocêntrica é uma das guinadas mais poderosas rumo ao ser humano: O egoísta! O egocêntrico! Esta é a natureza humana. Mas, além disso, há algo mais, dirão estes modernos. Há o

elemento razão que nos permite combater-nos e construir um mundo novo, domesticar a natureza caótica. Será?

#### *4.1 A fé na razão.*

“Fé na razão!” É isto que gritam os modernos. Quando o norte divino desaparece, no que mais poderiam eles se apegarem a não ser no próprio Homem? Quando decidem isto a pergunta óbvia deveria ser: e o que o Homem tem de tão especial para o escolhermos? Olhando para a natureza, a resposta é facilmente encontrada. Ora, o Homem é o único capaz de transcender a sua natureza e construir uma sociedade baseada em princípios racionais, lógicos, enfim... O Homem é o único que tem controle sobre si. Da onde vem estes princípios racionais? Da onde eles tiraram que são racionais? Ah... um ato de fé, claro. Pois olhar-se no espelho e concluir que é livre, racional, que controla a sua história, etc... Quais as evidências para isto? Não gostaria de me adiantar, mas, só para me divertir plagiando Unamuno, esclareço que nunca vi meu cachorro rir ou chorar... bem, Sigamos em frente.

Temos que entender o Homem moderno como um ser em constante luta. Sua luta se dá em duas frentes, interna e externa. Sobre a interna, o corpo, os apetites, deixo para comentar no próximo tópico. Quanto a sua relação com a natureza somos imersos em uma profunda desconfiança muito

diferente – para animar os filhos de Rousseau – do raciocínio grego. Os gregos tinham a natureza como referencial de vida. Era de lá que eles tiravam a justiça, a beleza, a boa vida, o conhecimento, etc. A natureza era perfeita e se havia algum problema no cosmos este tinha nome: Homem. Isto fazia muito sentido em um universo inteligente, porém este recurso os modernos não podiam mais contar. Vieram com o Homem racional e logo perceberam que isto não combinava muito com o mundo a sua volta. Os homens, seres pensantes, são os destinados, verdadeiros deuses terrenos, a domesticar a natureza, o universo. E porque há esta necessidade? Porque o mundo exterior se apresentava de maneira caótica, não tem nada haver com aquela pretensa ordem aristotélica.

Agora o objetivo não era viver de acordo com a natureza porque ela é injusta, ruim. O que poderíamos esperar se vivêssemos de acordo com o mundo natural? Agora o nosso papel é tornar tudo inteligível, é organizar, ordenar o cosmos, fazer o papel de Zeus. Era obvio para a maioria que o intelecto humano era capaz de descobrir as leis gerais de funcionamento do todo através de uma palavrinha mágica chamada *ciência*. Ela era a nova locomotiva responsável pela exploração de tudo, aquilo que iria enfrentar o mundo exterior, pondo-o aos pés dos

seres humanos. Uma corrida desesperada se inicia trazendo, de fato, muitas conquistas. O Homem adquire tal confiança no seu poder que se diz capaz de, algum dia, prever o funcionamento de tudo, inclusive da mente humana. O positivismo se torna o retrato desta realidade, a era das luzes é inaugurada, iluminando todos os mistérios da consciência, indo cada vez mais fundo no universo, criando leis gerais, sistematizando conhecimentos, enchendo bibliotecas, livros e mais livros, um saber cada vez mais especializado e restrito.

A enciclopédia é o símbolo material desta era. A tentativa de explicar tudo é o ideal dos homens. Quanto mais conhecermos, mais controle sobre a natureza teremos, mais seremos livres e maior será nossa condição de construir uma sociedade justa, afinal. A ciência passa de um papel contemplativo que tinha na Grécia para a atuação. Se antes deveríamos observar a perfeição cósmica, agora devemos construir o saber, relacionar eventos, fabricar relações de causa e efeito que seriam impossíveis pela mera contemplação. Mas e a felicidade? Também esta na pauta. É uma consequência da nossa liberdade para nos aprimorarmos.

O Homem é superior aos outros animais. Ele é capaz de aprender e de evoluir, é o único que não se entrega às forças

naturais, tem a capacidade de se aperfeiçoar ao longo do tempo. A educação é uma prova de nossa excelência. A escola deverá ensinar nossas crianças a lutarem contra seus instintos, a construir uma sociedade melhor. É lá que a próxima geração observará o que o ser humano sabe e tentará continuar sua história, construir sua história! A escola é o lugar onde se prepara a criança para responder, e não perguntar.

O Homem ganha autonomia perante sua história. A liberdade de cristo finalmente desabrocha criando uma absoluta sensação de otimismo com o futuro. Não somos um coadjuvante da harmonia cósmica ou do plano de Deus, somos atores principais do nosso próprio filme. Como é gratificante a sensação de comandarmos o espetáculo, quando a vida passa diante de nós, tendo a sensação de que estamos decidindo nosso caminho. Destino é agente que faz! Somos livres! Somos racionais! Me sinto tão bem! Como é bom pisar sobre terreno firme novamente.

Não somos filhos de Deus, somos os próprios deuses. Olhamos a natureza de cima, determinamos o que é bom e ruim e por quê? Porque podemos. Construimos o mundo a nossa maneira. Temos esta capacidade de julgar soberaneamente, sem interferência natural, nos pomos em um verdadeiro pedestal

metafísico, em um além mundo racional, um pretense de grau superior atingível apenas por nossas belas consciências. De fato somos onipotentes, oniscientes, onipresentes. E isto tudo assentado sobre o que mesmo? Uma premissa digna de adoração. As bibliotecas se tornam verdadeiros santuários modernos. Lá, a verdade, o compêndio do conhecimento humano. Mas qual conhecimento é este?

O Homem moderno fincou raízes confiando seu ideal a sua capacidade transcendental da razão, capacidade a que ele mesmo se atribuiu. A locomotiva foi a ciência, a pretensão de construir uma ordenação no agora universo caótico. A corrida pelo conhecimento se torna exaustiva e tinha um objetivo claro: liberdade. Quanto maior fosse sua enciclopédia mais preparados estariam para enfrentar os infortúnios naturais, as surpresas existenciais, nunca seríamos pegos desprevenidos. Sua sede pelo controle e pelas codificações, a tentativa de transformar o mundo em uma imensa máquina manipulável por um pensamento livre e soberano, só demonstrou o horror de nossa espécie à insegurança.



#### *4.2 Vontade x desejos: Não somos caranguejos!*

Se o Homem se via como capacitado para organizar o universo a sua volta, isto só poderia acontecer porque considerava que tinha uma vantagem em relação aos outros animais. De cara a tentativa de fazer esta distinção levou-nos a postular a seguinte tese: o Homem é um animal racional. O que significava isto? Que ele transcendia a sua natureza. A natureza do animal, seja o Homem ou qualquer outro, é egoísta, só pensa em si e na sua sobrevivência. Se dependêssemos dela todos nos mataríamos em nome do prazer pessoal e dos interesses particulares. Pois se todos os animais se comportam invariavelmente desta maneira, os homens têm algo a mais, a capacidade de controlar seus instintos e decidir sua vida racionalmente, o que lhe permite ser livre. A liberdade decorre do fato de eu poder escolher se sigo ou não meus desejos da natureza, meus instintos.

Assim, o cachorro tem uma natureza instintiva que lhe decide a vida. Como ele não é dotado de razão, de pensamento, não pode escolher, propriamente, porque nunca poderá contrariar os apetites do seu corpo. O Homem também tem apetites, mas sua natureza não lhe basta. E, além deles, ele tem

um elemento chamado vontade, a capacidade de deliberar usando a razão sobre qual a melhor maneira de viver. E o que é deliberar racionalmente? É poder passar por cima dos seus instintos mais selvagens, da sua natureza egoísta, dos seus interesses particulares, e decidir usando princípios lógicos próprios do nosso intelecto, da nossa capacidade pensante, do *cogito* de Descartes.

Como seria fácil dar exemplos neste sentido não é? Você está no trânsito e de nada alguém te dá uma fechada, já aconteceu com vocês? Respondendo a um estímulo externo o seu desejo logo é acionado: você quer matar o cara. Caso você fosse um caranguejo, como é dominado pelos instintos, você prontamente agiria de acordo com o desejo e atacaria o sujeito. Mas como você é um ser humano você se controla, respira fundo, conta até dez e, por um ato de vontade decide soberanamente deixar passar, não se envolver numa briga. Você não é um caranguejo!

Desejo e vontade são duas características distintas. O desejo é todo o instinto do corpo, da carne, é a parte animal do Homem, nossas emoções, nossos sentimentos, aquilo que nos levaria a escravidão, se não tivéssemos vontade, uma capacidade pensante de sair do corpo e julgá-lo de fora através da lógica. E

é este, justamente, o ponto que nos diferencia dos animais e nos credencia a dominar o universo. De um petisco a um cachorro depois de uma boa ação e ele tenderá a agir sempre daquela maneira, esperando a recompensa, agindo de acordo com os estímulos externos. Ele só é o melhor amigo do Homem enquanto este lhe satisfazer seus impulsos. Mas o Homem se divide entre desejo e vontade. Ele tem instintos, mas acima deles tem uma capacidade de avaliá-los e controlá-los.

A pergunta óbvia que faríamos é: “da onde vem esta razão?” Se ela é livre dos desejos do corpo deve estar fora dele, deve ser-lhe uma instância superior, deve transcendê-lo. Em uma palavra, se a razão não pode estar no corpo, deve estar em outro lugar, na alma. E aonde está a alma? Tenha fé! Nenhum deles conseguiu demonstrar a alma, nenhum deles respondeu satisfatoriamente, mas todos continuaram acreditando que ela existe. Puro ato de fé, pura crença. É claro, para não ficar feio, os modernos não poderiam usar a mesma palavra que o cristianismo, então falaram em pensamento. Mas o princípio é o mesmo: acreditar que eu tenho alma e acreditar que eu penso livremente parte da mesma premissa: *fides*.

Mas não pensem – como se tivessem escolha, não é? – que a relação entre meus instintos e minha racionalidade é

pacífica, pelo contrário. Além de desconfiar da natureza que lhe é externa, o Homem vive em constante luta contra seu eu desejante. A história do Homem moderno é marcada pelas tentativas de controlar as suas pulsões. Seu próprio corpo é transformado num ringe onde se chocam o animal humano contra o humano animal. O corpo deve obedecer às ordens de baixo ou de cima? As ordens de baixo mandam avançar, as ordens de cima ponderam logicamente e decidem recuar. Qual seguir? Este é o drama ético da modernidade.

O importante nisto tudo é perceber que o Homem é livre. Tendo vontade ele pode escolher entre seus desejos ou não. Ele pode escolher o que não deseja. Ele pode decidir não ter o que o corpo pede. Vejamos por exemplo o treinamento militar. Os mais rigorosos são aqueles que ensinam o soldado a ignorar os pedidos das próprias vísceras e continuar em frente, suportar a dor, a fome, o frio, enfim, todas as sensações que nosso corpo nos manda pedindo uma resposta e que nós, dada nossa liberdade oriunda da vontade, não damos, porque não queremos. Deste ponto de vista, Rambo seria o maior exemplo moderno no mundo contemporâneo, mas haveria outros, vários outros.

O que é o Homem bom, para o ideal moderno? É aquele que controla suas pulsões, usando o máximo da sua

racionalidade e adquire a serenidade necessária para não se deixar levar pelos afetos que o mundo lhe provoca. É aquele que anda tranqüilo pelas ruas ciente da sua capacidade intelectual e de sua superioridade diante do natural. É aquele que pensa convicto controlar todas as variáveis que atuam na sua vida. É aquele que se olha no espelho confiante não por ser parte do cosmos, não por ser filho de Deus, mas por ter nele mesmo o fundamento para a felicidade, a liberdade racional. Mas acima de tudo é o Homem que grita em som claro e entusiasmado: Não sou um caranguejo! Não sou um caranguejo! Não somos caranguejos!

### 4.3 *A ação desinteressada de Kant.*

Aquele poderoso Homem que cresceu das cinzas do cristianismo estava pronto para ser o artista do espetáculo. Não se intimidaria pela vontade de um cosmos ou um Deus, pois nada disso podia substituir a força pela qual a fé na razão domou seu coração. O Homem era o centro do mundo por sua capacidade transcendente de escolher livremente, exercitar a lógica racional que lhe é própria. Oh poderosa crença que ainda nos domina no século XXI!

Dentre toda esta expectativa em torno deste bípede, aquelas de Kant foram as mais apaixonadas, aprontando terreno para todas as instituições que iriam surgir em nome deste ideal, onde se destacam a capacidade de agir por vontade, já abordada no tópico anterior e a conseqüente ação desinteressada, agir para o bem comum, abrir mão dos seus interesses ou simplesmente agir sem querer agir.

Creio que seja muito importante eu reviver este ponto para deixar bem claro o que estamos comprando: Se você admite a capacidade do Homem de agir por vontade você deve reconhecer que há algo que lhe permite sair do seu eu corporal, pois este é contaminado pelos seus desejos. Se eu sou capaz de

decidir independentemente dos desejos então deve haver algo em mim que não deseja. Se meu corpo deseja então este algo está fora do corpo ou eu mesmo não sou o meu corpo. De qualquer maneira isto seria afirmar que existe algo além desta realidade, pois eu só vejo o corpo, seja o meu, seja o seu. O que está fora de mim, fora do plano dos desejos e que é capaz de olhar para meu eu desejante deliberando livremente por ele? Minha alma. Agora, você pode chamar esta capacidade de alma, como os cristãos, ou pode simplesmente inventar outros nomes para, no fundo, a mesma coisa, como intelecto, pensamento, etc, mas não importa. O que interessa é que a existência desta alma não é apreciada objetivamente, mas depende da fé, fé na razão.

Isto não deveria ser um problema para Kant que era cristão ou para Platão que no fundo inspirou o cristianismo, mas é particularmente interessante ver cientistas afirmarem com convicção que só se baseiam em evidências, em coisas comprovadas e observáveis. Eles observam a alma? Observam a razão? É possível provar o homem racional? Alguém ai já trombou com os imperativos categóricos ou com os conhecimentos a priori? Não estou dizendo que não existem, mas que é sempre uma questão de crer. Portanto creiam no que quiserem!

E no que Kant acreditava? A beleza do Homem, o seu lado mais maravilhoso, é esta capacidade que temos de abrir mão do que nos interessa para construirmos uma sociedade justa, igualitária, honesta e fraterna. Poderíamos dar vários outros adjetivos, mas o que importa é que como o ser humano é racional, atua, ou pode atuar, por vontade, ele tem a competência de deixar o seu interesse de lado e soberanamente agir, sendo este seu grande agir virtuoso. Virtude é fazer o que não se deseja, é ir contra a natureza que te aprisionaria. A ação desinteressada de Kant é a base para a maior parte – pois não me arrisco a dizer todas por covardia – das instituições que nos governam. Adianto a pergunta que tentarei responder no último capítulo: dado que as coisas parecem não funcionar como deveriam, o problema esta nas pessoas ou nas instituições que exigem de nós o que não somos?

Voltando, olhem para o nosso dia a dia e reparem a estupenda capacidade de agir desinteressadamente. Qual a motivação que teria alguém que trabalha voluntariamente senão esta? Ela só pode agir assim porque pode abrir mão do seu interesse pelo bem do outro. Se estivermos dirigindo e vemos a nossa frente alguém atravessando a rua, o que nos impede de passar por cima desta pessoa e manter nossa velocidade? Uma



espécie de senso moral a priori: faça para os outros o que gostaria que fizessem para você? Não, isto já é interesseiro de mais. Simplesmente faça para os outros.

A ação desinteressada é aquela onde ajo sem interesse, porque ajo para o outro, porque meu ato termina no outro. Eu sou capaz de atuar para o outro porque sou pensamento livre, como se algo em mim me levasse a compreender o que é o bom e ruim, como se eu já soubesse intuitivamente o que é o bem e o mal. A democracia funciona assim. Parte do principio que eu sou capaz de transcender meus interesses particulares para votar naquele que será bom para a maioria, mesmo que não para mim. O que é o espírito público senão uma capacidade de governar o interesse dos outros, só dos outros? A maior demonstração da existência da vontade acontece quando vemos um político sacrificando sua honra, seu cargo e sua reputação em nome da verdade e do bem comum. Agora, Kant a parte, não resisto. Levante a mão quem já viu isto acontecer alguma vez!

Em muitas oportunidades a escola exige uma atitude Kantiana dos seus alunos. Estudem! Por que? Porque é bom! Já viram isto? Estudar desinteressadamente, agir desinteressadamente. Omitir os “porquês” é próprio do professor Kantiano. Conhecimento pelo conhecimento, boa ação

pela boa ação, respeito pelo respeito. A ação desinteressada só pode surgir de um ser que é capaz de escolher fazer ou não o que interessa, o que deseja.

Agir desinteressadamente também traz uma capacidade ótima: a de ser neutro. Funciona assim. Você é alguém. Você tem uma história de vida. Esta te remete a uma matriz comportamental. Mas, dado sua vontade você pode jogar tudo isto fora e simplesmente decidir o que quiser! É claro, isto depois de uma luta incansável contra os apetites do corpo, mas depois da vitória, nada poderá te deter, você acaba de ser divinizado, louvemos o novo Deus na terra! E você acha que isto não existe? Aula de direito processual civil, me deparo com a professora dizendo: “O papel do Juiz é ser neutro.” Recomendação de alguns cadernos antigos de didática do professor: seja imparcial! Você entendeu? É como se te dissessem: pegue sua personalidade, os fatos que te afetaram e te afetam diariamente, aquilo que você é, ignore-os, entre na sala de aula e aja como um autômato, um robô, seja neutro, você não tem história, nada te influenciou ou te influenciará. Ai aparece um cara como Paulo Freire e fala que não existe neutralidade e todos ficam estupefatos. Nossa que gênio!

A neutralidade deixarei para abordá-la mais adiante – você perceberá quando. De fato o que importa saber é como o pensamento de Kant é ao mesmo tempo criador e criatura da modernidade. O Homem é capaz de escapar a sua natureza desejante e atuar segundo sua vertente intelegível. Isto da possibilidade de agir desinteressadamente, o que significa a possibilidade de preocupar-se com o outro em nome do que você quer, como animal egoísta. Daí que está crença alimentou os mais belos paraísos terrestres como a sociedade justa, sociedade sem classes, igualitária, patriotismo, altruísmo, enfim, coisas que só podem existir se as pessoas forem desinteresseiras.

Os homens da modernidade adoraram cultivar um ideal onde todos abriam mão do seu próprio umbigo em nome do bem comum, de uma sociedade melhor. Esta crença dominou seus corações, deu combustível a suas inspirações. Estariam eles errados? Por maior que tenha sido a dedicação daqueles homens, todo o castelo é feito de cartas perante a incerteza e o imponderável que domina a existência. O acaso nos acompanha em cada projeto de civilização que assumimos, seja ele o cosmos, seja Deus, seja a racionalidade. A verdade nem sempre é tão clara assim.



#### *4.4 O prelúdio do fracasso.*

Os homens modernos provavelmente eram mais felizes que nós. Eufóricos com suas máquinas e suas novas invenções, desafiavam Gaia vivendo a ilusão de que ganhariam. E de fato conquistaram muitas vitórias, quem sou eu para questionar isto. Mas tal qual um jogador sortudo no maior dos cassinos, ultrapassaram todos os limites, se superestimaram demais. Distanciando-se da natureza, esqueceram o que temiam. A racionalidade se impôs de tal forma que convenceu aqueles de que eram imunes a natureza. A crença no bom selvagem, na utopia do bem comum e da decisão soberana vindas das suas almas, criou o mundo das ações desinteressadas, como se pudéssemos agir desta maneira.

O alicerce principal da era moderna, bem vivo ainda no cotidiano, tal seja, a fé na vontade humana, nos fez apostar todas as nossas fichas em coisas como a ciência, a capacidade de construirmos e entendermos o mundo, e criou a esperança de sermos levados para o caminho da pureza, da sociedade maravilhosamente ajustada para que todos desfrutassem da sua liberdade, com a condição de abandonarmos as pulsões egoístas

do corpo, colocarmos a razão a frente da emoção, o público a frente do particular, esquecermos o que de fato nós somos.

Tudo era falso. Tudo era apenas retrato de um mundo de fantasias, um grande Alice no País das Maravilhas, um grande conto de fadas, castelo de areia, pronto para cair a qualquer sinal de fracasso. Quanto mais nos aprofundávamos neste ideal, mas nos distanciávamos da natureza que alguma vez tememos. Entusiasmados pelas luzes do progresso fomos gerando a ilusão de que estávamos escapando aos desejos, quando na verdade corríamos entusiasmadamente em círculos, dávamos nossas voltas no quarteirão como crianças que correm na mão dos deuses.

E assim cultivamos nossos sonhos da melhor maneira possível, pela inocência, e desenhamos o monstro que iria nos engolir. A nossa grandiosa ciência, mãe das mães, aquela que deveria nos levar ao progresso e ao entendimento do mundo e do Homem, a cada questão que respondia abria espaço para quatro ou cinco novas perguntas. A ciência que tanto nos tinha trazido não poderia cumprir a sua promessa. A ilusão de que pudéssemos responder todos os mistérios ficou nisto, na ilusão, porque enquanto as respostas se acumulavam em progressão aritmética, os mistérios iam crescendo em progressão

geométrica. Não é que Platão tinha razão? Quanto mais se sabe menos se sabe.

A comparação é interessante. Quando o Homem-cientista moderno abria seus olhos o que via a sua frente? Uma longa planície pronta para ser explorada. E ele explorou. Corajosamente saiu a procura de respostas, ora caminhando com cautela, ora ousando ao máximo, mas sempre descobrindo alguma coisa. Cada vez que ele fazia uma descoberta uma nova parte da planície se abria para seu desbravamento. Assim, névoa adentro, ele foi ampliando o seu raio de visão, entendendo coisas que, em meio a neblina eram entregues ao divino, explicando o mundo que estava a sua volta, aquele imenso terreno antes inexplorado. Pois quando estava a todo o vapor eis que diante de ti surge um abismo. Fim da linha, de a volta, porque a partir daqui você não é capaz de prosseguir. O seu cruel destino o condenava àquilo que ninguém poderia aceitar: o mistério. A ciência, a filosofia, quando aprofundada, quando levada a seus conhecimentos mais básicos e mais profundos esbarrava na impossibilidade de acessá-los, nos nossos limites, na nossa finitude.

Este Homem, diante do abismo, da meia volta e tenta outro caminho. E desbrava, desbrava, desbrava e desbrava. Até

o momento em que um novo abismo lhe surge. De norte a sul, leste a oeste, aquilo que antes era uma planície apenas porque não tínhamos uma visão tão ampla se revela. A ciência esta apoiada em um rochedo mais ou menos plano cercado de abismos por todos os lados. Não temos qualquer idéia do que há depois destes declives, mas sabemos que nossa corrida termina aqui. Olhamos para baixo e o que nós vemos? Apenas nossos pés sobre a superfície de um sei lá o que, de um pseudo fundamento que não temos a mínima noção do que seja, pois não sabemos se estamos em cima de uma rocha que repousa sobre outra rocha que repousa sobre outra rocha que repousa sobre outra rocha que repousa sobre... sobre o nada?

Aquela ciência que o Homem confiou para lhe dar as respostas certas, quando levadas as últimas conseqüências afundam no mistério. Ela se mostra insuficiente para tal intento. A perspectiva de completar os conhecimentos científicos a fim de não deixar nem um buraco irracional e inexplicado era no mínimo um belo delírio, um feliz delírio, diria eu, apenas comparável ao cosmos e a Deus que surgem ninguém sabe como e levam, no final das contas, a lugar nenhum.

E que tal o Homem puro da modernidade? Sereno, racional, cientista, decide tudo com ponderação, não se entrega



jamais aos instintos, nem luta contra eles mais, porque já os venceu, caminha tranqüilo pelas suas ruas simétricas, exemplos do controle brutal que tem sobre a caótica natureza. Aquele que atua pela vontade, age porque age, leitor de Rousseau ou Kant, imagina-se navegando nas suas utopias malucas, de como o Homem é capaz de se doar para os outros, para o bem comum, de se tornar independente da natureza, de agir desinteressadamente, se desnaturalizar. Isto tudo porque ele não é um camundongo, não é um javali, não é um caranguejo, porque, sendo Homem, tem uma especialidade, a razão.

Este Homem explica muita coisa, mas deixa uma de lado. Da onde vem esta capacidade racional que ele se atribui? Aonde esta a alma ou o pensamento que você diz que tem? Se esta entidade metafísica que me permite pensar é, por isto mesmo, livre dos apetites do corpo, como ou o que faz a intermediação entre ela ambos? E porque esta só deixar passar, por assim dizer, a minha força racional, ou, em melhores palavras, porque os meus desejos não contaminam meu pensamento? Estas e outras perguntas vão tornando o Homem racional, pelo menos nas mesas dos filósofos, difícil de serem compreendidos. De fato, será que haveria algo de racional em mim? Será que sou capaz de agir desinteressadamente? Será que

no fundo alguém se acha bom o bastante para abrir mão de seus interesses? Será que, se examinarmos com atenção, sempre seguimos desejos? O que afinal é o pensamento? Ele é livre?

O que é a pós-modernidade? É a linha de pensadores que vão se dedicar a questionar estas premissas. O pensamento moderno cria um ideal aos mesmos moldes do cosmológico e do divino. E a partir dele explica o mundo a sua maneira, constrói a sociedade a sua imagem e semelhança e deseja uma vida boa para as pessoas. Pois é este ponto que me interessa aqui: Os gregos tinham um ideal de vida pronto, um gabarito existencial. Se ajuste ao todo cósmico, ache qual é a sua, e seja feliz. Sendo verdade ou não, eles acreditaram e viveram isto, o que pode ter-lhes feito de fato perceberem como eram importantes. Não foi a eudaimonia que os fez feliz, mas a possibilidade de alcançá-la. Da mesma forma os cristão atingiram o paraíso com seu Deus. Se de fato ele existe ou não, isto é mais problema nosso do que deles. A confiança na sua presença fez de suas vidas felizes, porque seguras. O Homem moderno também não abandonou as instâncias transcendentais. Através da vontade se transformou em deus e assumiu a si a missão de construir seu Éden na terra. Sua felicidade não vinha de outro lugar senão da confiança que tinha na sua capacidade de mudar a natureza que o dominava. E

assim todos viveram suas vidas acreditando que eram importantes, que tinham um caminho marcado no chão, que tinham uma função e que tudo tinha uma razão de ser.

Mas como sempre, a história está aí para mostrar como somos pateticamente enganáveis, enquanto a filosofia vive para ser a estraga prazeres das festas e comemorações mais exaltadas. Ela sempre se perguntará quando todos os outros se escondem: E se não for assim? E se estivermos errados? Um dos que mais fez isto foi um sujeito chamado Nietzsche, um dos homens mais chatos que já viveu sobre a terra. Mas chato por chato, como concorro bravamente com ele – só na chatice, e não na genialidade, onde sou, obviamente, muito melhor do que ele – dou-me ao luxo de dar ao próximo capítulo uma assinatura sua, uma marca registrada, a filosofia do martelo, explicitando que misturo algumas de suas considerações com minhas opiniões doentias, mas muito esclarecidas em um mundo doente, dissertando sobre o que nos restou do Homem depois da queda do cosmos, de Deus e da razão. Você antes de continuar poderia se perguntar: e como eu vou saber o que é de Nietzsche e o que é de Leonardo? Boa pergunta! Acho que eu e ele concordaríamos que esta distinção é uma grande tolice. Agora, se mesmo assim você insiste no questionamento, leia Nietzsche,

depois leia Leonardo, e ache a solução! Acho que já percebeu que eu não estou muito preocupado em ficar citando da onde tirei as informações que comunico. Elas estão aqui, diante de ti, para teu julgamento. Julgue-as!

## ***5. Filosofia do martelo.***

Cosmos... Deuses... Razão. Você pode imaginar quantas piruetas já demos para dar algum sentido a vida? Em nome de alguma pseudo-certeza embarcamos nas maiores abstrações, nas coisas mais loucas que podemos imaginar apenas para fazer surgir de baixo de nossos pés algum sentimento de permanência, sem o qual viveríamos em constante angústia. Como é filosofar com o martelo na mão? É por os “pingos” nos “is”, é se dispor a não deixar pedra sobre pedra, é ter a coragem para tirar a bandagem que repousa sobre as feridas da alma, expô-las ao vento, sol e chuva, correndo o risco de ser contaminado pela infecção que não tem cura e que, absolutamente, não faz do Homem mais feliz.

Filosofar com o martelo na mão é se preparar para derrubar todas as verdades que nos enfiaram garganta a baixo, estar propenso a perceber que de fato o mundo não traz nenhuma continuidade racional, divina ou cósmica, e que estas verdades são só um belo presente aos fracos e àqueles que não conseguem suportar a contingência do ser, a mudança invariável e indirecionável da existência. Pois esta é marcada por

encontros com mundos que não conhecemos, não conseguimos prever, não calculamos e, absolutamente, não controlamos.

Toda a vida prática do século XXI é uma corrida estúpida por gabaritos que só existem na cabeça dos tiranos que os inventam. Para todo o lado que se olha existem pessoas tentando fazer-nos acreditar que descobriram a fórmula da vida boa. A cada fala uma tentativa de controle, tentativa de tornar universal uma experiência pessoal, para dominar, se apoderar, se apropriar dos outros. O livro de auto-ajuda só ajuda quem o escreveu. O que mais se ouve são orientações de como viver. Coma isto, faça ginástica, assista a novela, vote em fulano, compre o meu produto. O tom é sempre de ordem. Médicos dizem como viver, educadores dizem como educar.

A própria ciência está limitada aos controladores de plantão. Regras e regras sobre como fazer um trabalho científico, apenas como uma tentativa de nos manter no mesmo nível. Todos os grandes homens da humanidade seriam reprovados por não terem adequado suas produções às normas da produção científica. Tomas de Aquino teria sido reprovado por ter escrito a Suma Teológica em fonte não convencional. O pobre Platão não teria nem tido seu trabalho apreciado. Nietzsche certamente teria que rever suas obras. As pessoas

entendem hoje o que estes homens escreveram? Sim. Então qual é o caso? Por que o controle? Por que inventar uma série de regras para tudo? Por que a nossa era se entrega tão firmemente a convenções, quando muitas delas se parecem tão estúpidas? Pelo poder, porque por detrás de uma norma há sempre um ditador? Ou pelo medo de perceber o que a vida é: Caos, desordem, contingência, incerteza?

Nunca falta espaço para quem, por consciência da incompetência e covardia, queira controlar os outros apenas para mantê-los nos mesmos patamares, para que não descubram o que poderiam ter conquistado se resolvessem abandonar apenas uma vez a frieza da convenção, deixando-se levar pela maré, pelo vento. Para cada ousadia há milhares de consciências que permanecem agarradas a suas desculpas e mentiras, puxando pelo pé quem procura algo diferente. Filosofar com o martelo é uma atividade de libertação, a verdadeira sessão de descarrego da contemporaneidade, cujo objetivo é demonstrar como a única cabeça que realmente importa é a sua, Homem interesseiro!

O pior do mundo moderno não é a idéia da vontade, a crença na razão, mas sim o que é construído quando acreditamos nela. Nós imaginamos um Homem com uma capacidade transcendental tal que o eleva a condição de deuses na terra,

para depois cunharmos instituições baseadas nisto, que nos trarão aquele tal progresso. E, para a surpresa de Platão, quando elas não se encaixam, quando elas parecem falhar, o que dizemos? A culpa é dos homens que não são tão racionais a ponto de corresponder estas expectativas! Ora, será que meus contemporâneos não percebem que talvez a exigência sobre o ser humano esteja além do que ele é, visto que até agora nunca vi uma só atitude guiada pelo que chamam de razão. Que tal começarmos a cogitar a hipótese do Homem não ter esta capacidade racional universal, dele ser guiado inevitavelmente por instintos pessoais e de rever tudo o que construímos baseado naquele ideal moderno? Se trata de adequar as instituições ao Homem, e não o contrário.

Pretendo atingir esta reflexão no capítulo 6, mas adianto este ponto porque a filosofia do martelo é aquela que nos expõe a estes problemas, é aquela que rompe com o Homem racional, é aquela que inaugura a pós-modernidade. O seu grande mérito é quebrar todos os ideais que poderiam ainda ser cultivados e nos mostrar a vida como nunca quisemos ver, a vida nua. Mas digo que é uma estrada tortuosa.

Quando afirmei anteriormente que a filosofia é a arte de acabar com a alegria geral, não estava brincando. Você tem até



este ponto do livro o ideal grego do cosmos que é muito confortante. Você tem um lugar natural, é especial! Você também tem o ideal cristão. Puxa, que ideal! Este te conduz ao Paraíso além-morte, um lugar maravilhoso para repousar. Depois tem o ideal moderno, a fé na razão, que exige mais esforço, mas que, no final das contas, também te traz recompensas, te faz o dono do mundo! Vejam só quantas opções, o que você quer mais? Você pode escolher um desses, construir seu mito e ser feliz, lhe está garantido. Agora eu farei com você algo que não fizeram comigo quando entrei na faculdade de História, eu lhe avisarei sobre perigos que existem em continuar a leitura.

Quando Nietzsche desconstruiu o ideal moderno, deixou a humanidade a deriva. É claro que a maioria das pessoas continuou vivendo como só podiam viver, acreditando no que queriam, cultivando sua mitologia, mas aqueles que trilhavam outros caminhos eram condenados à incerteza de não ter um ideal. Alerto a todos. Ter um ideal é confortante. Se você tem, deveria mantê-lo. A chance de alcançar a felicidade é muito mais segura se parar de ler agora. Porque a partir daqui as palavras que serão escritas virão de um Homem que já perdeu suas referências faz tempo. Se me alegro com a minha

ignorância e devaneio é porque foi a única coisa que me restou. Nietzsche arrasou com o cosmos, com Deus, com a razão, e o que deixou no lugar? Um nada, de propósito. Nunca quis construir um novo ideal.

Agora não somos nada. Não somos peças cósmicas, não somos filhos de Deus, não somos racionais, o que somos? Um nada. Um produto do mundo. Não temos qualquer importância perante a grandeza da vida. Nossa consciência medíocre é incapaz de entender o que se passa conosco. Ela mesma navega a mercê de um mundo que não controlamos. Se antes éramos capazes de construir o mundo, hoje somos seus humildes escravos. Passamos de ser racional para idiota iludido. Passamos da ação desinteressada para os interesseiros disfarçados.

Como nos recuperaremos deste golpe alemão? Não sei. O objetivo do último capítulo é procurar uma resposta. Mas como faço deste livro uma construção ativa do presente, não pensei em nada mais claro. Quando chegar lá, talvez as respostas apareçam e se expliquem. Por hora vou continuar exercitando a divertida atividade de filosofar com o martelo, procurando retirar ao Homem tudo o que lhe foi embutido ao longo da história, para revelar qual é, afinal de contas, a

natureza humana que procuramos, tão necessária para revermos como existir daqui para frente.

### *5.1 A queda dos ídolos.*

Deste de que nascemos nos é empurrada uma perpétua ilusão da verdade. Há muito pouco a humanidade – para ser otimista, porque na verdade foram poucas almas – chegou ao entendimento de sua mediocridade. Os homens sempre tiveram mania de grandeza, achando mesmo que são alguma coisa além de sombras e pó. Alguém ai acha que somos algo além de sombras e pó? Todos, seguramente. Porém para a fúria coletiva o trabalho de alguns é puxar os sonhadores para a terra, sem descartar que, evidentemente, se você quer a felicidade o caminho já lhe foi dado nas páginas anteriores, no mínimo três. Mas haverão outros, muitos outros.

Estamos em uma floresta, somos uma floresta. Mas ao contrário do que ocorre a Dante, não há poetas para nos salvar. Não há garantia de um caminho escondido na bruma. Apenas as copas altas das árvores que não podemos ultrapassar e o chão que só mostra a cruel veracidade do mundo. Procuraríamos em vão pela verdade das trilhas criadas pelos homens e sempre nos depararemos com o que nos restou: acreditar em um conto de fadas. São tantos já inventados que se tornam inumeráveis. Um mundo das idéias, uma cidade de Deus, um paraíso, um nirvana,

uma sociedade sem classes, cidades ajustadas pela racionalidade, filantropia, nossa! São tantos! Como poderiam ser verdade? Todos estes oráculos ditos infalíveis representam nossa incapacidade de lidar com a incerteza, a mudança constante do ser, a contingência da vida.

Estes que expus e ainda me demorarei são apenas os ídolos mais famosos, porque conseguiram cumprir melhor sua missão. Encontraremos outros, no mundo contemporâneo que, em maior ou menor grau, tentam orientar os naturalmente desorientados. Infelizmente a escravidão nunca esteve tão enraizada, sobretudo porque a técnica para mantê-la se desenvolveu de maneira extremamente sofisticada. Quantos não são aqueles que ousam tentar colocar a mão sobre mim para me governar? Quantos não são os que tentam me enfiar garganta a baixo aquilo que dizem ser bom? É certo que todo o Homem não se contenta em ter seus próprios interesses, mas, como um dos seus mais fortes instintos, a *vontade de poder*, tentam dominar os outros, mascarando suas intenções com boa classe, preocupações sociais ou qualquer coisa deste tipo. Tudo besteira. O que importa é o poder! Somos uma raça tão fútil que a única forma de liberdade seria o isolamento total, porque não

conseguimos tomar uma decisão que não seja guiada no sentido da escravidão dos desejos dos outros aos meus.

Uma das partes mais intrigantes da trajetória humana é a crença nas transcendências. Como parte da tentativa de dar importância e sentido a vida criamos desde de sempre mundos distantes deste, onde pudemos escapar por tanto tempo. Transcender significa ir além. Mas do que? O Homem deseja ir além do corpo, porque é só aí que ele pode ser o que de fato não é e saciar, ironicamente ou não, aquilo que instintivamente o corpo manda, uma preservação. Em outras palavras, temos nosso instinto de permanência e criamos pseudo transcendências para responder àquele instinto. Mas nunca ficará escondido que no final das contas tudo termina onde começou, no indivíduo. Qualquer forma de transcender a natureza que é a nossa é uma forma de fugir do mundo real pelo medo de perceber como a realidade é instável e acontece a mercê da nossa presença.

Temos dois elementos avassaladores: A mudança contínua do mundo e o seu desinteresse na nossa presença. Evidentemente com essa última não quero dar a entender que o mundo tem alguma vontade, porque ele simplesmente é o que é. Nem ruim, nem bom, nem justo, nem injusto, nem belo, nem feio, enfim, o mundo é, ou melhor, está. O mundo está, porque

muda sempre, pois resulta, ele mesmo, de um encontro caótico entre suas partes que o transforma em um constante ser. O mundo é inédito, não previsível em suas escalas satisfatórias, improvável em sua permanência. A própria palavra permanência é ridícula, porque o que permanece? O que permanece só pode provocar distorções. Ademais, também ele não demonstra qualquer compaixão com o nosso papel nele. Parece mesmo que não quer saber se nós somos bons, corretos ou justos, segundo nossos juízos. O que soa como uma lei cósmica os dizeres “quem planta, colhe” é tranqüilizador se não notássemos um detalhe: O mundo não tem uma lógica. Nada garante que quem faça o bem, receba o bem; e quem faça o mal, receba o mal. Todas estas dicas dos manuais de auto-ajuda, religiosos ou não, só me demonstram como é difícil aceitar o que nós somos. E o que somos? Grãos de areia jogados em uma praia imensa da qual não temos qualquer idéia, não comandamos nada, não sabemos nada, não somos especiais. Somos conduzidos sempre por forças naturais caóticas além da nossa compreensão que determinam em nós as atitudes que julgamos livres. Como se não bastasse ainda estamos preocupados cada um com o próprio umbigo, e nem os outros, muito menos uma força sobrenatural, da a mínima para quem somos ou queremos ser.

Como no fundo todos nós sabemos disto, porque a vida, a realidade, nos dá demonstrações constantes da nossa insignificância, mas não toleramos esta percepção pois somos covardes, criamos outros mundos, idéias, ídolos, realidades metafísicas, almas, deuses ou uma razão, para suportarmos a vida. Fingimos que somos super-heróis todos os dias. Acreditamos no Papai Noel sempre que precisamos correr da angústia, sempre achando que haverá um presente para cada um de nós. O bom enganador é aquele que primeiro se engana. Reforçamos aqueles ideais que mais se ajustam à nossa experiência de vida, construímos barreiras ao redor de todo o tipo de ameaça a ele e incorporamos verdadeiros personagens. Alguns fazem o papel de filhos de Deus, outros procuram a Idéia perfeita de Justiça – Seja lá onde diabos fique este tal de mundo das idéias -, outros se agarram a uma racionalidade soberana, outros lutam pela democracia, por causas sociais, e por aí vamos escolhendo nossas fábulas, construindo um mundo que é só nosso, dando vida a paraísos e infernos, tártaros, enfim, todas estas abstrações que nada mais são do que o nosso corpo gritando: Corra! Corra da vida!

Pois não existem vidas ou instâncias transcendentais. Não existem papéis cósmicos a cumprir. Não existem missões



de Deus. Esta alias, me lembra muito aqueles guerrilheiros que foram para o Vietnam e que, quando retornaram, perceberam que não lhes sobraram nada. Para quem precisa, sempre haverá uma batalha para lutar. E para quem é cristão, sempre haverá um Deus para acreditar, para lhe fazer especial, para lhe dar missões, para lhe garantir vida boa depois da morte, em uma palavra, todas estas transcendências vem garantir aquilo que o mundo nunca dará aos homens: Eternidade. É por isto que todas elas precisam ser, propriamente, transcendências, isto é, saídas, fugas do mundo. Porque o mundo é aquele que muda sempre, que me convence a não ser, o contrário da permanência. E, alias, se esta permanência ainda for acompanhada de tudo o que me faz bem e longe do que me faz mal, ai sim me entrego totalmente ao “criador”... Quanta mediocridade. Quanta empáfia. Quanto desejo de importância. Quanto medo da morte!

É-me claro também que a reação dos homens nunca os estimula a se revelarem, mas sim protegerem seus ídolos, buscando a auto-preservação. Quando as transcendências não respondem ao que e do modo que deveriam fazê-lo, o que nós fazemos? As descartamos? Raras vezes sim, mas na maioria dos casos criamos uma desculpa. Todas elas têm válvulas de escape cunhadas pelos seus próprios criadores para quando falharem,

isto é, quando o mundo insistir e se impor. Quando isto acontecer não faltarão demônios, livre-arbítrio ou a ignorância humana para perdoá-las.

Dentre elas, as que mais me causam repulsa são aquelas que querem jogar nas costas da humanidade culpas por ela ser o que é. Uma das fórmulas mais famosas é esta: Deus existe; sendo bom, Ele só poderia ter nos criado bem; portanto, se somos maus, a culpa é nossa! Quanto tempo mais nos flagelaremos por um Deus que nós mesmos criamos? Nós somos o que somos. Porque tentarmos nos convencer do contrário? O mesmo vale para a racionalidade. Colocamos 40 crianças em uma sala de aula quente, abafada, mal estruturada e suja, ouvindo coisas que minimamente poderiam interessar a alguém, e exigimos delas uma vontade racional, lógica e transcendente à obediência e ao estudo, como se alguém pudesse simplesmente escolher estudar. E o pior: Como não estamos dispostos a admitir que esta nossa racionalidade, que criou toda esta estrutura falida baseada num ideal humano que só existe no país das maravilhas, está errada, não é um componente da nossa natureza, não há vontade, então culpamos as crianças. Malditas crianças que não tem a vontade racional que nós inventamos, mas que também não temos, de estudar, de

transcender aos seus impulsos do corpo e fazer o que nós queremos. É mais fácil colocar a culpa em outro, afinal não temos, ninguém, a mínima preocupação com ele, do que admitir que eu tenha construído um ideal mentiroso, prepotente, ilusório, etc. Pois no final tudo o que importa é manter meus interesses contemplados. Prefiro tudo a perceber que sou contingente, medíocre e descartável.

É incrível como ainda estamos dispostos a deixar a vida passar em nome de sonhos. Há apenas uma vida, esta, é a única que temos. Se vamos viver ideais acho que é necessário saber que, um: talvez a natureza não concorde. Dois: talvez isto signifique abrir mão do real por algo que não temos. Como aceitamos durante tanto tempo a possibilidade de viver uma vida de sacrifícios na terra em nome de outra vida em um paraíso ou qualquer lugar que inventaram? Quem inventou uma coisa dessas? Não sei ao certo, só aposto que era aquele que não iria se sacrificar, pois seria seu beneficiário. Que pobreza abrir mão do que somos e viver de acordo com um futuro que não nos foi garantido e sobre o qual ninguém tem qualquer prova de que vai existir. E que tal ir a guerra em? Servir o seu país! Dar a sua vida pelo seu país! Mas afinal de contas, o que é o meu país? Mais um ideal? Porque eu devo pegar a minha realidade, minha

possibilidade de felicidade, e vender em nome de uma promessa de vida boa em algo que está além, intangível? Qual o valor disto? Toda a vida baseada nestas transcendências só pode provocar a renúncia ao mundo. E o que isto significa? Renúncia à qualquer chance de alcançar alegrias ou tristezas. Porque pior do que se entristecer é deixar a chance de ser feliz pelo medo de ser triste. É isto que fazem aqueles que se refugiam em mundos que não existem.

Deus esta morto? Sim. Temos um lugar do cosmo? Não. Somos especiais? Nem de longe. Então o que dizer sobre o ideal moderno. Penso que algo já foi dito, mas vejo a necessidade de dedicarmos um tópico só para martelá-lo. Se batermos com força acho que não restará pedra sobre pedra e então poderemos nos orgulhar de dizer que estamos jogados no mundo navegando desgovernadamente. E, embora nossa angústia abra um belo sorriso diante desta possibilidade, veremos que ainda isto é melhor do que comprar as velhas e antigas ilusões que já demonstraram fraquezas no passado.

## 5.2 *Quem manda é o corpo.*

Se há algo no mundo moderno que me causa alguma estranheza é toda aquela história de vontades racionais definindo livre e igualmente o futuro em busca de uma sociedade mais fraterna e justa. Se vocês me perguntassem: que tal uma sociedade onde ninguém tenha fome? Onde todos tivessem oportunidade? Onde todos tivessem acessos mínimos à saúde e a educação? Acharia bom, melhor do que a nossa. Agora se você me falasse que ela é possível porque ao contrário dos animais somos racionais, transcendemos a natureza e portanto somos capazes de nos importar com o outro eu teria que interrompê-lo, porque até hoje nunca encontrei nenhum ser humano com esta capacidade que você nos atribui. E se você, mesmo assim, insistir e lutar por instituições que só funcionariam dirigidas por robôs, espero que não se frustre quando elas não alcançarem aqueles resultados idealizados.

Porque nenhum grande edifício resiste quando seu alicerce é frágil. Esta sacro-santa razão, tão misteriosa, universal, naturalmente desnaturalizada, não existe, porque para postulá-la seria preciso percorrer o seguinte raciocínio: O corpo de qualquer animal, inclusive o Homem, é desejanter e egoísta;

nós, no entanto, temos uma forma de transcendê-la, pela razão; Se somos capazes de desobedecer nossos desejos do corpo, quer dizer que a razão não fica no corpo, pois se mostra independente dele; portanto o Homem é duplo, de um lado a razão, de outro o desejo; ora, se o desejo está no corpo, aonde estaria a razão? Na alma segundo Platão, na alma segundo os cristãos, e no pensamento segundo os modernos. Percebendo como, no final das contas, alma e pensamento dão no mesmo perguntaríamos: mas afinal de contas, da onde estes homens tiraram que existe um pensamento nestes moldes, livre e soberano.

Embora pudéssemos questionar acerca da ligação entre corpo e alma, o fato mais fundamental é que ninguém até agora demonstrou a existência de nenhuma instância metafísica deste porte, escondendo-a por traz da fé ou da ignorância humana. Não temos uma alma pensante e se acreditamos que temos é para nos dar uma falsa sensação de segurança e importância. Já é chegada a hora do Homem parar de achar que é a cereja em cima do bolo do universo. Achar que o cosmos inteiro foi feito para nós é uma das ousadias mais patéticas da nossa natureza. Não há nenhuma transcendência, não há qualquer coisa além do corpo, não há deuses e paraísos para nos sentirmos bem e nem infernos para condenarmos nossos inimigos, não há alma, somos

corpo, só corpo em encontro com o mundo. E o mundo? O mundo é o que é, nem bom, nem mal em si, apenas enquanto nos afetam, já que eu sou o responsável pelos valores que atribuo. Não há nada além do mundo, porque tudo que é, é mundo, não há cidade de Deus, Olimpos ou qualquer destas criações nossas. Não há metafísica, porque tudo que é, é física.

Mas se a alma não existe, aonde colocamos a razão? Pois que bela pergunta! Porque agora que o pensamento é coisa do corpo é, por isto, extremamente improvável que ele não seja apenas mais uma ferramenta que nos possibilita alcançar o que somos: desejos. A equação dos modernos termina em “a natureza do Homem é desejante e egoísta”. Todo o resto é delírio de deuses em miniatura que desejam ser grandes.

Admirem nossa mediocridade, meus contemporâneos! Na modernidade éramos Zeus na terra. Enviados cósmicos para organizar este caos, porque nós temos a força! Temos este fantástico cogito pensante que nos permite vencer nosso corpo e organizar o mundo a nossa maneira, sem interferências desejantes, se assim o quisermos. Temos o poder de escolher porque somos livres, atuamos pela lógica racional própria daqueles que ainda não se esqueceram do grande pai medieval que durante 1000 anos nos deu uma alma para nos salvar do que

mais tememos, a morte! E então, quando estávamos a todo o vapor, quando terminamos de acender as últimas velas e iluminar o salão percebemos como estávamos enganados. Tal como Édipo, tentamos até onde podíamos nos convencer da nossa soberania. As trombetas da pós-modernidade anunciam a destruição do pilar central do pensamento moderno, a crença na razão universal.

Quem manda é o corpo. Nós somos apenas pedaços de carne ambulantes levados para todos os lados sem qualquer controle. O que é a razão? Uma capacidade da mente que nos permite agir por princípios lógicos, adequando os meios aos fins, escolhendo livremente fazer o que nos apetece ou não? Então não somos racionais, é só olhar para nosso dia a dia. Quantas coisas racionais fazemos? Nenhuma! Quantas vezes você, leitor, já atuou por vontade? Nenhuma. Quantas coisas totalmente irracionais não fazemos todos os dias sem entender porque? É sempre o desejo quem manda. Quando não temos o desejo não agimos, e quando temos, agimos. Dentro de mim se processa uma equação com todas as pulsões corporais que tenho. O resultado é a minha ação. No final das contas o que eu chamava de “eu pensante” nem sequer atua soberanamente, nem sequer existe.



O salto para a pós-modernidade é a saída de cena do Homem. Somos reféns do mundo que nos afeta, fazemos sempre por causa do mundo e nunca por nossa interferência. Nós não temos vontade, não temos a razão moderna, não temos lógica, não temos controle, não temos liberdade. O mundo nos dirige para onde quiser, caoticamente, e, assim, somos condenados a ficar vagando, a passar nossa existência fazendo coisas que não poderíamos querer, porque não escolhemos. A rigor não existe eu, você... A nossa identidade nada mais é do que um quebra cabeças existencial, que se montado mostrará que de fato eu não escolho quem sou, eu nem sequer sou. Não sou o que como, não sou o que visto, não sou o partido político que frequento, não sou a música que ouso, não sou nada, a única parte de mim que existe é aquela que me deixa no mesmo degrau que qualquer outro animal, o corpo. O mundo me molda a sua imagem e semelhança e a isto nos encontramos como seus escravos, tendo que engolir a seco nossa prepotência e arrogância de antes.

A liberdade morreu junto com a razão soberana. Não somos livres, porque não somos racionais. Desafio a todos a olharem dentro de si e encontrarem alguma ação que tenham feito que não esconda, por mais profundo que seja, um desejo que a comandava. Sempre que atuamos somos mandados por

nossos desejos corporais e o que pensávamos ser uma vontade livre era, na verdade, outro desejo em direção oposta que superava aquele primeiro. Assim se eu não roubo para satisfazer meu desejo não é porque tenho algum princípio transcendente, alguma razão julgadora ou alguma idéia perfeita de justiça, mas sim porque outro desejo me impede, o medo da polícia, o julgamento moral das pessoas, ou qualquer coisa assim. E então quem manda no meu pensamento é o corpo, quem o define é o corpo, e a prova maior é que você não o controla. Alguém ai é capaz de não pensar em um cachorro branco com uma fita azul no pescoço?

O que é a liberdade então? Na Grécia o mito de Édipo demonstra que o Homem estava preso ao seu destino de maneira dramática. Lá, tal como aqui, o herói se recusa a perceber seu destino e, por isto mesmo, faz o que só poderia ser feito. No final, quando constata a terrível realidade, fura seus olhos em sinal de desespero, pois de nada lhe serviram para ver a verdade. Na perspectiva cósmica o Homem seria livre para procurar seu lugar natural, mas por certo isto é mais um defeito do que uma virtude. O Homem, em relação a natureza, é um defeituoso por não saber desde que nasceu qual papel lhe cabe cumprir.

No cristianismo esta palavra é a responsável por manter a religião segura, o Deus protegido. O livre arbítrio é a forma pela qual perdoamos Deus pelos seus crimes. Como um Deus onipotente não age sobre o mal? Porque o mal não provem dele, e sim de suas criaturas, porque elas são livres. O cristão precisa achar que a humanidade é livre porque do contrário teria que culpar Deus pelos males da terra, e, assim, destruiria o próprio ideal que lhe permite cobrir as lacunas existências da sua vida. Se o cristianismo não tivesse desenvolvido esta magnífica válvula de escape, não duraria 10 anos. Imaginem só termos que nos perguntar porque Deus bom não impediu o assassino de puxar o gatilho, se não pudéssemos jogar a culpa nas nossas costas. Com o livre-arbítrio dispensamos o suposto Deus que tiramos da cartola de qualquer decisão moral. Autorizamos-no a ser negligente e omissos enquanto suas criaturas vivem na terra cometendo as maiores sagacidades, muitas das quais em seu nome. E sempre poderemos usar o álibi da liberdade para proteger o grande pai. Mas afinal, o que protegemos? Nosso ideal, nosso interesse, nosso desejo de continuarmos especiais, importantes e eternos. Dada minha covardia, eu crio Deus para que ele me de um caminho e me livre da morte. E assim a vida fica muito mais confortável e segura, não é?

Na modernidade a moda era criticar o mundo medieval. A era das luzes contrastava-se à escuridão antecedente. Mas o medo da incerteza e insegurança continuou o mesmo. Agora a liberdade era a consequência do nosso próprio endeusamento. Que tal mandarmos o Deus as favas e nós mesmos não virarmos onipotentes? À luz da razão – aquela que até agora não descobri da onde vem - temos uma razão que nos permite atuar por vontade. Isto significa que podemos agir baseado em princípios racionais, transcendendo à natureza do corpo. Sendo assim, sou livre pois me desprendo dos meus desejos. Grande tolice! Não há nada que se faça que não seja um desejo. E se você acha que é seu pensamento soberano que decide livremente, isto acontece porque não percebeu ainda o sua insignificância diante do mundo esmagador a sua volta. É sempre legal pensar como seria bom se fôssemos a estrela do espetáculo. Os modernos levaram isto a sério demais.

A liberdade é destroçada a marteladas impiedosas. Oh homens ignorantes do que lhe acontecem! Oh homens prepotentes! Se você acha que é livre é apenas porque você é tão medíocre que é incapaz de perceber tudo aquilo que te controla. Tudo o que você faz, tudo o que você diz que é, é na verdade o resultado de inúmeros encontros com mundos que te afetaram

de uma tal forma a moldar o seu “ser” hoje. Você é o produto de ininterruptas experiências existenciais que te acontecem desde o seu nascimento e da qual você não teve nenhuma escolha. Pois se eu escrevo estas palavras para os senhores hoje não poderia escrevê-las ontem ou amanhã, porque o que determinou em mim esta ação foi o resultado de desejos que me afetaram desta maneira neste momento, me determinaram a minha revelia. A grande limitação do Homem é a incapacidade de perceber tudo o que lhe afeta, colocar na balança dos seus desejos e ver qual é o resultado que seu corpo produz. O seu corpo é só isto. Um aglomerado de desejos te impulsionando, te rasgando em diferentes direções a cada segundo e te levando a tomar decisões que você não tem a mínima idéia do porque toma, e por isto você pensa que tem um pensamento ou uma alma que escolhe. Alma e pensamento na verdade são uma criação sua para que você não descubra o escravo trouxa estúpido que você realmente é.

Somos animais sofisticados. Agimos de forma irracional quando pensamos o contrário, estamos presos a nossa natureza desejante e neste mundo que nos afeta. Estamos condenados pelo destino que nos alcança. Não queremos repousar nas asas fictícias de Deus. Não queremos ser partes da máquina cósmica.

Não queremos o Deus-razão. E na verdade, queremos o que só poderíamos querer, nos colocar como profetas do apocalipse, oráculos das únicas verdades que poderíamos encontrar no mundo, que somos tão animais como os outros animais, não somos especiais, não somos nada além de um pedaço de carne que viaja por ai. O que poderíamos dizer dele? Quais são as características que permitir-nos-ão entender o Homem como ele é, sem máscaras, sem manias de grandeza? Qual é o fundamento da natureza humana que nos guiará para uma existência com maiores possibilidades de alegrias e tristezas sem medos e sem esperanças?

### 5.3 *O Homem interesseiro.*

A tarefa de procurar na vida e pela vida o que realmente somos não é agradável. Quanto mais nos aproximamos menos entusiasmados ficamos, pois vamos percebendo quão pequenos somos. O Homem já foi de tudo na sua trajetória. Primeiro ele era uma peça acessória de um universo inteligente, depois acordou um belo dia como filho de Deus, em outros tempos era racional, lógico e independente, outra vez era patriota e deveria se doar pelo seu país, havia um lugar onde deveria construir uma sociedade sem classes, enfim, são praticamente incontáveis os rótulos que já deram a ele, todos com o objetivo final de alegrá-lo, de dar a importância que ele não tem, de tranquilizá-lo. Os modernos chegaram até a tocar na ferida, mas depois inventaram um cogito pensante livre saído do nada para dar-lhes a paz de espírito que desejavam e continuar vivendo.

É chegado o momento de encarar de frente a nossa natureza, aquilo que não é subjetivo, aquilo que não muda, a única permanência que nos permite reconhecer-nos como seres orgânicos, aquilo que está no fundo mais profundo das nossas idéias e da nossa conduta, aquilo que nos define e define como somos e como agimos, em duas palavras: Somos criaturas

egoístas e egocêntricas. Não temos qualquer pretensão de ajudar, colaborar ou se importar com os prazeres do outro. Este é para nós, no máximo, um mal necessário, um meio para a realização dos meus interesses.

O Homem não é um animal político, nem racional, muito menos abençoado por um criador. O Homem é um animal interesseiro. Todas as pessoas só agem de acordo com seus interesses, todas só fazem o que querem, quando querem, como querem, na medida dos seus desejos. Não há qualquer ação que seja dirigida a alegria de alguém que não seja eu. Eu sou o centro do universo, eu sou a verdade, pois ela está em mim, eu sou a moralidade, pois ela está em mim, e todas as instâncias do ser humano começam e terminam nele: no indivíduo. E se eu me associo a outras pessoas é sempre para tirar vantagem delas, para saciar os meus apetites.

O Homem interesseiro é egoísta na medida dos seus interesses. O que importa é o que eu quero. O outro será importante somente quando facilitar a realização destes desejos. Se os interesses do outro se chocarem com os meus, eu farei de tudo para destruí-lo, para aniquilá-lo, assim preservando o que eu quero, porque é tudo o que me importa. O Homem interesseiro é egocêntrico pelas mesmas razões. Ele constrói um



mundo a parte, o seu mundo, a sua verdade, a sua moral, a sua beleza, e vive para responder aos impulsos do corpo. Sob a bruma do amor ao próximo se levanta a cláusula pétrea da vida humana: Cada um por si. O que é o Homem interesseiro? É o Homem real. É aquele que sobra quando tiramos a maquiagem, as máscaras, os deuses, os cosmos, os ideais, as construções paradisíacas, enfim, quando tiramos toda esta poeira mentirosa que insistimos em carregar ao longo dos séculos. É o ser de carne e osso. É aquele que vive efetivamente, aquele que é afetado pelo mundo, aquele que se alegra e se entristece. Não há ninguém sobre a terra que não seja egoísta e egocêntrico. Não há ninguém sobre a terra que escape a tal regra. Essa é a nossa medíocre natureza.

Partindo desta visão nos colocaríamos com menos arrogância no mundo? Podemos enfim nos portar como coabitantes deste planeta com os demais animais, pois, afinal de contas, não somos tão diferentes deles. Talvez a nossa diferença seja apenas de grau... ou talvez não. Qual é a diferença entre mim e meu cachorro? Talvez seja a objetividade, afinal, eu sou muito mais irracional que ele. Ele sim é racional! À moda dos modernos! Faz sempre o que precisa fazer. Ajuste perfeito entre meios e fins. Enquanto eu crio mundos, idéias, pensamentos os

mais absurdos para justificar minhas escolhas... minha total falta de consideração com o que me cerca. Talvez seja também quanto às emoções, muito mais intensas em mim do que em uma centopéia, afinal nunca vi alguma rir ou chorar...

Se fossemos perfeitos, se nos bastássemos, não teríamos a mínima consideração com o outro, porque não precisaríamos dele. Não é a toa que tem gente que brinca: “se eu ganhasse na loteria, viajaria para uma ilha deserta e sumiria de vez!” brincadeira acompanhada por um trágico fundo de verdade. Há aqueles – e não são poucos – que sonham em ser super heróis. Quem é este? É aquele que pelo seu poder superior pode subjugar todos os outros contemplando plenamente seus interesses. A isto damos o nome de liberdade... falsa liberdade, escravizado pelos desejos, não poderia ser diferente. O coração dos homens balança pelos indivíduos que, pela fama, dinheiro e poder, conseguem satisfazer seus desejos sem grande esforço. Porque no fundo todos sabem que o que importa é eu conseguir o que quero, mesmo que para isto precise passar por cima de todos pelo meu caminho. E se eu não passo, é porque de alguma forma percebo que aquela pessoa ainda pode corresponder a algum dos meus interesses, e portanto ainda é útil para mim. Do contrário, posto que um indivíduo não contemple mais meus

interesses, seja porque eu mudei ou porque ele mudou, eu não hesitarei a expulsá-lo da minha vida, achincalhá-lo sem piedade, pois não há porque ter consideração por algo que não é mais útil a mim... somente a mim.

A partir daquelas duas características fundamentais o Homem construirá o seu mundo subjetivo, uma teia de interesses. O que eu sou? Sou um ser humano. O que é um ser humano? É o seu corpo, visto que não existem instâncias sobrenaturais. Como é seu corpo? Desejante, somente desejante. E o que isto significa? Que tudo o que eu faço, sou ou digo está voltado para a satisfação dos meus desejos: os meus interesses. Por isso todo o Homem é interesseiro. E como o desejo é individual, também o é a minha busca pela satisfação, sou egoísta, só tenho olhos para mim, sou egocêntrico, sou o centro do universo sempre. O que importa é o eu. Não há exceção a esta regra, não há ninguém que não seja interesseiro. Dizer qualquer coisa contrária seria se entregar a uma perfumaria relaxante que não nos atrai aqui. Examinem suas vidas! Não se deixem convencer do contrário! Tentem responder: haveria alguma coisa que eu faço que não seja por mim?

Examinemos a ação desinteressada de Kant. Não preciso remoer toda aquela história de vontade novamente. Quem tiver

interesse volte ao capítulo anterior. O que ele diz? O Homem é capaz de agir desinteressadamente porque é racional. Assim ele é o único animal que conseguiria abrir mão dos seus interesses em nome de interesses alheios. Quanta arrogância! Que pretensão a nossa quereremos dominar a nossa natureza a ponto de nos dizermos livres para controlar o que desejamos. Uma grande mentira, é isto que é a ação desinteressada. Não há ação desinteressada, porque não há capacidade racional. Toda a ação acontece em nome do interesse, do desejo e do impulso. Toda a atividade humana é uma pulsão, um constante bombear de corações. Toda o agir é motivado por apetites incontroláveis. Nosso corpo é o palco de uma tempestade de desejos que se chocam, se cruzam, duelam e definem o que eu sou. Não há nada acima do corpo para decidir em seu lugar. Estamos condenados a correr sempre atrás do nosso rabo, atrás do que nos apetece, e passaremos por cima de tudo para conseguirmos. Não somos capazes de abrir mão do que queremos pelo outro. Nós só fazemos concessões na percepção de que o outro é fundamental para o eu interesseiro. Mas, disso não duvidem, o que começa em mim, sempre termina em mim! Sou o rei da galáxia, meu sonho mais profundo é conquistar o mundo, fazer

o que eu quero na hora e da maneira que eu quero, é para isto que todos lutamos.

A ação desinteressada é um embuste, mais um dentre outros milhares, criados para dar ao Homem um sentimento de superioridade, de controle sobre a vida, que, no fundo, é também um desejo e o qual nos deteremos ainda neste tópico. Por hora, poderíamos pegar algum exemplo do que seria uma ação desinteressada. Que tal trabalho voluntário? Ele é bonito porque se reveste por uma tinta filantrópica, quase como uma santificação, o amor ao próximo. Eu me sacrifico em nome do interesse do outro? Mentira! Você se sacrifica em nome do seu interesse, do interesse afetivo, da sua profunda necessidade de atenção, de reconhecimento, de aplausos, de congratulações, de eternidade. Eternidade no outro, mas para a minha satisfação, para não me sentir inútil, para me dar vida e importância social, já que você não consegue lidar com o fato de que a sua existência é descartável. É a relação de dependência que você deseja. É a eternidade que você busca. Todos lembrarão de você, com certeza! É isso o que todos querem, a salvação contemporânea, ser lembrado após a morte. Alguns escrevem livros de filosofia, alguns fazem músicas, alguns pintam quadros, alguns dão aulas voluntárias, cada um sobrevive como

pode ao esquecimento e desimportância. E agora o que era uma ação desinteressada se revela. Mas será que, por ser interesseira, uma ação está menos qualificada? Só se você acreditar que o contrário é possível, porque quando você percebe que todos são interesseiros, você abre os olhos para o que o Homem realmente é, nem bom, nem mal.

A ação desinteressada traz uma capacidade ótima para alguns: a de ser neutro. Esta é apenas mais uma das tolices que o mundo moderno inventou e que tomou conta da nossa sociedade. Realmente, não exagero quando percebo que vale tudo para justificar as posições mais absurdas dos indivíduos ao longo da história. Esta da neutralidade é demais. Quantos juizes não se escondem atrás dela para evitar tomar decisões, se comprometer, porque seu interesse é ficar fora do jogo e preservar seus polpudos salários? Todos, quando precisamos preservar nossos interesses, usamos esta e outras falácias. Ela é mais um artifício da nossa mente para nos criar uma realidade aceitável para nós. Falarei do novo papel da razão neste Homem interesseiro mais a frente. Aqui nos cumpre nocautear mais esta mentira. Não há neutralidade. Estando no mundo você não pode evitar de se relacionar com ele. Sempre existe uma tomada de posição. Negar-se a isto, se auto proclamar neutro, já é

participar do jogo social, fazendo o papel dos poderosos, dos chefes, daqueles que querem conservar o poder institucional com vistas a continuar contemplando seus interesses da melhor e mais cômoda maneira possível. Qualquer um que ignora isto o faz por puro interesse, mostrando através desta mesma conduta a incapacidade de agir desinteressadamente.

Eu falei dos juizes, mas poderia falar de qualquer outro agente social. A política é terreno fértil para este tipo de conversa. Quando interessa o político corre atrás, busca, procura responsáveis, soluciona os problemas. Agora quando não interessa ele entrega o caso às folhas intermináveis da burocracia, ao mercado, ou a qualquer outra força ou pretexto que arrume para esconder seus interesses. Neste momento percebemos como a ação desinteressada é um bonito conto de fadas, nada mais. Só fazemos o que nos importa, e o que nos importa é sempre o que pode satisfazer nossos interesses.

Na verdade antes de qualquer suposta vontade, o corpo já pesou todas as variáveis, todos os desejos, botou-os na balança e decidiu em nome do seu pensamento. O papel do pensamento não é outro senão transformar a realidade agressora ao corpo em algo agradável a fim dele continuar vivendo e fazendo o que precisa para viver. O papel deste antes

pensamento livre na verdade é o de produzir uma desculpa para as decisões do corpo. A função da razão é maquiagem o desejo para que eu não sinta culpa por satisfazê-lo, ou pelo menos para que esta não seja tão intensa a ponto de frear minhas necessidades. A razão tem como papel legitimar a minha busca pela satisfação dos meus interesses, por mais absurdos que possam parecer. Ela é justamente aquilo que transforma o absurdo no aceitável. Não é, como diziam os modernos, a razão que define o que eu quero, e sim o querer define como a razão atuará, para justificá-lo.

Esta justificação não é para o outro, é para nós mesmos. Como eu nunca posso ir contra o que desejo, preciso de um mecanismo que me convença da legitimidade da minha ação, seja ela qual for. Se não tivéssemos esta ferramenta mental provavelmente não suportaríamos a nossa existência e morreríamos brevemente. Quanto mais nos sofisticamos mais poderosa precisa ser o poder de convencimento da razão e assim, iludidos pelo nosso pseudo-poder, temos a impressão de estar ganhando cada vez mais consciência, quando na verdade estamos presos a uma espiral infinita formada pelos nossos instintos mais primitivos. Pensamos viver uma vida soberana apenas para que continuemos agindo como qualquer animal da natureza e reproduzindo nossa espécie, não porque tenhamos



uma preocupação com a humanidade, mas porque cedo percebemos que nunca sobreviveríamos sozinhos no mundo. O pensamento é uma grande propaganda que nos faz engolir o que já, inconscientemente e corporalmente, aceitamos. Neste ponto imaginar a vida como um grande sonho não é nada estranho.

Todas as decisões que você diz que toma lhe foram impostas pela ditadura corporal que te acompanhará. Você está entregue aos seus interesses e nada pode fazer a este respeito. E o que você chama de razão é a sua capacidade de justificá-los, e como você faz isto! Como a razão é boa para nos fazer acreditar no que precisamos acreditar! Como a razão é boa para legitimar o que sentimos. Quantas coisas nós não inventamos, quantas desculpas, quantas mentiras, quantas histórias, quantos deuses, quantas máscaras, apenas por uma meia dúzia de instintos, de apetites, de verdades.

E assim, a rigor, você está habilitado para fazer o que quiser! E o que se quer? O que te interessa? Você é o resultado de sucessivos encontros com realidades diferentes que determinam em você uma certa maquiagem em detrimento de outras. Por exemplo, você pode ter sido criado em uma família cristã e terá sido exposto a esta tintura. O que torna a existência complexa é que você se pinta diversas vezes, tinta sobre tinta,

todos os dias. Você vive mundos diferentes que te afetam de diferentes maneira, delimitando seus ideais, suas formas. Isto se chama cultura. Cultura é a forma como você se mascara para viver. Sim, porque por trás das cortinas existe o que ninguém gosta de lembrar: o Homem animal, cru, limpo, egoísta, egocêntrico, faminto, instintivo, desejante, impulsivo, humano. Homem interesseiro.

De todos os interesses o mais fundamental, o pai de todos os desejos, é o da eternidade. Evitar a morte! Ai esta o grande desejo dos homens de todos os tempos. Só muda o perfume que se usa. Para alcançar a vida eterna você recorrerá às ferramentas que a cultura lhe deu. Se é como parte do cosmos, assim será. Se for como filho de um Deus transcendente em um paraíso, seja feita a sua vontade. Se é usando a sua razão livre para transformar a sociedade em algo mais justo e deixar grandes obras, é o que fará. O certo é que todos querem ficar marcados para sempre, seja com a construção de um monumento, seja com um livro escrito que influencia gerações, seja com uma música que para sempre será tocada. Então repare que tudo o que se endeusa na sociedade humana não passa de um esforço mesquinho pela sobrevivência após a morte. O soldado não se mata pelo seu país, e sim por ele

mesmo. Os revolucionários russos de 17 não tinham qualquer preocupação com a construção de uma sociedade sem classes, só queriam deixar seus nomes na história. Quantas pessoas encontramos falando que fazem coisas pelos outros? Quantos filantrópicos, quantos altruístas, quantos heróis para salvar o mundo! Todos mentirosos. O que está em jogo é uma preocupação. Como posso deixar meu nome marcado para saciar meu desejo pela eternidade? Meu desejo! Só meu! A humanidade, se tiver que pagar pelo meu reconhecimento eterno, pagará!

Um de seus filhos mais inquietos é o interesse pelo prazer e evitar a dor. Tendo como pano de fundo a mesma busca desesperada pela sobrevivência, nossa vida é um esforço por sobreviver, um encargo, um fardo que precisamos carregar, porque sabemos que vamos morrer. O prazer é o momento em que nos esquecemos da morte, nos eternizamos, percebemos que o tempo para quando estamos felizes, passa rápido. A dor, por sua vez, é aquela que nos lembra de que somos mortais, que machuca, porque nos revela nosso inevitável destino, que tanto lutamos para esquecer. E não se iludam. Não temos qualquer preocupação pelos prazeres e dores dos outros. As pessoas eventualmente ficam tristes num velório não pelo morto ou sua

família, mas sim porque este acontecimento lembra a cada um de nós que não somos deuses, não somos super-heróis. “algumas pessoas não deveriam morrer”, dirá alguém. Não. “ninguém deveria morrer”, completaria o sincero.

Curiosa é nossa incapacidade de aceitar a verdade. Simplesmente fomos incapazes até hoje de perceber quão simples e inédita é a vida. Como não conseguimos suportar a existência como ela é, precisamos fingir que não estamos agindo por interesses. E para que? Para atingir estes interesses! Aqueles que tentam viver uma vida a mais honesta possível, falando a verdade sobre o que sentem e querem sofrem extremas dificuldades de se relacionar com o resto. Imaginem um político que fala que quer notoriedade, reconhecimento e poder? Teria pouquíssimos votos. É preciso esconder meus desejos com uma maquiagem adequada para fazer as pessoas acreditarem na sua ação desinteressada. Uso o político apenas como exemplo, todos nós fazemos a mesma coisa. Atuamos o tempo todo para conseguir arrancar do outro o que queremos. Façam o teste com vocês mesmos, leitores. Acordem um dia e digam a si mesmos: “Esta semana vou falar tudo o que eu sinto sobre todo mundo da forma mais direta possível.” Nos primeiros 15 minutos vocês já perceberão como vivemos uma falsidade. Eu escrevo este livro

para mim, para me eternizar, para deixar meu nome na história, sem me importar com os que o lêem, como fazem todos os outros. Mas é preciso, para que você consiga suportar esta verdade e continuar lendo, que eu vista-a com um traje de interesse coletivo do tipo: “escrevo para informar o público, escrevo para conscientizar as pessoas” e tantas outras ladainhas que tanta gente fala por ai, como se houvesse uma maneira de abrir mão do meu desejo por pessoas que nem sequer conheço.

A nossa identidade nada mais é do que a imagem que criamos e que acreditamos ser a mais eficiente aos olhos dos outros para alcançar o que queremos. Neste sentido é muito interessante como nos comportamos: usamos máscaras. Somos verdadeiros atores neste grande palco chamado vida. Mas não encenamos um só personagem, pois para cada realidade que encontramos nosso corpo se adequa da maneira como acha mais conveniente para ludibriar os outros fazendo-os acreditar que você é algo que não é. Vivemos vidas separadas que não poucas vezes se entrecruzam causando verdadeiros embaraços, porque mostram para o público qual é nossa primeira pele. Neste momento as pessoas jogarão paus e pedras e se esquecerão que todos vivem esta dinâmica.

Para a satisfação dos nossos interesses percebemos que o outro, eventualmente, poderia ser-nos útil. A vida ficaria muito mais difícil se não tivéssemos outros indivíduos os quais pudéssemos usar para alcançar nossos objetivos. Então articulamos uma teia de pessoas a quem chamamos de amigos que nos possibilita viver com menos esforço. O que é a amizade? É um acordo entre duas pessoas que se autorizam sem tempo determinado a explorarem-se mutuamente. Quem é o amigo? É aquele que satisfaz algum interesse seu e que tem algum interesse dele satisfeito por você. A amizade também se caracteriza por ser uma expectativa de interesse que é confirmada ou não quando os agentes se encontram. Se não existe ação desinteressada, muito menos pode existir amizade desinteressada. Sempre há um interesse, pode ser afetivo, pode ser puramente material.

O que torna este jogo interessante é que como você e seu amigo estão sempre mudando, a qualquer momento o que te interessa pode mudar de forma e você pode considerar que ele não lhe é mais útil para satisfazê-lo. É neste momento que você sem nenhuma preocupação no coração excluirá este outro inútil da sua vida, sem qualquer consideração com a alegria ou tristeza que ele eventualmente irá sentir graças a esta atitude. E se você

tem alguma consideração por ele ou é porque ainda enxerga nele algum interesse que ele possa cobrir ou você se preocupa com a sua tristeza por vê-lo triste, mas nunca a tristeza dele. E então esse outro pensará irritado sobre como foi usado por você, sem considerar que ele também faz o mesmo com todas as outras pessoas, porque o ser humano só se relaciona para satisfazer desejos, sempre pessoais, sempre próprios.

Isto tudo acontece a revelia da sua consciência. Você percebe que descobrir como nossa natureza opera é extremamente entristecedor. Admire quão medíocres são as relações humanas! Explore sua interioridade e tente olhar para suas ações tendo em vista esta análise. Talvez você se choque, talvez caia a ficha, e você se de conta que somos apenas animais desejantes, um esforço pela sobrevivência. Também note que seria totalmente inviável nutrir qualquer amizade – e portanto satisfazer os interesses, objetivo real dela – se não tivéssemos desenvolvido esta capacidade de perfumar e maquiagem a vida, a chamada razão subjetiva. Para tudo que “escolhemos” nosso cogito preparará uma desculpa, uma realidade ou um ídolo que nos convença a aceitar sem maiores dramas nossa realidade. Ele nos fará acreditar que aquela amizade tem algo de especial, por ventura até transcendental, fruto de vidas passadas, ou qualquer

delírio destes que nos impeçam de ver o mundo como ele é, porque sua verdade me agride insuportavelmente.

O mesmo vale para o amor que é mais específico, porque, além de alguns outros desejos comuns a amizade, diz respeito à expectativa de ver satisfeito aquele interesse pela eternidade através dos filhos. O amor é um acordo mútuo onde ambas as partes se convencem que o parceiro é a melhor forma de dar-lhes um filho e, assim, satisfazer o interesse de ambos por eternidade nele, como se fosse a co-autoria de um livro ou uma música. A sua natureza tem ferramentas das mais sofisticadas para lhe fazer acreditar que seu amante é especial, seu amor é eterno, imutável, único, enfim, uma bela maneira de te esconder o escravo que de fato você é. Sua razão funcionará e você inventará as coisas mais estranhas como a metade da laranja, um namorado “dado por Deus”, etc... quando na verdade, como com a amizade, a qualquer momento uma das partes pode mudar de opinião. Quando isto acontecer, novamente a razão entrará em cena para justificar a nova posição usando desculpas das mais sofisticadas até as mais estúpidas, mas que deverão tranquilizá-la, pois são criações suas. A outra parte também inventará as suas desculpas perante



a impossibilidade de ver seus interesses contemplados e a vida seguirá com a nudez que sempre teve.

As próprias noções de bem e mal são mentirosas, são maquiagens, mais uma tentativa de padronizar e dar alguma previsibilidade para a vida. O que existe são os meus interesses. Quando acho algo bom? Quando ele atente a eles. Quando acho algo ruim? Quando não atende. Deus bom é aquele que sacia meu desejo pelo eterno. Uma pizza, em si, não é boa nem má. Só o é quando corresponde ou não ao que eu esperava. Pessoa boa é aquela que me completa... pessoa ruim é aquela que não liga para minhas incompletudes. Evidentemente eu invento vários adjetivos... no fundo só há esta distinção. Qualquer juízo de valor é apenas a medida de satisfação dos meus desejos. O resto é fumaça.

Não existe fraternidade entre os Homens. Existe coabitação de interesses mútuos. Por isto as relações sociais são conflituosas e instáveis. Quase nunca as pessoas concordam, quase sempre os interesses se chocam, e, neste momento, aqueles que tiverem maior poder, maior capacidade de coagir os outros, terão seus desejos satisfeitos, enquanto os outros lamentarão e suplicarão pelas sobras de alegria que lhes restaram. Todas as instâncias de poder dos homens são voltadas

para a exploração do suor de muitos em vista da alegria de poucos. E é claro que também elas devem ser revestidas por uma pintura democrática, igualitária, justa ou legítima, para facilitar o cumprimento do seu papel.

Neste sentido, uma das maiores enganações que a perfumaria moderna nos deixou foi a democracia representativa. Ela é, mesmo, uma das mais absurdas e antinaturais construções sociais que existem. Como, depois de perceber que inevitavelmente só tenho olhos para mim, posso acreditar em um sistema que prevê que alguém lutará pelos meus interesses? Ou, quem sobre a terra pode ter a ousadia de se proclamar defensor dos meus desejos? Ninguém, porque o único que os sente sou eu e o único que tem legitimidade para dizer como agirei é o meu corpo. É claro que a democracia representativa tem muito sentido em um mundo construído baseado numa pretensa vontade e ação desinteressada, mas todos nós sabemos como na vida vivida isto é impossível de acontecer. Vamos então desmascarar mais uma conversa fiada: Este sistema de poder não está aí para buscar o bem comum e a felicidade dos homens, nem para proporcionar igualdade e liberdade ou qualquer outro destes ideais de fantasia. Está aí porque foi a maneira que acharam aqueles que mandam na sociedade e que,

portanto, tem o privilégio de sempre verem seus impulsos satisfeitos, de se manter no topo da montanha russa. O principal ponto da democracia representativa é a possibilidade de manter o poder disperso, a neutralidade, quando convêm, quando é melhor dissipar a responsabilidade, e atuar ditatorialmente quando os privilegiados tem sua dominância ameaçada. Ela nada mais é do que mais uma maneira de poucos dominarem muitos, ao contrario de toda a falácia que tampa o sol com a peneira.

O Homem é uma teia de interesses que só dizem respeito a si. Ele é egoísta e egocêntrico. Isto é tudo o que somos. Todo o resto é maquiagem, perfumaria, metafísica. Todos nos pintamos para suportar o nosso ser, para não perceber o quão canalhas somos, o quão pobres e medíocres são nossas vísceras. Tudo o que diz respeito a nós são nossos desejos. Tudo o que queremos e fazemos é porque nos interessa. Não estamos nem ai para o próximo, o amor ao próximo não existe. Somos corpo que deseja. Somos carne, somos fome, somos sexo, somos angústia, somos reconhecimento, somos luta contra a morte. Nada existe além de nós, além do corpo, além do Homem interesseiro: o animal selvagem que nunca deixará de existir.



#### *5.4 O Homem de Agostinho era um infeliz?*

Agostinho, grande filósofo cristão foi o primeiro, até onde sei, a entender o tempo como coisa do Homem. O que é o tempo? O tempo é o passado, o presente e o futuro? Se fossemos aceitar esta definição algum de nós, mais perspicaz, perceberia a problemática apontada por aquele homem: O passado não é na medida que já passou e não pode retornar. O futuro não é porque ainda não aconteceu. O presente é a sucessão de instantes, mas quando nos pomos a pensar sobre ele já virou passado, e como poderíamos definir algo pelo não-ser?

Diante disso Agostinho propõe uma nova abordagem. O tempo é uma faculdade da alma do Homem. Não se trata de passado, presente e futuro, mas sim de presente do passado, presente e presente do futuro. Enquanto no tempo do mundo há apenas a seqüência de instantes, o presente pelo presente, o Homem cria para si, para organizar os acontecimentos vividos, a capacidade de esticar o tempo para o que ele chama de passado e futuro. O presente do passado é a memória, atividade pela qual no presente eu lembro do que me aconteceu. O presente do futuro são minhas expectativas, esperanças e projetos que

embora ainda não aconteceram me proporcionam a chance de viver o presente pelo futuro, planejar a existência.

Pensemos então neste Homem de Agostinho. Ele tem a capacidade de transitar pelo fluxo do tempo escapando da vida que é a dele. Pode voltar ao passado e eventualmente rever aquilo que o alegrou; também terá, por isto mesmo, que conviver com aquilo que entristeceu-lhe, pois ninguém controla o que pode ou não lembrar. Também consegue viajar para terras distantes imaginando um futuro que ele não tem, imaginando riquezas e poder, e todo o resto que os Homens desejam. Não estaria este Homem deixando de viver momentos incríveis do presente por estar perdido em um passado que já passou e em um futuro que não chegou? Não seria esta nossa possibilidade mais uma doença do que uma vantagem?

Não é simples admitir nossa insignificância. De filhos de Deus no mundo medieval passamos para o status de Deuses terrenos com os modernos. O Homem era o máximo. Tinha capacidades irresistíveis que o transformava no verdadeiro ser onisciente e onipotente do universo. Isto só podia vir dos modernos. A crença na alma racional transformou o tempo numa qualidade própria do cogito. É porque pensamos livremente que somos capazes de observar neutramente o

passado, aprender com os erros cometidos e projetar um futuro distante, com grandes realizações, sociedades perfeitas, justas, igualitárias... O Homem é o único animal capaz de planejar, diziam eles! Ele usa o passado para o futuro. Através daquele viveremos um presente para construir a sociedade do futuro, a ciência do futuro, a existência do futuro. O rato vive para o presente, faz o que tem que ser feito. Mas o Homem não! Este olha o presente com seu binóculo crítico, lembra do passado, e atua para construir seu futuro.

Como não poderia ser diferente, a nossa arrogância em controlar todas as variáveis da vida nos cegou quanto as nossas possibilidades. Aos poucos o mundo moderno foi retirando as possibilidades de viver o presente e substituindo-as pelo passado ou futuro. Esta é uma das mais nefastas heranças deixadas por eles e não dissolvidas na sociedade atual. Pelo contrário, para todos os lados, o que se vende é a vida fora da vida. Estude para o futuro, Trabalhe para o futuro, namore para o futuro. Hoje somos resultado deste maravilhoso trabalho. Se podemos planejar, precisamos viver uma vida em função do planejamento. A cada instante mais e mais trocamos as palavras alegria e tristeza por esperança e medo.

Qual é o problema? É que não somos tão divinos quanto pensávamos. Memória e projeção não podem ser capacidades da alma porque ela não existe, e isto muda tudo. Quando tenho uma alma livre vejo com otimismo admirável a capacidade temporal que me distingue do resto da natureza. Mas quando percebo que o que chamo de alma na verdade é mais um instrumento do meu corpo, quando noto que o pensamento está subordinado aos meus desejos, então sou obrigado a descer do pedestal que me pus e reconhecer que para mim passado e futuro são esconderijos de uma realidade que me agride. Passado e futuro são belas construções para florear a vida e torná-la suportável. Enquanto acreditamos nesta nossa capacidade o corpo continua fazendo o que sempre fez: correr atrás do que deseja.

O passado e o futuro são ótimos refúgios para quem olha para o presente e não vê nele alegria. São abrigos contra um vento desagradável e forte que insiste em mudar as dunas de lugar. O nosso corpo constituiu a nossa faculdade temporal para resistir ao fluxo alucinante da existência. É muito mais cômodo nos agarrarmos a um passado feliz ou a futuros promissores do que encarar a realidade que se apresenta a nós. Quanto mais as coisas estão difíceis, mais voltamos aos bons tempos e mais ainda imaginamo-nos, com notoriedade, dinheiro, sucesso,



poder... afinal de contas, alguém se planeja para perder? Pois sempre que planejamos fazemos em nome da permanência, e não da mudança. Ou seja, sempre correndo e negando a vida.

No final das contas o tempo é só mais uma forma de ideal que inventamos para tentar resistir à mudança e imprevisibilidade do mundo com a qual nos relacionamos. É mais uma vertente da auto-preservação, um forte escudeiro que nos acompanha, que nos protege quando nossos interesses não estão sendo contemplados, criando uma situação de insatisfação tão grande, que precisamos fugir da vida. Quando meus desejos não são satisfeitos, que tal voltar ao tempo onde isto acontecia e fingir que é real? Que tal viver do passado? Ou então sempre podemos nutrir grandes sonhos e esperanças no futuro que precisamos acreditar, queremos acreditar, porque o presente está tortuoso. É isto que seu pensamento faz por você como grande ferramenta do corpo que busca continuar sobrevivendo.

Quem vive um presente onde seus interesses são atendidos satisfatoriamente pelos outros não precisa ter esperança ou nostalgia. Estes sentimentos são para os pobres coitados que não tiveram aquela oportunidade. Para os poderosos é sempre bom nutrir sonhos nos comandados, que assim se perderão neles e esquecerão sua posição de escravos. O

passado e o futuro são males terríveis que os modernos cultivaram e os contemporâneos abraçaram com todas as forças. Escola do futuro é aquela que não dá alegria a seus alunos no presente. Emprego para o futuro significa tristeza a seu portador. Viver esperanças é viver para algo que ainda não aconteceu, um erro terrível.

Sempre quando vivo para o futuro, abro mão do presente. A esperança carrega uma condição terrível: esperar. Esperar que algo aconteça é abrir mão de tudo o que poderia acontecer. Esperar se alegrar daqui a cinco anos significa perder qualquer chance de se alegrar hoje. Viver uma vida para o futuro esconde a constatação mais evidente que podemos alcançar: a vida é inédita. Como posso abrir mão do meu presente por algo que espero no futuro quando sei que tanto eu quanto o mundo mudam ininterruptamente? Esperança no futuro só nos serve para nos escondermos desta contingência. O problema é que ela, a mudança, não traz somente tristezas, também alegrias. Só quem se alegra é quem admite a chance de se entristecer, é quem encara a vida de peito aberto. O hoje é tudo o que importa porque é tudo o que existe.

Só pode considerar a capacidade de nutrir uma memória como algo libertador o homem que nunca se arriscou a andar no

fio da navalha. A nostalgia é um dos maiores defeitos que temos que aceitar. O passado é uma maldição, uma sombra que insiste em nos seguir tanto mais rápido quanto for a velocidade que dele correremos. Feliz aquele que não precisa usar desta prerrogativa para ser feliz. Aquele que vive agarrado ao que já aconteceu não olha para o presente diante de ti. Quantos de nós já não perdemos chances ótimas por nos prendermos a um mundo pretérito que imaginamos poder reviver no futuro?

Assim é importante desconstruirmos também o papel libertador do tempo. Se precisamos de uma jaula, ele fará este papel com excelência, mas precisamos? De fato nunca encontrei ninguém que conseguisse viver como uma centopéia, mas será que não seria possível pelo menos aceitar o que somos, aceitar nossa natureza, aceitar a vida como ela é, e desfrutar de momentos mais entregues ao presente vivido? Porque uma coisa digo, quando olho para as pessoas hoje, não consigo disfarçar a neurose a qual estamos envolvidos. Não é exagero dizer que estamos na sociedade da agenda. Estamos tão programados que afastamos qualquer possibilidade de surpresas. Algumas pessoas já tem planejada uma vida inteira antes de nascer, de modo que passam sua existência lutando contra o que é como é, enforcadas pelos ideais que não escolheram. Presente se tornou uma mera

palavra no dicionário em uma realidade onde seus agentes afundam em memórias alegradoras enquanto olham para suas esperadas e prósperas idéias sobre o futuro. Isto se chama viver a mentira.

A única vida que existe é a do presente, a seqüência de instantes. Se ela fosse uma roda gigante sempre seria útil observar no passado seu movimento para saber onde estaríamos no futuro. Mas dado nosso ineditismo existencial, nada justifica perdermos tempo vivendo por algo que já passou. Pensar sobre o futuro é, no fundo, inútil para os corajosos que não precisam correr do mundo. Todo o planejamento depende de variáveis que mudam a todo o momento, de eventos esperados que ainda não ocorreram, de fé. Sempre quando me faço uma projeção, faço com base naquilo que me apetece no presente. Se estou sempre mudando, se nunca sou o mesmo, se o próprio mundo segue um fluxo caótico não respeitando qualquer interesse de ordem que nós tenhamos, o que me garante que o que me apetece hoje, me apetecerá amanhã? E se não apetecer mais, o que faço com aquele planejamento que fiz? Vivi instantes preciosos em nome de um futuro que já mudou porque eu mudei: perdi estes instantes.

Tal é a impressão deste pequeno autor sobre a pós modernidade: é uma crise existencial. Pela primeira vez estamos entregues a realidade como ela é. Somos desafiados a enfrentar a constatação da nossa insignificância diante do todo. Jogaram na cara da nossa geração, destes foguetes sem religião, todo o entulho humano produzido nos últimos 10 000 anos, os restos daqueles mundos que certa vez cultivaram ideais tão otimistas. Certamente gregos, cristãos e modernos eram mais felizes do que nós. Nunca mais poderemos encarar a realidade da mesma forma depois da filosofia do martelo. Não contamos com um cosmos. Não contamos com Deus. Não contamos com a razão. Tudo o que temos é este Homem interesseiro de carne e osso que se atrai enormemente quando encontra uma caverna onde possa repousar. Será que nada restou? Será que podemos cultivar um novo mundo, tal como a fênix, surgido das cinzas, e erguer uma nova referência, um novo ideal que não desconsidere a natureza humana e a contingência da vida? Aprender a viver? Agora é que a diversão vai começar.



## ***6. Construindo um caminho.***

Não estou aqui para ser moralista nem para salvar o mundo desenhando modelos sociais sagrados. Já passei da época quando enxergava no Homem justiça, bondade e beleza. Não ligo a mínima para suas regras de jogo e a forma pela qual vocês acham que eu deva jogar. Estou aqui para dar minha opinião, só isto, pois é tudo o que posso fazer e tudo o que todos fazem. Você deveria me agradecer por esta fala limpa, podendo até enxergar nela uma tal ação despretensiosa que esconda minhas reais intenções.

Encaro as palavras que vêm a seguir como a redenção dos justos, um prêmio para aqueles que tentaram, sem sucesso, provar que eu estava errado. Poderia ser também a vingança dos que sempre passaram fome por amor ao próximo e que esperam tristemente por uma resposta a suas preces. Porque em algum momento isto teria que acontecer, dar a Cezar o que é de Cezar. É a hora da virada, é a hora de me incluir, de certa maneira, no mesmo jogo, sob as mesmas cretinas regras que os homens se orgulham de terem criado no alto da sua pseudo-racionalidade.

Esta na hora de abraçar a vida também. Não quero mais restos, quero o luxo com tudo o que lhe é permitido. A

verdadeira vitória esta em descobrir os manuais que nossos inimigos estudam, para alcançar, também, a felicidade que me foi negada. Está em deixar-me entusiasmar pela minha natureza e ser guiado, sempre quando preciso, por este animal nojento que vive dentro de mim. Pois este que vos fala nunca mais se porá como escravo, sendo aprisionado pelas correntes de uma certa moralidade inventada por tiranos hipócritas, cínicos e terrivelmente conscientes.

Os gregos, os cristãos e os modernos tinham uma referência para as suas vidas, algo em que acreditar, algo que lhes daria um caminho certo e seguro por onde caminhar. Individualmente todos corriam atrás da felicidade orientados pelas seguras vias que seus ideais lhes ofereciam e que, verdadeiras ou não, lhes dava uma paz e tranquilidade que eram o sinónimo da vida boa. A cada momento de crise estes grupos se agarravam a tudo o que acreditavam e encontravam de fato o que procuravam. Eles eram muito mais felizes que nós.

As linhas da história trataram de tirar as pessoas da zona de conforto. De uma hora a outra, como depois de uma grande tempestade que provoca fissuras incontornáveis, nos vimos atirados em uma realidade crua, nua, feroz, uma selva onde só sobrevivem os mais fortes. À base das marteladas fomos saindo



da condição de deuses para a de seres da natureza, fomos abandonando o sagrado e caminhando para o profano, fomos esquecendo dos anjos e abraçando os demônios. Fomos abandonados ainda recém nascidos por nossos grandes pais no meio da cidade grande e assim crescemos, com frio e com fome, passando por testes terríveis, nos entregamos a drogas irresistíveis que pagariam seu preço mais adiante, qual escolha tivemos?

Como seres das ruas, enfrentamos crises existenciais sem precedentes. Perdidos, sem rumo, caminhávamos em círculos pelos quarteirões da pós-modernidade sem saber exatamente onde estávamos pisando. Nada valia a pena. Como ser feliz se não há um cosmos, como ser feliz se não há um Deus, como ser feliz se não somos racionais? Aquele que se desse conta do buraco a que estava metido só poderia se entregar à tristeza e a solidão, era um ser estranho em meio a seus pares. As nossas melhores mentes foram condenadas ao ostracismo.

Enfim é chegado o momento de aprendermos com nosso próprio corpo, de alcançarmos a maioria do ser humano, a compreensão da vida como ela é. Pela primeira vez, depois de tanto apanhar, podemos lançar-nos sobre a neblina da dúvida, inexatidão e da inocência da vida, sem nos apavorarmos por

estarmos navegando sem um fundamento no mundo. Porque se o mundo não tem uma base, encontraremos esta em nós, em nossa natureza, pois enquanto o mundo é o que é, nós, como homens, no fundo de toda a poeira misteriosa que circunda nossos corpos a que chamamos de idéias encontraremos o Homem interesseiro, fundamento último a qual devemos nos apegar.

Todo este capítulo é uma tentativa ingrata de demonstrar que no final das contas a única possibilidade de felicidade está relacionada à aceitação da nossa natureza, quando abraçamos o egoísmo e finalmente entendemos o que somos; quando desistimos de ser o que não somos, mas ao mesmo tempo nos preparamos para vestir todo o tipo de máscaras que podem nos exigir; quando entendemos a hipocrisia como uma inevitabilidade, e, ao invés de nos revoltarmos contra ela, aprendemos a usá-la em nome daquilo que só importa, nossos interesses.

Em nome de uma ética natural, de uma ética baseada na única verdade absoluta que existe, tal seja a de sermos individualistas, egoístas e egocêntricos, homens interesseiros. Escrevo aqui sem preocupações, como só poderia ser, com o mundo, com as baleias, com as tartarugas marinhas, com os

abandonados da África, com as favelas cariocas, com os maremotos asiáticos, por uma ética totalmente conciliada com o que realmente sou, com a natureza, com o animal que todos nós temos dentro de nós e pelo qual agimos como agimos, uma ética contra as mentiras – será? -, contra confortantes sociais, contra uma tal moralidade aconchegante que todos acham que devemos cultivar, contra visões otimistas que nunca trouxeram nenhuma melhora a não ser para quem a profetiza, contra o medo de encararmos o real, de agirmos conforme o real se apresenta.

Uma ética que visa re-naturalizar o ser humano, ensiná-lo a procurar a felicidade na única coisa que resistiu aos terremotos da história, a única coisa que está fora de todas as desculpas e que só pode ser a razão pela qual as inventamos. Dou a sociedade um presente, mas não a tomem como ação desinteressada: seria uma tolice depois do tanto que foi dito. Uma oportunidade privilegiada de se olhar no espelho e reconhecer o seu ser. Vou entender se me carimbarem como pessimista, cretino, etc... Já percebi quais são as regras do jogo. Mas é justamente a possibilidade de me aceitar como cretino que me faz mais soberano, é a base sobre a qual reside minha liberdade.

Sempre olhamos para nosso corpo como se fosse nosso grande inimigo. Os apetites, os impulsos, aquilo que nos faz propriamente humanos, aquilo que somos, nossa essência, sempre foi condenada a uma guerra covarde contra si, a um sadomasoquismo incoerente, há uma moral anti-humana que precisava mascarar nossa necessidade de auto-negação. Negação para afirmar veladamente, como precisa ser. Estranhamente o interesse sempre foi carregado por uma aura pecaminosa, por influencia Kantiana cristã, maléfica até certo ponto. Por que temer o que somos? Por que olhar com desdém a única característica que certamente podemos afirmar? O Homem é o que é, sua natureza não é boa nem má, apenas é do jeito que é, não há porque negá-la quando não podemos fugir ao que somos. É dele e é nele, no corpo, que devemos nos conter, porque não nos interessamos por outra coisa senão nossa preservação individual. Poderemos agora ver isto não como uma doença, e sim um fato consumado. Mais do que tentar, em vão, provar o contrário, a questão me parece girar em torno de como lidarmos com esta verdade e encarar a existência sem nos entregar a mentiras que não mais convencem e sem cair na ilusão de que podemos viver sem fundamentos.

Como construir um novo ideal sem se entregar a aqueles que já se mostraram insuficientes como referencial de perfeição? Como pensar em uma forma de viver sem inventar mundos imaginários ou almas inteligentes? Como aceitar o Homem interesseiro e traçar uma existência para o egoísmo tão fundamental a nossa natureza? Como ter forças para reagir diante da potência do mundo e da impossibilidade de fugirmos do fato de sermos acima de tudo desejantes e de não podermos caminhar em outra direção a aquela que eles nos apontam? Como conviver depois de constatar que só temos olhos para nós? Tais perguntas me interessam agora.

### *6.1 Há liberdade?*

A questão da liberdade é fundamental para chegarmos à felicidade que a compreensão do Homem interesseiro pode acarretar. Considero muito importante a análise feita anteriormente sobre ela porque nos permite traçar limites claros delimitando suas margens. Já podemos apontar algumas. O Homem não é livre para escolher o que deseja. O que ele deseja é fruto de sua natureza interesseira e é aquilo que, ao mesmo tempo, nos permite ver alguma estabilidade em meio ao mundo caótico. Também podemos dizer que nós só somos corpo. Não há almas, deuses, ou qualquer instância superior que nos permite julgar os desejos, optando por correr na direção contrária deles. Onde reside a possibilidade de liberdade que nos possibilitará cunhar nossa ética?

Vamos analisar uma ação. Uma ação não tem valor em si, não é nem boa nem má. A que se atribui valor é ao objeto que me interessa. Desde o começo, como funciona? Eu sou um corpo. Primeiro eu desejo inconsciente e incontrolavelmente. Então eu crio um ideal, uma razão específica, subjetiva, a forma que o meu corpo encontrou de me convencer da legitimidade do meu desejo, seja ele qual for. Convencido eu busco o desejo

usando o plano elaborado pela razão específica, inclusive procurando no mundo o que sirva para me saciar: é neste momento que eu atribuo valor as coisas. Quando aquilo que eu procurei saciou os meus desejos é bom. O contrário é ruim. O bem e o mal vivem dentro de cada um de nós e dependem das condições materiais e únicas que cada situação exige, porque há muitas outras variáveis que deixamos de lado. Porém como o que valoramos está baseado nos nossos interesses, não nos obrigamos a analisar todas as variáveis para tecer juízos sobre as coisas. Falamos sobre o que nunca temos certeza, classificamos as pessoas, os objetos, e não damos a mínima se os outros vão se alegrar com isto. Mas assim, você perguntaria, não corremos o risco de ser injustos? Sim, mas quem se importa? Alias, nesta perspectiva o que é a justiça e a injustiça senão uma realidade pessoal das coisas?

Vamos pensar por exemplo no casamento. Por trás desta razão específica esta o desejo de estabilidade, fuga da insegurança da vida, busca pela eternidade. Primeiro vem o meu desejo. Depois articularei meios para satisfazê-lo, estratégias, escolherei candidatos, analisarei minuciosamente aquele que melhor contempla o meu desejo e então me convencerei que aquele que escolhi corporalmente é minha cara metade, o outro

lado da laranja, nascidos um para o outro, meu amor eterno, etc... Consumado o casório só então vou moralizá-lo: ele cumpriu com o meu interesse? Então ele foi bom. Ele não cumpriu? Então foi ruim. E se, de repente, encontrar alguém que melhor atinge meus interesses, não hesitarei em dispensar o primeiro e me unir ao segundo, sem qualquer preocupação. Neste momento você criará outro ideal para te convencer que você esta certa, que afinal de contas o outro não era tudo aquilo, enfim. E o melhor de tudo é que como os desejos se alternam, se chocam e se misturam, porque tanto o mundo quanto eu cultural mudam, isto produz um jogo extremamente complexo que ninguém é capaz de compreender em sua totalidade, o jogo dos desejos. Isto poderia significar uma liberdade mas não é. O fato de você não perceber todos os desejos que sente apenas significa que você é medíocre e ignorante para perceber que é um escravo do que deseja. Pois então, onde podemos ser livres?

Se é certo que desejar é incontrollável o que minimamente podemos escolher é a forma pela qual o fazemos, o modo como organizamos nossos ideais dentro de nós. Pois se o Homem interesseiro é naturalmente necessário os ideais que ele produzirá para se satisfazer são socialmente aprendidos. É a sociedade que lhe ensina desde o começo da vida quais as



maneiras de se desejar o que deseja, como se portar diante do que deseja. O meio social tem suas maneiras de nos moldar para os interesses legítimos ou não, e, como os homens são incapazes de deixar de desejar, ela mesma cria espaços ou maneiras mais veladas de satisfação daqueles outros imorais, indignos. Se há esta opção, evidentemente há liberdade.

Sendo os ideais apenas a melhor alternativa que o corpo encontrou para satisfazer suas pulsões, percebemos que o corpo irá sempre buscar o melhor caminho dentro das suas possibilidades de escolha, dentro dos ideais aprendidos socialmente. Esta possibilidade de escolha é onde reside nossa liberdade... o que de fato é essencial é nossa natureza corporal, interesseira. As maneiras como satisfazemos e buscamos o que nos interessa é nos ensinado pela sociedade, constituindo uma gama de ferramentas ou instrumentos que usamos para lutar pelo que queremos. Cada um joga com as cartas que recebeu.

É importante percebermos como de fato a liberdade para nós é restrita. Porque se só podemos escolher na medida em que durante a existência recebemos ideais que nos dão cartas diferentes para usar durante o jogo, existe uma soberania do todo social em relação a nós, suas partes, visto que ele define a nós quais cartas estarão disponíveis, quais razões específicas

estão dentro do nosso espectro conhecível. E da onde vem propriamente minha liberdade? Vem da percepção de que eu posso, em nome dos meus interesses, lançar mão de qualquer ideal para conseguir o que quero. Em outras palavras, se temos dentro de nós, dados pelo meio social, ferramentas, ideais, oferecidas pela sociedade para correr atrás dos meus interesses corporais, a liberdade advém do reconhecimento que eu não preciso me apegar a um especificamente, me deixando livre para escolher qual é o mais apropriado para as situações que vou enfrentar. O Homem é livre para escolher a melhor maneira de desejar, porque está sempre pronto a aprender novos jeitos de conseguir o que quer.

A chave para a liberdade individual está no outro. É ele, pela sua particularidade, que nos ensina e nos dá cartas diferentes. É a possibilidade de observar o outro que nos dá a chance de nos comportarmos de outras maneiras em relação ao que desejamos. Quanto mais conhecimento do outro tivermos, maior será nossa gama de ideais e maior será a possibilidade de os usarmos para nossos próprios objetivos. O Homem deve preocupação com o outro porque vendo-o atuar, vendo-o desejar e observando como contempla seus desejos, tem sua chance de liberdade. Notem, nunca sairemos do Homem interesseiro.

Fazemos por próprio interesse. Mas talvez justifique porque preferimos a companhia ao isolamento. Um Homem que nunca se encontrar com outros é prisioneiro absoluto da natureza e, por isto, só tem um jeito de resolver as coisas: a crueza do mundo. Já aquele que se relaciona é mais feliz, porque tendo mais armas para conseguir saciar seus apetites, a probabilidade de que isto aconteça é maior.

Não nos enganemos, não obstante, quanto a nossa autonomia perante a vida. Como chegamos a este estado descrito acima? Como aprendemos? Aprendemos com os encontros com o mundo a que somos submetidos durante a vida. Nosso ideais são o resultado de uma sucessão ininterrupta de contatos e afetos que nos atingem ao longo da nossa existência. Portanto, se somos livres para aprender os ideais que nos darão maior margem de ação, não somos para escolher o que aprenderemos. A nossa liberdade é restrita a nossa incapacidade de controlar os encontros que teremos com o todo.

Assim percebemos que a vida humana esta sujeita a um aparente paradoxo sofisticadíssimo. Somos livres na medida em que manipulamos nossos ideais. Mas este traquejo não é automático, é aprendido. Assim, só somos livres se aprendemos a ser livres. E só aprendemos a ser livres se o mundo se impor a

nós de modo a nos levar a este ensinamento. Nossa liberdade está condicionada a um destino improvável e incontrolável, uma seqüência de acontecimentos que nos leve a percebermos nossa condição, nossa autonomia perante os ideais que são construídos pela sociedade. Somos prisioneiros do corpo. Nossa liberdade reside em algum lugar perdido na sociedade que nos constrói. Como, neste último ponto, somos medíocres e incapazes de prever tudo o que nos afeta, temos quase que contar com a sorte para sermos livres. Liberdade é algo que se aprende. Ninguém é livre. Nós vivemos torcendo para tropeçar na liberdade, pedra tão pequena em tão grande planície.

A raridade desta emancipação fica clara quando notamos quantas pessoas no mundo estão presas em seus ideais. Aquele que acredita no ideal grego deve desejar como um grego. Um cristão deve desejar como Deus – ou seus intermediários - quer que ele deseje. O moderno tem que se restringir aos desejos racionais que lhe contaram que eram os certos. Todos os ideais que foram construídos até agora tiveram como resultado limitar a pouquíssima chance humana à nulidade. Precisamos de um ideal que amplie visão, e não nos enjaule. Que tal percebermos que estas alternativas, e todas as outras, podem em momentos diferentes ser convenientes aos nossos interesses? Assunto para

o próximo tópico. Por enquanto, ainda temos considerações a fazer sobre a liberdade.

O que precisamos para ser livres? Quais são as condições de liberdade? A primeira condição é a aceitação do que se é. E o que se é? Qual é a natureza humana? Desejante, egoísta, interesseira. Temos que aceitar-nos como somos porque só assim poderemos manipular os ideais a nosso bel-prazer. É um erro, um atentado a liberdade, abraçar algum dos ideais como sendo partes da natureza humana. Toda a ação neste sentido só levará uma restrição do que podemos ser, a um apequenamento do homem. Toda a restrição limita as chances de vermos nossos desejos satisfeitos. Por isto é preciso congratular todo o trabalho de destruição da pós modernidade. Sem ela, nunca teríamos arrancado a marteladas os ídolos da natureza humana e percebidos como podemos ser felizes sendo o que somos, abraçando o ser interesseiro, e como aqueles residem no campo social e cultural. Qualquer tentativa de dar a nossos ideais um verniz de naturalidade finalística do tipo “aquela pessoa nasceu para ser jornalista, comerciante, advogado, etc”, é uma tentativa de poder restritiva da liberdade, do nada. Podemos através dos pós-modernos examinar com mais propriedade porque queremos o que queremos. A consciência de que desejamos

porque não podemos ser diferentes é fundamental para identificar por traz das complexas construções que fazemos nossos desejos e a luta que o Homem que já se libertou está autorizado a lutar.

Também a liberdade só é possível quando entendemos que o mundo é como é, que não há, nele próprio, qualquer valor e que estes são apenas frutos da relação do todo com o meu corpo. Entender que a vida é inédita é preciso, por mais que a princípio possa nos agredir. Só seremos livres quando abandonarmos as fórmulas de previsão do futuro e vivermos como um constante rabiscar em uma folha branca, pois nela podemos ir para onde quisermos, podemos nos deixar levar para qualquer lado que formos levados, podemos cultivar o incontrolável, o contingente, o surpreendente.

Querendo ou não, estas são características da vida. Ninguém é capaz de dizer o que vai acontecer no futuro. Ter medo da inconstância da existência não esta sob controle, mas podemos aceitá-la ao invés de criar mitos para nos esconder desta realidade. Cartomantes, videntes, oráculos, planos divinos... todos eles terão que se curvar à dúvida da vida. Nenhum deles pode nos prometer nada diferente do que eles fazem... ilusões. Qualquer tentativa de premonição é uma

maneira patética e covarde de encarar o mundo, de fugir do mundo. De uma vez por todas devemos perceber que a felicidade passa pelo inédito e surpreendente. A vida toda planejada não só é uma ilusão, já que o melhor do planejamento é que nunca sai como planejado, como restringe as alegrias que poderíamos sentir, pois o riso anda de mãos dadas com a surpresa. A condição para a liberdade é se portar de cabeça erguida diante do mundo. Peito estufado para o presente, para o que é, para o que importa. Estar sempre disponível a alegrias, mesmo que corra o risco de tristezas. Está é a melhor maneira de responder aos nossos apetites.

A terceira condição da liberdade é abandonar qualquer noção de moralidade que se possa ter internamente. Perceber que as coisas do mundo em si não tem valor implica em considerar suas ações como morais apenas para você. A moral depende dos seus interesses corporais, portanto não a que se respeitar fielmente a moralidade dos outros. Isto não significa, como explorarei no tópico seguinte, agir sem nenhuma moral. A verdadeira liberdade reside no fato de que todos os julgamentos morais estão a sua disposição para usá-los em qualquer circunstâncias que precisar para buscar o que se quer. Mas isto só é possível se abandonar uma moralidade única, abrindo-se da

forma mais maleável possível, porque toda a forma de moral é apenas uma tentativa de dominação velada de uns sobre outros construída para este fim. A falta de escrúpulos é a mais bela condição libertadora.

Para algumas pessoas isto pode ser particularmente difícil. Muito apegadas a suas construções, não conseguem ver nelas limites impostos por outros agentes sociais dominantes. A sombra de Kant e cristo ainda obscurecem muito da espontaneidade que poderiam viver. O entendimento de que o mundo é bom pois criado por Deus e de que os indivíduos não tem interesses segue no lugar mais alto do pódio, escurecendo sua visão. No final das contas é preciso perceber que todos fazem parte do mesmo jogo, que é: qual a melhor maneira de me dar bem, de alcançar o que quero? Os outros são importantes como meio e serão respeitados enquanto meio. Portanto, desmoralizado, aberto a usar vários ideais, terei condições de, vestindo várias máscaras, organizar uma teia de relações sociais mais abrangente possível, com um nível de rejeição baixíssimo, porque sempre agradarei os outros da forma a que eles acham que devam ser agradados, mesmo que não pareça. Sempre me servindo como meio, abro a possibilidade de também me servir das pessoas desta maneira e, assim, viver da melhor forma que



poderia, posto que o pseudo sentimento de independência, de não precisar de ninguém, que todos queremos nada mais é do que uma construção infantil que na realidade não encontra embasamento, a não ser enquanto vontade desejante de ter o que se quer, a qualquer custo.

Assim, somente esta compreensão da liberdade, que reside não no fato de poder ou não controlar os desejos, mas no modo como os entendo, pode nos levar a uma chance de felicidade existencial. Esta liberdade restritíssima que reside na chance de ser submetido a diferentes culturas, sendo esta uma forma particular pela qual legítimo meus interesses, tem como grande conseqüência abrir um leque de escolhas a que me submeto, mas posso manipular, posso vagar, posso viajar neste bojo. Viver, neste sentido, é um ato político, onde me relaciono com os outros para meu interesse, e a melhor forma de viver é se relacionar de maneira a manter tantos quantos possíveis relacionados a si, construindo uma grande teia a que você sempre possa contar quando precisar de favores, de barganhas.

Percebendo a possibilidade de liberdade restritíssima que podemos ter, uma de suas conseqüências é a emancipação cultural, que, mais do que uma falta de pudor, provoca uma vida em nome do que se deseja, pura e simplesmente. Qualquer ideal

restritivo que se escolha, tal seja, a título de exemplo, o cristão, nunca poderá ser mais eficiente para conseguir o que se quer do que o próprio desejo em si, a não ser como instrumento para convencer as pessoas. Há apenas uma forma legítima de ser cristão: Se, para atingir seu objetivo, você precisar se passar por um. A liberdade não é escolher o que se deseja, mas encontra o ponto mais alto que pode alcançar em qualquer Homem na possibilidade de se viver inteiramente para seus desejos, usando os ideais segundo conveniência.

Não há ninguém mais triste do que aquele que vive dilacerado e sufocado pelas próprias construções de mundo, sonhando não desejar, tendo que satisfazer seus desejos à custa de outros. Um Homem santo é um Homem atormentado, não pelo seu desejo sexual, mas por ter que submetê-lo ao desejo por permanência. Ao invés de perceber que a permanência na natureza lhe traz muito mais tranquilidade para desejar, imagina Deuses e impedimentos metafísicos que lhe rasgam em dois, lhe transformam num campo de batalha impiedoso e sanguinário.

A harmonia interna é a consequência do entendimento da existência como se é. Não é possível encontrar verdadeira paz quando escondido por traz dos véus santos, divinos ou racionais, quando se deve ficar atento a qualquer passo dos desejos,

quando obriga-se a desconfiar dos seus sentimentos e a colocá-lhes barreiras, quando se nega sua natureza, mesmo que de forma a afirmá-la. Como a liberdade é condicionada a raridade de uma certa seqüência de vivências, podemos esperar que a maioria das pessoas continuem vivendo suas vidas como tem que viver, na mesma previsibilidade a que foram condenadas, sem perceber o que se passa no íntimo do seu ser, rendidas pelas suas idealidades.

Esta perspectiva nos dá a chance de desenvolvermos a construção de um novo ideal, ajustado ao ser, este que será o baluarte dos oprimidos, o guia de sobrevivência dos que tentaram em vão lutar por mundos que nunca existiram e que, já a tempo, gritam inconscientemente para saírem daquela estufa onde se encontram, a chave para a destruição dos poderosos, pois entrega o ouro aos heróis, o que os dominantes já sabem é o que precisamos aprender: agir a todo custo, desejar sem barreiras, a ética da conveniência.

## *6.2 Um ideal a se buscar.*

Honestamente, eu gostaria de aparecer aqui escrevendo mensagens otimistas e acalentadores daqueles corações mais problemáticos, imaginando fórmulas milagrosas que lhes convencessem de como é importante que todos nós façamos o bem e o justo segundo nosso conceito, mas se sou obrigado a dizer o contrário, faço pela percepção que felicidade e bondade ou justiça não jogam no mesmo time, não estão do mesmo lado.

Acredito que já ficou suficientemente mostrado como nosso senso de moralidade está subordinado a nossos interesses e que, portanto, tudo o que valoramos é apenas um teatro para caracterizar um mundo que, em si, não apresenta qualquer destas características. Não obstante, mesmo esta mentira para mim não seria motivo suficiente para subverter os valores se estes se mostrassem, como máscaras, meios eficientes para levar as pessoas a felicidade. Ou seja, se as pessoas fossem felizes mesmo colocando a vida pelo bem e pela justiça e mesmo que esses conceitos em si fossem meras representações, o que de fato são, para mim o simples fato de ser uma mentira não nos permitiria desautorizarmos a legitimidade da mentira, porque

poderia haver uma chance de que viver uma ilusão é melhor do que viver a verdade.

Porém não é o caso. Viver uma vida dedicada aos conceitos de bom e justo que vigoram na nossa sociedade, sem entrar no mérito de serem verdadeiros ou não como partes da natureza humana, não é uma boa forma de organizar nossos desejos, de escolher viver. O indivíduo que escolhe estas opções descobrirá rapidamente as pancadas que a vida insiste em dar naqueles que fazem tudo “corretamente”, naqueles que “respeitam os outros”, naqueles que seguem estes tipos de conduta. Tenho a plena convicção de que as pessoas só agem segundo estes preceitos, diríamos, “éticos”, porque sua trajetória de vida lhes impôs este destino cruel, o de não conseguir se harmonizar ao mundo, o de não enxergar, para prejuízo próprio, a maldade das outras pessoas, o de não perceberem quão salutar é aprender a mexer com a vingança, o medo, a repressão, o ódio, coisas dos homens, o de insistirem em construir um universo paradisíaco para si, uma rede para descansar e dormir tranquilamente. Para estes a única opção é se refugiar em mundos que de fato não existem, mergulhando em sua interioridade e escondendo-se da crueldade da realidade. E porem assim deixam de aproveitar as benesses que o baixo

ventre pode lhes proporcionar, deixam que os outros tomem seus lugares e lhes façam de escravos, pois sua cidade de Deus só existe para eles, neles, enquanto precisar existir.

Por isto venho desenhar este novo ideal, o qual já dei várias pinceladas durante os escritos anteriores, para colocar todos a par das regras do jogo e permitir que pelo menos os mais ávidos por respostas estúpidas estejam habilitados a se insurgir contra esta pseudo caridade que envolveu o mundo e que fez seus refêns. As preocupações sociais que todos fingem – alguns muito bem – ter são substituídas pela vida aproveitada com todas as vantagens que pode proporcionar. Nesta luta a que chamamos de existência nada mais certo do que botar os pingos nos lugares certos e lançarmos as cartas na mesa, sem medo de errar.

É certo que os ideais são modos pelos quais satisfazemos nossos desejos. É certo também que nossa liberdade reside no fato de termos algum controle, bem restrito e muitas vezes improvável, sobre aquilo a que em nós chamamos de cultura, isto é, nossas construções de mundo, nosso ideais. Se o ideal a que buscamos deve ser o mais próximo da natureza interesseira que é a nossa, é certo afirmar que quanto mais anti-natural for o ideal mais difícil se torna a satisfação dos desejos do corpo. Mas

se ele é um modo de manifestação destes, como pode ser anti-natural?

Como disse os desejos não convivem harmonicamente, mas travam uma batalha feroz dentro de nós. A cada episódio da vida, a cada afeto que nos atinge, nosso corpo clama por suas respostas que nem sempre são as mesmas. O ideal que criamos define em muito quais desejos irão aflorar mais e quais deverão ser escondidos. Estes últimos só podem sair de cena se sobrepujados por pulsões mais poderosas, mas eles não morrem, ficam latentes, folhas secas a espera de uma fagulha, por vezes incomodando muito em nosso interior. O exemplo do padre é sintomático de alguém que cria um ideal tão rigoroso quanto é sua necessidade corporal de não se entregar ao sexo em nome de outros impulsos.

Pois bem, admitir um ideal que exija a permanência, a eternidade da sua sobrevivência, a atemporalidade, como uma vida inteira em nome de Deus, ou uma existência inteira entregue a seu país, a mercê de tantas outras alegrias que são deixadas de lado apenas pelo medo de experimentar a “carne”, são o que chamo de ideais anti-naturais. A rigor nenhum ideal é contra a natureza, mas percebam que estes são os que mais a desafiam, porque subordinam o tempo e a mudança a um apetite

feroz em nome de estabilidade e segurança. Viver esta espécie de ideal é contemplar um impulso em nome de muitos outros. Não há chance de felicidade quando se abre mão da vida desta forma. Quanto mais flexíveis forem os ideais maior é a chance de felicidade, e é isto que perseguimos, flexibilidade, o Homem gelatina. Porque nos entregar durante a vida a um único ideal quando podemos ter todos em diferentes instantes e assim atingir nossos interesses de uma forma bem mais abrangente? Continuemos.

É possível viver sem ideais? Este me parece um grande problema. Porque quando admito que todos eles são perecíveis e percebo que a única permanência possível reside na natureza humana, poderíamos perguntar se o melhor não seria viver uma vida pela verdade, pelo desejo, pelas pulsões puras e simples, sem máscaras ou vestimentas. Imagine o sujeito que só diz o que pensa, do modo como pensa, sem se preocupar com a aceitação das pessoas. Se somos interesses, porque não falar só em interesses e deixar o resto de lado, as sombras e pó? Convido todos à reflexão. Imaginem a suas vidas se resolvêssemos falar o que estamos sentindo cruamente a todos. Haveria esta atitude de beneficiar o coletivo? Analisaremos no próximo tópico, mas se



esta é uma ética que busca sobretudo a felicidade, e não qualquer altruísmo pelo altruísmo, seria este indivíduo feliz?

Uma vida completamente sincera com os outros em relação aos seus interesses só pode provocar uma coisa: isolamento. As pessoas mais honestas neste sentido são aquelas que mais portas fecham dada sua rigidez, pois em muitas oportunidades o que os outros querem não é a verdade, mas a mentira. E então, mentiremos? Para nosso bem, claro que sim. Aquele que busca a felicidade deve entender e se adequar a seguinte realidade: Nem todos, ou quase ninguém, suporta a violenta sinceridade visceral da vida nua. Tal qual um cilindro de oxigênio o qual são incapazes de retirar, alguns se escondem por trás do que acreditam ser o certo e criam trincheiras tão intransponíveis que o melhor é saber usá-las a seu favor, ao invés de tentar atravessá-la correndo o risco de se machucar no arame farpado.

É necessário, para fazer triunfar dos nossos interesses, maquiarm-nos por ideais alegradores para a grande maioria, já que esta é incapaz de aceitar a verdade. Pois por mais que as pessoas nutram interesses sórdidos e maléficis ao coletivo, é sempre conveniente blindá-los e pintá-los com um verniz de bondade, de ação desinteressada, de altruísmo ou até solidariedade. O

ideal utilizado deve ser aquele que mais te sirva a esconder o melhor possível o que você realmente quer, tentando dar a ti a melhor imagem possível perante os outros. A capacidade de criar uma identidade aceita pela maioria esmagadora das pessoas – e pelas pessoas certas - é incrivelmente efetiva rumo a felicidade. Não precisamos ficar preocupados com opiniões alheias, porque mesmo notando que muitas vezes todos percebem nossa atuação digna dos melhores atores da cidade, no final das contas todos aceitarão a farsa com naturalidade, já que sabem que, no fundo, sempre farão o mesmo nas oportunidades que tiverem. A melhor forma de viver diante de uma sociedade hipócrita é devolvendo a hipocrisia, incorporando-a.

O importante é perceber que a vida sincera corre um grande risco de ser triste, visto que te deixa distante de todas aquelas pessoas que poderiam eventualmente contemplar seus interesses e que não vão fazê-lo porque são medíocres para perceber que somos o que somos. Se inevitavelmente agimos de acordo com os nossos interesses, não é conveniente, por sabermos disto, que abramos o jogo expondo esta verdade, pois é melhor que as outras pessoas continuem acreditando que fazemos o que fazemos desinteressadamente, em nome de Deuses, pela pátria, ou por qualquer outra criação estúpida

destas, mas que enganam a maioria. Finja! Atue! O político que quer alcançar seu objetivo, riqueza e poder, só pode, para isto, fingir que defende os interesses públicos, o bem comum, o estado de direito, etc... O professor entra na sala de aula, se esforça, prepara as atividades, se doa inteiramente, pelo que? Reconhecimento, aplausos, elogios, troféus sociais. Fale isto em uma reunião pedagógica e estará acabada sua boa aula. O melhor é dizer que estava lá pelo futuro dos educandos, pelo bem da educação pública, pela sorte da nação, enfim! Quanto mais abstrato melhor, porque mais distância dará e maior será sua pseudo-capacidade de pensar no próximo. O que irrita as pessoas no mundo das empresas é que ele é absolutamente sincero quanto seus objetivos. “O que queremos é o lucro!” Não obstante toda a imagem que se cria falando em proteção ao meio ambiente, sustentabilidade e tantas babaquices, ainda conseguem ser muito mais honestas do que as escolas.

Então, você indivíduo que reflete sobre minhas propostas pode até se perceber como ser desejante, pode até pensar em chutar os ideais para longe e viver sem máscaras, mas pense bem. A sociedade não encara com bons olhos a honestidade. Minta! Esteja preparado para embarcar nas fantasias das pessoas, mesmo tendo clareza da grande tolice que representam.

Você perceberá como somos patéticos quando estiver absurdamente claro que alguém age por interesse e, no entanto, as pessoas precisam acreditar em véus tão transparentes que mal conseguem esconder a verdade, como crianças com medo do bicho papão. Com certeza você já viveu algo assim, acontece a todo o momento. O banco que oferece créditos abundantes para a compra de automóveis e coloca uma placa em sua agência dizendo que protege a mata atlântica, o parlamentar que se diz representante do povo, embora ninguém coma e se vista como ele, a escola que estampa com orgulho seus valores humanos, mas que de fato só pensa na mensalidade que os alunos pagarão no fim do mês, o jornalista que se auto-intitula porta-voz da população, mas só repercute o que lhe convêm... perceba, está a sua volta, este somos nós. Ao invés de tentarmos desmascarar todos estes atores dando uma de super-heróis como se estivéssemos acima do bem e do mal, que tal aprendermos que a sociedade tem suas hipocrisias e que nem sempre é bom para nossos interesses sair peitando a todos em nome de um senso de justiça pessoal? Pois poderia até ser melhor para a sociedade que existam pessoas que façam isto, mas saiba que para quem assumir este encargo, as retaliações serão ferozes, de modo que não precisa ser você a assumir a imagem de salvador do mundo

sempre, mas tão somente enquanto lhe for útil aparecer desta forma.

Uma das mais úteis percepções é aquela que admite a mentira como uma aliada para se conseguir o que deseja. Mentir não é crime, mentir é a regra, todos mentem. Mentir é uma arte que quando dominada com maestria se torna um belo e confortante som aos ouvidos mais rudes. Saber até onde usar este artifício é o segredo, porque existe uma linha tênue entre mentir e ser um mentiroso. Ser mentiroso é ser flagrado na mentira e, de forma tão explícita, isto só pode enfraquecer suas relações interesseiras. O melhor é que a mentira permaneça no máximo no nível da desconfiança, onde não pode ser provada e assim não exista, mesmo que esteja tão óbvia. O ideal é criar uma identidade benta, onde todos nutram tal respeito a ti que não ousem te classificar, mesmo que tudo o que você faça seja mentir.

A mentira e a verdade devem ser consideradas como meras conveniências exigidas em momentos diferentes, com pessoas diferentes, porque ao mesmo tempo que há aquela que entende a realidade desejante do Homem, a maioria ainda prefere se alimentar do falso transformando-o em realidade. Haja a sua imagem e semelhança. Para que conscientizar se

você pode se aproveitar destas fraquezas? Fale a verdade quando interessar, e quando não interessar, minta. Jogue o jogo. O que não pode acontecer é você deixar de jogar simplesmente porque as regras não te agradam, porque te ensinaram que a realidade deveria ser diferente. Deveria mas não é. Tu não deves viver partindo dos seus sonhos, e sim da realidade que aparece diante de teus olhos. Ensinaram-te que o mundo deveria ser um mar de rosas, mas esqueceram de te contar que esta percepção morava mais na cabeça daquelas pessoas do que no mundo real. O mundo real não é como deveria ser, ele é como é, como sempre foi. Então o que vai fazer? Correr ou jogar?

Assim, qual o ideal devemos buscar? Qual o ideal do Homem interesseiro? Não poderia ser outro: Seja um ator. Se reconheça como parte deste enorme teatro da vida. O que faz um ator? Atua. Então atue! O ideal, o caminho para a felicidade, é a disposição para vestir-se com diferentes roupas e pintar-se com diferentes tintas. Se faça sempre novo Homem. O Homem do presente é aquele que está disposto a deixar-se levar pelas imaginações coletivas. O único ideal possível para viver bem é aquele que não se prende a qualquer construção de mundo, mas que está aberto a todas elas. É aquele que luta com todas as armas escolhendo a mais apropriada para cada momento. Está é

a moral da conveniência: a maneira mais garantida de se alcançar as alegrias que só nossa sociedade banal pode proporcionar.

Este é o ideal do Homem interesseiro, daquele que não vive no cosmos, nem na cidade de Deus, nem na terra dos seres racionais, mas no mundo inédito a cada instante e que, por isto mesmo, exige um novo Homem a todo momento, pois cada afeto que nos atinge modifica em nós a força de nossos desejos, mudam as direções dos vetores que em nós nos definem como uma tempestade de pulsões incontroláveis, e a solução para isto é somente estar disposto a jogar este jogo, a ser homens de carne e osso. Ao invés de lutar e se revoltar contra o Homem ou se isolar e enojar da nossa natureza, viver como nos é exigido, abraçar a conveniências.

Pois é assim que fazemos com que da melhor forma possível nossos interesses sejam contemplados, abrindo-se totalmente a eles, não colocando nenhuma santidade em seu caminho, buscando-os com todas as nossas forças. E se para isto precisarmos acreditar nos ideais que os outros acreditam, pois que seja, não nos revoltaremos contra seus amigos imaginários. O mundo é daqueles que jogam a moralidade no ralo quando ela se torna um empecilho e a usam em absoluta harmonia com o

que somos. Quanto mais percebemos que todos estão no mesmo barco e que não há santos e demônios mais claro ficará que a chance para ser feliz vem da habilidade de nos abraçarmos como egoístas.

Viver como filho de Deus, viver como uma peça do cosmos, viver como um patriota, viver para salvar as crianças que passam fome na Etiópia, viver como seres racionais, viver para eliminar o analfabetismo... veja quantos personagens podemos ser. Porque não constatarmos a possibilidade de mudar de cara todos os dias de acordo com nosso interesse ao invés de nos limitarmos a um só deles? A moral da conveniência é esta. Já que o bem e o mal é uma questão de conveniência, por que tentar transcendê-lo? Porque quando me assumo como Homem bom, honesto e verdadeiro, perco a chance de ser mal, desonesto e mentiroso, e quantas alegrias a sociedade não oferece àqueles que deixarem este outro lado da moeda aflorar.

Não leiam como se não soubessem do que estou falando, como se vivessem no Éden. Eu disse, não tenho qualquer preocupação social, estes meus tempos já passaram. Para a felicidade, a única coisa que importa é fazer o que tiver que ser feito. Não me venha aqui com princípios cínicos me dizendo que eu tenho que ser democrata, lutar pela igualdade, amar o



próximo ou qualquer tolice destas porque já percebi do que isto se trata. Se trata de me ter sob controle enquanto você continua fazendo o que quer fazer. Todos estes discursos são criados para manter a maioria preocupada enquanto uma centena de cretinos continuam fazendo o que sempre fizeram. Todos no final das contas só estão preocupados com o próprio prazer. Podemos esconder isto atrás de quantas cortinas quiserem, não me enganarão. Eu não tenho a obrigação de viver como vocês acham que eu tenho que viver enquanto todos os outros continuam enriquecendo. O pobre professor não é obrigado a ficar lutando na sala de aula enquanto os ricos empresários se divertem com seus carros importados. O pobre policial ou médico não tem a obrigação de lutar pela vida enquanto outros patrocina massacres em massa para manter o poder. Esta roupa que você fez para me vestir já não me serve mais. Agora quero o mesmo que vocês. O ideal sagrado é este, a política do agir interesseiro, a conciliação com nossa real natureza, o resgate daqueles que se esforçam.

A redescoberta mais famosa da humanidade, o que realmente somos. Por traz na poeira levantada por Platão e outros, por traz dos cínicos por métodos, procuradores de verdades em mundos que eles mesmos patrocina, achamos o

que só poderia existir, a verdade do corpo, o Homem interesseiro. Em cima disto, nosso ideal é este. Faça o que lhe convir, use os ideais que melhor se ajustarem as situações de vida para tirar proveito das pessoas pelo seu caminho. Não se preocupe, elas fazem o mesmo desde sempre. Seja crente quando te convir, cientista quando te convir, mas aceite sua natureza, e não rejeite os ideais que a humanidade lhe deu, pois até eles são úteis para persuadir os outros visando mostrar que os seus objetivos são legítimos. Viva pelos seus impulsos, e somente isto. Não deixe que ninguém ponha na tua cabeça que você deve lutar pelo meio ambiente ou combater a burguesia: é só mais uma tentativa de dominação. Ao invés disso, perceba que o verdadeiro ideal é não ter um ideal fixo, porque desta forma se tem todos, sempre quando interessar.

E porque tudo isto? Porque esta é a melhor maneira de se conseguir o que quer. Se é isto o que todos querem, qual é o problema? Quando admito que estou aberto a todos os ideais, me abro a todos que acreditam nestes ideais, me mantenho conectado ao maior número possível, não excluo ninguém, e com um maior número de laços sociais, tenho grande chance de ter o que desejo correspondido. E se a sociedade será prejudicada com isto, então que se exploda a sociedade, porque ninguém

ainda me convenceu que eu tenho que me importar com ela quando esta tão claro, no interior do nosso ser, que ninguém cumpre este papel, que todos correm para o lado que lhes convém. Todos no fundo sabem que é isto que se faz quando se procura ser feliz. Cada um procura o seu e quando me importo com o outro é apenas enquanto instrumento para me apetecer, enquanto me apetecer. A sociedade é um encontro de conveniências.

Vamos abraçar com força a ética da hipocrisia. Vamos respirar os ares da ignorância. Vamos atuar como heróis e santos. Vamos nos transformar em Deuses terrenos. Que tal sermos criaturas de Deus para os pastores e homens de espírito público enquanto políticos? Vamos abraçar nossa incrível capacidade de mentir infinitamente com um microfone na mão, na televisão, nas rádios, nos jornais. Vamos fingir que damos aulas para nossos alunos, ou que salvamos pacientes por suas famílias. Vamos fingir que não precisamos de aplausos, apenas para nos aplaudirem mais. Façamos tudo isto, sejamos atores, este é nosso ideal. O teatro esta montado. Só são felizes aqueles que tem coragem de se soltar das amarras e ir a frente da multidão, mesmo que possam ser vaiados. Sejamos assim, numa vida só, um constante vir a ser... consciente.

### *6.3 Devaneios sobre a convivência a partir do Homem interesseiro.*

A primeira pergunta que poderia motivar o corajoso leitor deste livro – corajoso, sim, pois chegou até aqui vivo – seria esta: Se a ética da hipocrisia tem como regra de vida o bem pessoal, o que importa ao autor deste livro o coletivo, o convívio? Primeiro acredito que já no tópico anterior ficou-se claro que nosso problema não é outro, tal seja, como viver sem sentir que deve algo a alguém, sem se obrigar a salvar o mundo, sem imaginar que tem missões transcendentais, como encarar sua vida na sua vida para sua vida e pela sua vida. Acredito que é óbvio que para a felicidade é necessário um quase total jogo de cintura diante do teatro a que chamamos vida afim de poder nos permitir desejar e viver todos os desejos que um Homem pode querer ter e, se é assim, ainda mais importante é uma reflexão sobre a nossa relação com o mundo, na medida que nós somos obrigados a nos relacionar com ele, com suas instituições, com suas relações de poder, com seus “outros”. Sobre isto, parte do que me passa pela cabeça já expus no tópico anterior e aqui me limito a algumas considerações complementares que tenho como relevantes e que me importam falar a partir deste momento. Não obstante, este tema é por demais complexo e não

me permito, porque não posso, encerrar o assunto da convivência aqui, mas simplesmente dar algumas pinceladas.

Alguns poderiam me perguntar o porquê de tais preocupações? Bem senhores, serei franco. Não dou a mínima para qualquer preocupação altruísta. De fato se você estará feliz ou não com o que direi, para ser sincero não me importa. Falo isto em nome dos meus interesses, das minhas opiniões, das minhas pulsões. Primeiro porque acho estes temas consagradores. Segundo porque sendo o oprimido quero mais é que a coisa toda se exploda, pois sei que não serei o maior prejudicado. Aqueles que pouco tem, pouco podem perder. Sua sorte é ter alguém que em seu próprio livro se desnuda de maneira quase mortal - mas que ele espera que se reverta a seu favor - e que por isto você possa ter sua leitura facilitada. Passo a tocar em alguns temas que a mim me amarram a garganta e que vejo nestes escritos um lugar ideal para abordá-los.

## **I - A luta pelo conceito de bom e mal.**

Caminhando pela compreensão do Homem interesseiro e do ideal da conveniência tecido acima, podemos cunhar uma atitude de vivência no mundo: Sobreviva. Quando percebemos que no final das contas todos preservam seus próprios apetites, podemos dividir grosseiramente a humanidade em duas classes de pessoas: existem aqueles que insistem em vestir capas super-heróicas e desejam profundamente salvar o mundo, não pelo mundo em si, e sim pelos aplausos que receberiam pelos seus esforços, não conseguindo olhar-se no espelho sem se envergonhar, precisando de uma máscara inibidora da vida para viver; e aqueles que estão aprendendo a viver pelo corpo e que perceberam que a melhor maneira de existir é abraçando sua natureza, assumindo o que são, tendo orgulho do homem humano.

Aquele primeiro grupo cultivador dos perfumes, diriam eles próprios, “nobres”, esconde as lágrimas de uma existência foragida enquanto correm atrás desta “virtuosa” missão pela humanidade e perdem oportunidades incríveis de viver sensações que só poderiam ser vivenciadas sem escrúpulos e preocupações sociais fictícias. Do mesmo modo o Homem que

diz viver para encontrar a verdade ideal, a idéia perfeita, Deus, etc... fugindo do mundo da vida deixa de experimentar tudo o que as tentações da carne poderiam lhe oferecer, negando sua vida em nome de algo que lhe contaram que existe, mas que ver mesmo, ninguém viu. O que nos importa é enxergarmos que tudo isto diminui a possibilidade de sobrevivência destes atores podando sua chance de felicidade em nome de um modo de agir que engoliram como o certo, e que lhes enfraqueceu na briga pela vida.

Para aqueles que procuram uma conciliação com a natureza o premio é a descoberta do real papel de toda a moralidade, de todo conceito e bom e ruim, de tudo aquilo que alguns usam para persuadir outros. Se agora não podemos mais esconder nossos desejos com transcendências místicas, fica evidente que quem define estes conceitos são os homens, mas não qualquer um. E como ninguém faz nada “por fazer”, como há sempre um interesse, diriam alguns, mesquinho, por trás de tudo, o que se quer quando se tenta esticar o seu entendimento moral para os outros? O poder, os escravos?

A luta que se da no campo social entre os homens pode bem ser resumida na tentativa individual de impor o que é o bom e o que é o mal, como busca de poder sobre os outros. Os

atores sociais lutam dentro de seus campos e entre os campos pelo direito de dizer ao resto da sociedade o que é certo e o que é errado. Há uma batalha em torno das definições conceituais, em torno dos nomes e de seus significados, com o objetivo final de fortalecer o meu poder através da submissão dos outros a minhas ideias. Ou seja, como se não bastasse sermos individualistas e só nos preocuparmos com nossos interesses, alguns destes exigem dos outros algumas atitudes que nem sempre eles estão dispostos a fazer. Portanto, como estratégia para que as pessoas me satisfaçam fazendo o que eu quero, todos lançamos, “no mercado”, conceitos morais para tentar controlar o outro e submetê-lo a minha vontade. Como há uma relação de poder absurdamente desproporcional na sociedade, quem manda diz o que é o bom e impõe isto com seus instrumentos – a mídia, a educação e a política, por exemplo – ao resto das pessoas que são forçadas a obedecer e são convencidas da certeza desta definição. Tudo aquilo que é bom ou mal o é apenas por uma referência: meus interesses particulares; todo juízo de valor é individual e qualquer tentativa de estabelecer uma coletividade neste sentido é, no fundo, um desejo de controle e poder.



O próximo passo é agir de forma a esconder a relação de força que exerço sobre o coletivo, procurando maquiar a realidade de tal forma a fazer com que os dominados enxerguem o mundo como necessário, imutável, irreversível. Todos falarão muitas coisas: Dirão que se importam com os outros, com o meio ambiente, com as árvores, com os animais em extinção, com a miséria do nordeste, com o bem comum, a democracia, o estado de direito, a desigualdade social, etc, mas a única coisa que ninguém falará é tudo o que importa: A relação de força. “Mudem o que precisar ser mudado, mas não diminuam o meu poder sobre os outros!” É ela, a relação de poder, o modo de convivência primário, essencial, entre os humanos em sociedade. Ela será preservada a qualquer custo, porque a absoluta verdade é essa: Ninguém abre mão do poder que conquistou em nome de outros. Os únicos que falam em distribuir o poder são aqueles que não o tem. E quando tiverem também não irão distribuí-lo, inventando qualquer desculpa para se justificar. Quem tem poder não larga o osso.

A essência do homem é a concentração de poder, e não o inverso. O jurista dirá que o problema da segurança se resolve com mais leis; o policial fala em reforçar a polícia; o professor luta pela melhora da escola; o padre prega a religião como

salvação da humanidade; e no fundo todos estão puxando a sardinha para seu lado tentando angariar admiradores que lhes proporcionem prestígio e força. Nada tem haver com procurar resolver os problemas, melhorar a vida dos outros. Os problemas são da maior utilidade, porque funcionam como objeto de luta entre os agentes. Graças a Deus que existe miséria, dirá o religioso, caso contrário, em quem eu exercitaria minha caridade? O que importa mesmo é que a minha vontade prevaleça sobre os demais, ou seja, que a mim seja outorgado pela maioria a licença para definir os conceitos e fazer novas regras.

Assim constatamos que o mundo contemporâneo está recheado de pessoas que vivem para dizer às outras como elas devem existir no mundo, definindo antecipadamente os valores aceitáveis e depois tentando vendê-los para o coletivo. Por todos os lados te dizem o que vestir, o que comer, o que usar, o que beber e a única coisa que não é apreciada é o conceito moral do fraco, do explorado, escondido por trás do impulso de domínio do forte que planta desde criança como valor no coração dos escravos o ódio à vingança, o “oferecer a outra face”, o amor ao próximo, a moral da humildade, a crítica ao individualismo, além da divinização destas instituições nefastas que patrocinam

seu poder, dentre as quais a democracia e a escola funcionando tão perfeitamente para o real propósito a que foram criadas: manter o poder com quem tem poder.

Dada a força deste discurso muito cedo a maioria já o incorpora como se fosse criação sua e tem a impressão de haver um valor universal e mundano independente do ser humano. O objetivo real é esse: convencer os dominados de que a ordem estabelecida sempre foi esta, “eu sempre governei e você sempre foi governado, o mundo é inexoravelmente este, não a porque reclamar”. Se puder atrelar esta fala à religião então, ficará poderosíssimo: É assim por vontade divina! Vocês, leitores, duvidam desta realidade? Acha que esta reflexão está ultrapassada? Acham que isso não acontece mais? Isso é o que mais acontece. Há um processo de divinização sobre tudo aquilo que interessa manter sem mudanças. Vejam a democracia, divisão de poderes, contrapesos, enfim. De repente tudo isto se estabeleceu como se fosse uma verdade absoluta, como se tivesse caído dos céus direto das mãos de Deus. Ninguém discute se suas premissas estão certas ou não, todos parecem plenamente convencidos. Eu tenho pra mim que quando todos aplaudem há alguma coisa errada. E no século XXI, Ainda é muito eficiente a tática de dar um tom de divino às minhas

realizações e instituições, já que os homens ainda hoje engolem com muita facilidade esta desculpa.

O que há é uma dominação coletiva em nome da satisfação em alta escala dos desejos de um grupo restrito de tiranos. Observada esta correlação de forças, o que muitas pessoas fazem é criar um mundo extraterreno e fingir-se vestido por um ideal anti-corporal, negador dos desejos, para esconder o fato de que a alguém colocou as mãos sobre elas para lhes escravizar. O que muitos fazem é, quando percebem que vão perder, preferem escapar para mundos imaginários e alegres desenvolvidos por elas a encarar o fato de que são fracos e covardes para jogar. Não é surpreendente que muita gente acredite em Deus: Como a minha situação aqui na terra está ruim, como não tenho qualquer perspectiva e força de fazer valer o que eu quero nesta sociedade, como não confio em mim e não estou disposto a correr atrás de uma melhor posição social, o outro mundo me traz a possibilidade metafísica, espiritual, de me vingar daqueles que me atacam, de mandar para o inferno todos os que me escravizam, de fazer valer uma justiça divina que nada mais é do que a minha justiça.

Os conceitos de bem e mal universal, deus e diabo, herói e vilão, são criações das sociedades humanas. O que existe é

uma batalha entre os agentes interesseiros pelas definições dos critérios para uma boa vida, a moral como regra criada pelo dominante para próprio benefício, para assegurar seu predomínio. Nutricionistas dizem que a boa vida é a vida saudável: claro, antes eles já definiram o que é ser saudável, então o próximo passo é lhe vender a “saúde”. Os médicos definem as doenças, e depois nos vendem as curas. Um outro vende carros: para ele a vida boa é com o carro do ano. As marcas adoram atrelar a felicidade ao consumo de seus produtos. Mas isso não é um fenômeno só do capitalismo, sempre foi assim. Os conceitos sempre foram objetos de disputa entre aqueles que postulam o domínio.

Viver bem tem muito haver com saber reconhecer e entender qual posição você ocupa neste jogo e, principalmente, sentir qual é o momento certo de se posicionar e qual o momento de se esconder, de deixar o interlocutor acreditar que está certo, seja porque ocupa um lugar de poder onde uma opinião sua te prejudicaria, seja porque é tão desprezível que não vale nem a energia que você gastaria para persuadi-lo.

## **II - Odiosa Democracia.**

De neblina em neblina os tiranos convencem a maioria da legitimidade dos seus atos, tecendo, como um aracnídeo ardiloso, ideais que blindam seus interesses, suas pulsões. A neblina em alta hoje é a democracia, nova estúpida forma de dominação a que devemos aos modernos racionais e livres. O seu único mérito como modelo de governo é o de saber como nenhum outro esconder quem manda de fato nas sociedades, criando uma cortina feita de sonhos e ilusões onde até as melhores mentes já se perderam, talvez embriagada pela superioridade da tal ação desinteressada.

A questão da democracia é simples. Se fossemos como os modernos nos pintaram, com vontade e tudo mais que a este ponto você já decorou, funcionaria maravilhosamente bem. Mas a questão é perceber que seu florescimento nas comunidades européias somente significou que outro grupo assumia o poder, em detrimento do anterior. De maneira nenhuma este modelo pode realizar os anseios a que se propõe de igualdade, fraternidade e liberdade, porque eles mesmos são a antítese do que o Homem tem como primordial. Fica claro mim que estas palavras tem um poder mais eficiente como fumaça do que

efetivo, já que na prática o que temos é o que sempre teremos: Alguns mandam, muitos outros obedecem.

A diferença principal que me faz repulsar este modelo com grande força é que quando éramos governados por monarcas sabíamos quem estava dando as ordens, quem estava comandando o jogo até certo ponto. Qualquer governo ditatorial mostra as caras. Sabíamos identificar com mais clareza quem eram os beneficiados do sistema e quem estava condenado a escravidão. Na democracia estes tiranos escondem-se por trás das sombras da impessoalidade, do estado, da burocracia, dos cargos públicos. Como antes, há agentes que dão as cartas a sua maneira, mas agora com muita dificuldade conseguimos enxergá-los.

Podemos perceber este viés sempre que o sistema como um todo é, por qualquer razão, ameaçado. Logo aparecerão os senhores feudais saídos das sombras e farão o possível, inclusive passando por cima dos tais preceitos democráticos, para reestabelecer o controle, um controle que é muito mais virtual, por assim dizer, do que espacial. A moda na democracia não é meter a borracha, é controlar consciências. Lapidar uma geração antes que esta ganhe maturidade é muito mais eficiente do que a força física.

Qual é o problema com tudo isto? O problema é perceber o nível de aceitação que os contemporâneos despendem a esta tal democracia. Será que não chegou o momento de começarmos varrer todo este entulho deixado pelos modernos como ideal de salvação do mundo? Ainda temos que acreditar neste ideal mentiroso da ação desinteressada, da bondade humana, da competência pensante, da vontade racional? Se é absurdo, porque permanecemos construindo um mundo a esta imagem e semelhança? Como podemos ainda culpar o Homem por esta parafernália toda não estar funcionando como achávamos que funcionaria?

Parece-me que o problema das instituições reside no fato delas dependerem para seu funcionamento de um Homem que nunca existiu. O Homem racional capaz de transcender seus impulsos egoístas em nome da sociedade e do bem público são ótimos contos de fadas e talvez nem as crianças mais acreditem nessa história. Porque nós, adultos, acreditaríamos? Porque o Homem só abre mão de algo por expectativa de interesse ou quando é coagido; porque um poderoso iria abrir mão do seu poder? A crença de que possamos eleger alguém que cuide dos nossos interesses é uma das maiores bobagens já feitas e demonstra suas falhas todos os dias. O político só é capaz de



representar a si mesmo e os mecanismos políticos não permitem um controle efetivo por parte dos cidadãos, de modo que o sistema representativo não só é uma aberração como também uma inutilidade. E isto falando apenas no plano do discurso, porque acho mais realista a hipótese da democracia ser a forma pela qual os poderosos continuam no poder, a máquina escravocrata por excelência, a maneira de fingir dar uma mão para salvar o braço. Enfim, temos que buscar adequar o sistema ao Homem interesseiro, e não o contrário.

Duas coisas me deixam extremamente aborrecido neste tema: primeiro a característica única de desresponsabilizar os atores políticos, escondidos por traz dos seus cargos e do próprio sistema. Esta herança moderna é nefasta. Parte-se do pressuposto que o Homem é capaz de uma ação desinteressada para se construir um sistema que depende de uma vontade que só existe na cabeça de alguns homens. E quando as coisas saem erradas, não há quem culpar, não há responsáveis, o sistema político torna os vilões invisíveis, pois sempre poder-se-á alegar problemas com a burocracia e o famoso conflito de funções tão característico deste modelo. O governador joga a culpa no presidente que joga a culpa no tribunal que joga a culpa no legislativo, a responsabilidade se dilui, todos, em pouco tempo,

esquecem-se, livram-se do problema, e todos continuam felizes com seus cargos. Em um governo monarca, por exemplo, se as coisas não acontecem todos já sabem quem é o culpado, o chefe maior, aquele que tem o poder para mexer em tudo. Em qualquer empresa uma das regras básicas de funcionamento é localizar a responsabilidade. No governo democrático ninguém é responsável por nada, porque ninguém tem interesse em cuidar de nada que não diga respeito ao que é seu e te importe. Por isto todo governo deste tipo tende a virar uma zona, pelo menos com questões que importam a plebe, pois basta um dos dominantes estar ameaçado para as responsabilidades surgirem ninguém sabe da onde e resolver o problema, usando a força, o poder econômico ou qualquer meio, chutando eventuais valores democráticos pro espaço.

A segunda característica de causar calafrios e que até certo ponto se associa com o ponto acima é a demora na tomada de decisões. É impressionante como o governo democrático tende a parecer mais com um elefante que anda com cautela em uma loja de cristais do que com um poder responsável por pela administração. A lentidão só é quebrada quando de alguma forma existe um interesse por parte dos atores sociais dominantes no processo que então, de forma ditatorial como só

poderiam ser, pressionam e fazem com que os tramites corram com velocidade, atropelando qualquer regra republicana no caminho e mostrando como é importante apreciarmos o sistema político na prática, e não tendo como referência um ideal sem correspondências com nossa humanidade.

É claro que eu sendo brasileiro não poderia deixar de lado o papel da mídia neste esquema todo. Se você quer vomitar e não consegue? Sugiro que ligue a televisão. Podridão, mal cheiro, náusea, é tudo que conseguirá destes sanguessugas microfonados. Todos que estão na grande mídia são ou cotiventes com a safadeza alheia, ou são eles próprios os safados. Muito pior que imaginavam os mágicos modernos, os meios de comunicação são verdadeiros bisturis nas mãos dos tiranos republicanos, nutrindo apenas um real interesse: manter o poder concentrado nas mãos de quem sempre esteve. De fato toda grande rede de televisão precisa de um bom lavatório para tirar o sangue das mãos de seus personagens.

Creio que algumas coisas tem que ser resgatadas. Não importa a forma política, o chefe de qualquer coisa deve ter responsabilidade. O poder não pode de maneira alguma ser dividido em três, principalmente quando estes se transformam em centenas de representantes. Um chefe deve chefiar, senão

não é chefe. E isto significa tomar decisões soberanamente em relação a qualquer outro poder e assumir as responsabilidades. Não digo que isto fará o líder decidir em nome do povo ou do bem comum, porque ele só pode falar pelos seus interesses. Mas pelo menos ficaria mais claro quais interesses devemos observar quando fossemos, por exemplo, votar. Se sei que o candidato não terá limitações institucionais, terá plenos poderes neste sentido, o número de desculpas que ele poderá usar diminuem consideravelmente, facilitando o controle e a fiscalização do que vem sendo executado. Isto só é possível quando entendemos o Homem como ser que deseja, e não como ser que pensa racionalmente, com vontade e capacidade de agir sem querer, em nome do público.

Não estou de forma alguma propondo uma volta a antigos modelos. Não precisamos de reis, precisamos do estado talhado ao Homem interesseiro. A primeiro passo seria entender que a divisão de poderes não tem sentido algum. Não podemos esperar organização de algo assim, e sim conflito de interesses que apenas beneficia aqueles que não precisam da ação direta do Estado.

### **III - O medo.**

Meus contemporâneos tem abraçado este lobo em pele de cordeiro com tanta força, como se desejassem muito que fosse verdade. Qual lobo? A idéia de que o Homem pode respeitar regras ou a outros homens por deliberação livre. Mais isto botaremos na conta daqueles idiotas de 1789: construíram um Homem que é capaz de conviver e de respeitar por ter uma capacidade transcendente de escolha sobre a vida, uma alma pensante que lhe permite agir contra os impulsos e não vai, por exemplo, sair matando todo mundo por ai. Eles construírem um ideal desse, vá lá... Cada um sobrevive da forma como acha mais conveniente; cada um inventa a poesia que mais lhe acalma o corpo. Agora nós hoje ainda acreditarmos nisto é o que me causa estranheza.

Os homens do meu tempo tem negligenciado em progressão geométrica o papel predominante dos desejos nas ações humanas, fazendo acreditar que os homens são, a assim dizer, a-históricos, capazes de, independente das condições materiais, socorrer-se na alma e decidir contrário a tudo o que o corpo sente. Precisamos perceber o papel decisivo dos interesses e impulsos nas nossas “escolhas” e entender que somos mais

animais do que deuses em miniatura. E talvez neste momento estaremos aptos a ver a importância que tem um dos mais fortes impulsos nas condutas humanas: o medo.

O medo não vem sendo aproveitado como merece. O medo foi posto de lado, mas os maiores derrotados somos nós que abrimos mão de uma parte de nosso ser em nome de uma moral de santidade falsa. O medo é uma das maiores armas que podemos ter para o bom funcionamento de um coletivo. Se o Homem faz o que faz por desejos, nossos desejos mais perversos não são segurados pela alma soberana, mas pelo medo, pela repressão física ou psíquica que a sociedade nos aflige. Quanto mais eliminamos espaços para o medo agir, mais tiramos as barreiras que outrora intimidavam os indivíduos. Ninguém respeita ninguém naturalmente. A regra natural não é o respeito e a bondade, é a indiferença e a violência. Se tolero você é apenas porque percebo que você pode ser útil aos meus interesses, ou, o que no final da no mesmo, por medo do coletivo me destruir.

Quando não há medo as pessoas são capazes de irem até o fim para conseguirem o que querem. O medo é o grande mecanismo que nos permite conviver harmonicamente, o grande fator organizador da sociedade. Por isto não consigo digerir este

ideal coroinha que tomou conta do nosso mundo, como se todos fossemos sublimes, como se não escondêssemos dentro de nós os apetites mais nefastos, não os colocando em prática por medo da repercussão social negativa e da conseqüente perda da capacidade de usar os outros para contemplar nossos interesses.

Vejo por exemplo está onda moderna passar aos pés daqueles que se dizem educadores. A educação foi tomada por um pseudo bom mocismo hipócrita que não me engana. Para não ter que encarar a realidade dura a que submetemos as crianças nas escolas brasileiras, para preservar nossos cargos, postos, empregos e nossa saúde mental, para não nos percebermos como atores covardes neste jogo, inventamos que os alunos são capazes de transcender a todas as realidades desfavoráveis e corresponder aos nossos anseios em sala de aula independente do que lhes aconteça. Os governos e a energia de intelectuais da calúnia, muitos pedagogos e psicólogos “de cristo” que se esforçam muito para esconder seus naturais interesses por poder, fama e dinheiro, atualmente tiram toda a possibilidade de punição das escolas, de atuação do medo, e depois ficam surpresos ao perceber que os alunos não respeitam as regras, não obedecem aos professores, não seguem orientações, não se dispõem ao ensino. Mas é claro que não

respeitam, porque respeitariam? Se lhes é tirado o freio coercitivo, porque haveriam de respeitarem se não nasceram prontos, se precisam aprender os limites toleráveis ou não? Este é um belo exemplo de como a não compreensão do Homem interesseiro trás prejuízos absurdos à sociedade. Mas é claro que a questão aqui não é ignorância, mas sim interesse. No fundo o que se quer é a desordem da escola da plebe, para que o jogo continue com os mesmos jogadores nas mesmas posições de controle. E enfim, alguns nem se dão conta que estão no meio do tiroteio.



#### **IV – Meritocracia.**

A filosofia moderna da ação desinteressada levanta uma poeira que trata com enorme descrédito qualquer ação voltada a um prêmio, a um fim dito interesseiro, como se houvesse qualquer outro que assim não fosse. Para ela não basta agir bem, mas é preciso fazer crer aos olhares alheios que a ação foi fruto de uma refutação dos desejos em nome de um sacrifício transcendente. O agir digno de aplausos é aquele que não traz qualquer vantagem a seu ator, ou seja, o bem feito unicamente pelo bem, o justo unicamente pelo justo. É evidente a este ponto o que está por traz desta forma de pensar. Podemos agir assim porque temos uma alma racional que é capaz de ser justa e boa independente dos estímulos externos que o mundo determina ao corpo. Há, em nossa alma, as idéias perfeitas de justiça e bondade que nos permitem agir desta maneira. Toda moral moderna e cristã é no fundo uma consequência da filosofia de Platão.

A consequência deste erro de apreensão do Homem é desestimular as pessoas a agir e estimulá-las a se tornarem inoperantes. Não existem idéias perfeitas e imutáveis no mundo, mas apenas conceitos individuais de bem e mal, apenas nosso

egoísmo feroz. Assim as pessoas só agirão de determinado modo se forem compelidas a isto, pelo medo ou pela recompensa, ou seja, pela esperança de verem seus interesses contemplados e pelo temor deles serem esquecidos ou negligenciados. O cientista que não tiver confiança nos aplausos pelo seu trabalho não trabalha, o professor que não tiver o reconhecimento dos seus alunos não se entusiasma. E no final das contas, todos os que são bem remunerados ganham um estímulo maior para prosseguirem cumprindo suas funções, inclusive aquelas profissões classificadas como humanitárias para justificar os baixos honorários. Cultivar a meritocracia em todos os sentidos é alimentar a natureza humana com o que ela gosta de comer, o néctar da eternidade.

## **V – Política.**

De uma vez por todas vamos abandonar a ideia ingênua que temos da política e enxergá-la como de fato ela é: um microcosmo escancarado da vida cotidiana. As regras que regem a política são estas: conquiste e mantenha o poder. Para este fim, tudo é válido. E assim, já estamos prontos para perceber que esta norma não é específica do mundo político, ela é mesmo a matriz do comportamento humano. A política é, por assim dizer, apenas o fenômeno, a manifestação mais evidente que temos de como nossa natureza opera.

O que ofende na política é a terrível visão da verdade. A vida é uma troca de favores, barganhas, escolhas entre perdedores e vencedores, um jogo cruel em busca de submissão. O que no resto da sociedade é uma batalha velada, escondida, blindada por um escudo de mentiras e criações fantasiosas que usamos todos os dias para viver e nos relacionar, sonhos estúpidos sobre como a realidade deveria ser e que chamamos de ética, encontra na política a face mais escrachada da realidade, um terreno privilegiado de observação e estudo da natureza humana. É na política onde somos capazes de com mais facilidade conhecer o ser humano e ver que o que existe é

uma busca frenética por poder individual, buscando fazer minhas teses triunfarem.

É este o terreno onde só sobrevive o forte, aquele com estomago suficiente para abandonar seus sentimentalismos morais e mergulhar de cabeça no jogo. É lá onde reina a barganha: Você é importante na medida da sua influência. O que é a influência? É a medida de dependência que os outros atores políticos tem de você e se manifesta na sua capacidade de cobrar favores e de, por meio da chantagem, fazer as coisas acontecerem.

Porque boas ideias e bons discursos nunca conquistaram nada na política. Quem faz acontecer é quem mete a mão na lama e adere ao jogo. A regra se materializa em dois vetores: Faça de tal maneira a ganhar em independência com relação aos outros e, ao mesmo tempo, faça com que os outros jogadores sejam extremamente dependentes de ti. Esta é a equação de poder. Teu poder será tão alto quanto mais você for independente e mais os outros forem dependentes de ti.

Portanto nunca desperdice uma oportunidade de ter pessoas em sua mão. Elas só farão o que você deseja se te temerem. O medo é a norma do jogo. A política é uma selva. Trate de ser um leão nesta selva, assegure mecanismos para que

todos te temam, porque só daí vem o respeito, e só assim você terá a chance de fazer o que deseja. Não tenha pena ou receio de esmagar seus inimigos, mas seja cauteloso. Avalie o momento correto de tomar cada atitude.

Tenha consciência também que não é o povo que te sustenta no poder. Existem forças atuantes muito mais importantes e é com elas que deves se preocupar. O povo, quando muito, está aí para servir de massa de manobra, quando útil. Use-os a este fim quando julgar necessário, mas saiba que nenhum governo se sustenta no povo, até porque este sempre foi conduzido, ao invés de conduzir. É uma tolice achar que o povo governará. A maioria das pessoas não se importa, não querem se desgastar com a política. Tudo o que elas querem é ver seus problemas resolvidos, mas não estão dispostas a derramar sangue para isto. Todos os grandes movimentos da história foram conduzidos por líderes que nunca deram muitas satisfações aos seus seguidores, apoiando sua liderança muito mais no carisma, na emoção, na energia e convencimento do que em argumentos lógicos. Use isto, use a retórica. Oferecer aquilo que a massa quer ouvir é a grande marca do grande líder.

A política não tem como objeto o bem comum, não tem como finalidade construir uma sociedade mais justa e fraterna,

não é um lugar para corações moles e mentes otimistas. É um lugar sujo, feio, acre, e acima de tudo, humano. É o retrato mais fiel do nosso modo de vida. É a existência sem cortinas, sem a bruma que nos enfeitiça no dia a dia, que insiste em mostrar um mundo mais quente do que realmente é. A política é um espaço de luta, todos são seus inimigos em potencial, só existem aliados circunstanciais. É o lugar onde ninguém faz nada se não tiver algo a oferecer. É o lugar onde tudo tem um preço, e se você quer uma coisa, tem que comprar. Só é possível atuar neste terreno se você tiver moedas de troca. Quem tem coragem para disputar o jogo se habilite, mas esteja preparado.

## **VI - O outro como instrumento.**

Não é nenhum crime constatar que somos interesseiros. É mesmo necessário para vivermos de maneira mais ajustada ao que somos e evitar situações que possam comprometer nossa própria satisfação. Não há de que se envergonhar e cuspir na cama onde nascemos. Não temos qualquer consideração com o outro em si, mas apenas enquanto instrumento para nossa felicidade. Ele é sempre um trampolim para conseguirmos o que queremos e será valorado como bom quando assim nos servir.

É claro que podemos e devemos, em muitas situações fingir que não é assim e que amamos o próximo. Por um lado se algumas pessoas se deixam esganar achando que isto realmente acontece é porque não suportam a visão da verdade da sua natureza, pois é muito mais cômodo pensar na nossa super capacidade transcendental de filhos de deuses, seres pensantes ou peças do cosmos, do que reconhecermos nossa insignificância diante do mundo. Por outro aqueles que já assim se enxergam não podem se dar ao luxo de jogar esta vantagem estratégica na luta pela sobrevivência no lixo tentando dar murro em ponta de faca. Devem elas se aproveitar da melhor maneira e usar os ideais dos outros como melhor lhe convierem nos

diferentes encontros existenciais. Muitas vezes perdemos por querer nos impor ideologicamente a aqueles que estão acima de nós, não é assim que se joga. Ideologias são pessoais e respondem a uma necessidade corporal de cada um, e, assim, ninguém abrirá mão da crença que lhe convêm e será persuadido pelos melhores argumentos do outro, mas apenas quando ver nestes alguma vantagem. O melhor mesmo é aprender a vestir diferentes máscaras que te dêem transito no mais abrangente número de círculos sociais possíveis.

Abandonando aquelas pretensiosas idéias e trazendo o Homem para o mundo real podemos nos assustar com o número de vezes que exigimos do outro atitudes que eles não podem ter. Esperar das pessoas um comportamento acima das reais expectativas fará com que você se frustre e perca amizades valiosas no futuro. As vezes esperamos por exemplo o reconhecimento pelo nosso esforço e sacrificio, por coisas boas aos outros que fizemos e não somos atendidos. De imediato invocamos uma ingratidão pelas esperanças que nós mesmos criamos. Uma coisa é a conduta que queremos que os outros tenham conosco, e outra é a conduta que os outros querem ter conosco. Devemos entender que nem sempre o outro está disposto a corresponder nossos interesses, apenas porque ele



mesmo não tem interesse em nós. E nós fazemos o mesmo quando seria nossa vez de mostrar que somos diferentes: descartamos as pessoas sem nenhum remorso quando estas não preenchem mais nossos vazios, pois esta é nossa natureza e não podemos mudá-la. Ao invés de ter raiva daqueles que não nos correspondem é prudente sempre deixar as portas abertas, pois interesses vem e vão, mudam a todo o momento, e por isto amanhã sempre podemos precisar daquele que excluímos hoje.

Ao mesmo tempo não devemos nos prender a esperanças, buscando viver a vida com intensidade e sabendo que a cada segundo milhares de afetos nos atingem, de modo que não há razão para achar que alguém, seja quem for, é fundamental em nossas vidas, sem o qual não existiríamos, porque o valor das outras pessoas não estão nelas, mas em nós, somos nós quem dizemos aqueles que são bons e ruins de acordo com a maneira que eles tratam nossos interesses. Temos com o outro três opções gerais de comportamento. Primeira: O outro me interessa e corresponde ao meu interesse, então ele é bom, eu o amo. Segunda: O outro me interessa, mas não corresponde ao meu interesse. Neste caso ele é ruim, eu o odeio. Terceira: O outro não me interessa e a ele sou indiferente, não sinto nada, não dou a mínima.

Se exigir do outro o que ele não pode dar é um equívoco, o que falar daqueles que se culpam por serem diferentes, por não poderem ir além? Exigir de si mesmos atitudes transcendentais não tem sentido, porque as nossas decisões não são soberanas, não escolhemos o que desejamos e nem como desejamos. É evidente que olhando para o passado e vemos coisas que não gostaríamos de ter feito. Mas se deixar remoer pela culpa não tem qualquer fundamento, já que a nossa escolha é fruto de uma relação de forças interesseiras do corpo que nos levam a uma decisão, sendo nós incapazes de controlar o que queremos.

Não culpo as pessoas que costumam sentir remorso. Isto é mais uma das genialidades da filosofia moderna, que proliferou a crença de que nós somos livres para decidir. Se assim somos, só nos resta nos martirizarmos pelas decisões que tomamos no passado. O contrário é o Homem interesseiro, a devida redenção do corpo, tão castigado após anos de chicotadas da alma. O Homem interesseiro liberta-nos a voar! A questão não é deixar de olhar o passado, mas fazê-lo sem procurar o mordomo perdido nas nossas memórias.

Só agimos dentro das nossas possibilidades. Não podemos achar que somos super-heróis e resolver todos os

problemas do mundo. Precisamos saber que nos preocupamos mais com nossos tesões do que com a sociedade, o Deus, o outro... Não devemos ter vergonha da nossa verdadeira face, verdadeira cor. Já é demais o número de tiranos que colocam as mãos sobre nós para nos governar, só faltava nós mesmos nos chatearmos com nossas atitudes perante o mundo.

## ***7. Fecham-se as cortinas.***

Um cosmos harmônico... Um Deus Transcendente... uma alma racional e livre... quantos foram nossos ideais. Em suas épocas eles sempre garantiram a paz de espírito necessária àquele que busca a felicidade. Se a história dos homens demonstrasse um amor pela constância talvez nos déssemos por realizados com nossos primeiros sonhos. Mas não. Nossos desejos sempre pedem mais, mais forte, mais satisfeito, mais prazer, mais poder! Nossa corrida desesperada para nos vermos situados em uma plataforma segura e firme foi uma faca de dois gumes e minou os ideais que usávamos para este fim. Um a um eles foram caindo, desmoronando aos sons das marretadas do século XIX que finalizavam o serviço e desenhavam um novo horizonte bem menos charmoso.

Sempre atacamos o corpo porque no fundo tínhamos medo que ele fosse o real. Nossas esperanças em idéias perfeitas, nirvanas e paraísos eram mais produto do medo do que da convicção na verdade, patética verdade. Ao mesmo tempo tão perto e tão longe de Sócrates, a cada vez que negávamos nosso invólucro. Estaria ele no mundo das idéias agora? Depois apareceu um outro sujeito. Sofredor, atraiu outros

sofredores loucos para encontrar alguma válvula de escape para seu sofrimento e miséria, para as péssimas condições que os seus corpos eram submetidos. Nada melhor do que pensar em uma alma, assim poderíamos condenar nossos inimigos ao inferno no além mundo, já que neste quem da as cartas são eles. O escapismo de cristo, este é o seu carater salvador. Salva aquele que não tem coragem de viver a vida na vida. Os modernos deixaram Deus de escanteio, não tendo coragem de tirá-lo do jogo logo de cara, mas o resto não mudou muito. A alma existe e nos permite pensar e nos controlar. Penso, logo existo! Não seria existo, logo existo? Ou sinto, logo existo? Muito pouco glamuroso, porque sentir um chimpanzé também sente. Soa melhor à auto-estima o cogito, pois ai puderam inventar todas aquelas bobagens que tivemos espaço de relatar e que tem como resultado nosso maravilhoso mundo novo.

Então um certo dia acordamos e nos vimos perdidos. Como uma criança em seu primeiro dia de escola atordoados relutamos em sair dos braços dos pais. Alguns mesmo não resistiram e voltaram correndo para casa, para o aconchego do lar, para o berço quente que as transcendências podem nos oferecer. Mas àqueles que tiveram coragem de se socializar com seus novos colegas e perceber que agora éramos mais um na

lista de chamada, a recompensa foi o crescimento forte, virtuoso, pronto para as intempéries, as tempestades, a rotina de mudança do mundo real.

E aqui estamos nós. A base que tanto procuramos em instâncias metafísicas estava sob nosso nariz. O Homem interesseiro é nossa nova referência. Com ele uma nova forma de encarar o mundo e buscar a felicidade: a ética da hipocrisia. Se disponha a vestir quantas máscaras forem precisas para contemplar teus interesses. Faça de maneira a manter relações com o maior número possível. Garanta que as portas sempre se mantenham abertas para você. A mentira se tornou algo aceitável. Os desejos não são inimigos, são o que somos. Cuspir no prato que comemos? Pode enganar, mas não dura muito. O melhor é perceber a vida como ela é, uma disputa, um jogo, onde só sai vitorioso aquele que se relaciona bem com os outros, a medida que quer ver seus desejos satisfeitos. Melhor do que querer mudar as regras é entender como a disputa funciona, pois a primeira e principal regra que ninguém está autorizado a quebrar nos perseguirá para sempre: Sobreviva!

## **8. Bibliografia.**

Não seria legal se para mostrar como sou inteligente colocasse todos os livros que tem alguma ligação com este trabalho? Três páginas de bibliografia, isto sim seria bom, não é? Não. Pelo menos não tenho esta necessidade, não é assim que gostaria de aparecer. Prefiro citar poucos livros que consigo me lembrar e que são referências para cada ideal citado.

Na introdução começamos com a velha e boa *Teogonia* de Hesíodo. A parte grega é baseada principalmente em Aristóteles, mas como Homem que simbolizava a mentalidade de seu tempo, em sua *Ética a Nicômaco*. Além disso há uma análise que a mim me agrada muito sobre Édipo rei, de Sófocles.

A parte cristã Dante Alighieri com sua *Divina Comédia* é fantástica. Encontre alguém que saiba contá-la e terá uma bela história. Há também os filósofos cristão, os principais e diferentes Agostinho, com *Confissões*, e Tomas de Aquino, na estupenda *Suma Teológica*, e também a *Bíblia*. Um dos primeiros livros que li, ainda na época da faculdade me marcou muito, um livro mais histórico do que filosófico que fala sobre o surgimento das cidades gregas e romanas e sua ligação com seus

deuses: *A Cidade Antiga*, de Fustel de Coulanges. Sobre este ideal também incluo minha experiência pessoal em algumas igrejas e em encontros com pessoas que se ligam a elas e que convivi minha vida inteira.

Sobre os modernos, é só abriremos os olhos para ver sua influência. Mas as obras de Jean Jacques Rousseau, *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, e as Críticas de Immanuel Kant são marcantes, além de um texto deste autor que acho interessantíssimo entitulado *O que é o Iluminismo*. Dos pós-modernos o coração é Friedrich Nietzsche com sua *Genealogia da Moral*, livro de cabeceira, mais citaria também Miguel Unamuno e seu *Sentimento Trágico da vida* que me fascina.

Por fim um livro que indico àqueles que querem estudar filosofia e que me serviu como a “gota d’água” para escrever este livro, *Aprender a Viver*, de Luc Ferry. Não vou dizer que concordo com ele, mas a forma simples pela qual expõe as idéias é excelente para quem está começando. Enfim, divirtam-se.